

*Patrícia Azambuja
Melissa Moreira Rabêlo
(Orgs.)*

ENSAIOS SOBRE EXPERIÊNCIAS COM OS SUJEITOS DA PESQUISA



EDUFMA



O Rapto das Sabinas, escultura de Giambologna (1574-1583) feita em mármore, está exposta na Loggia dei Lanzi, em Florença.

*Patrícia Azambuja
Melissa Moreira Rabêlo
(Orgs.)*

ENSAIOS SOBRE EXPERIÊNCIAS COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

São Luís



EDUFMA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Reitor
Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos
Vice-Reitor



EDUFMA

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Prof^a. Dra. Diana Rocha da Silva
Prof^a. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues
Prof^a. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro
Prof^a. Dra. Maria Aurea Lira Feitosa
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Dra. Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**



Coletânea
ObEEC
Volume 3
◆◆◆

ObEEC
Observatório
de Experiências Expandidas
em Comunicação
10 ANOS

Copyright © 2023 by EDUFMA

REVISÃO

Letícia Conceição Martins Cardoso
Carlos Agostinho Almeida de Macedo Couto

PROJETO GRÁFICO & FOTOGRAFIA DA CAPA

Patrícia Azambuja



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ensaios sobre experiências com os sujeitos da pesquisa / (orgs), Patrícia Azambuja, Melissa Moreira Rabêlo. – São Luís: EDUFMA, 2023.
172 p.: il. - (Coletânea Observatório em Experiências Expandidas em Comunicação; v. 3).

Modo de acesso: World Wide Web
<www.edufma.ufma.br>
ISBN 978-65-5363-291-2 (Livro Digital)

Pesquisa - Sujeitos - Experiência. 2. Comunicação - Pesquisa - Metodologia.
3. Práticas metodológicas. I. Azambuja, Patrícia. II. Rabêlo, Melissa Moreira.

CDD 001.42
CDU 001.891

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Marcia Cristina da Cruz Pereira
CRB 13 / 418


PRODUZIDO NO BRASIL [2023]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO Patrícia Azambuja Melissa Moreira Rabêlo	9
CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO Vera Veiga França	15
MAPEAR O QUE ESCAPA À RAZÃO Reflexões teórico-metodológicas sobre o processo de pesquisa Ramon Bezerra Costa Larissa Leda F. Rocha	25
PERCURSOS METODOLÓGICOS DIALÓGICOS Proposta de construção coletiva de pesquisa em Comunicação Flávia de Almeida Moura Osmilde Augusto Miranda	39
DIÁLOGO ENTRE OS SUJEITOS NA PESQUISA SOBRE RÁDIOS COMUNITÁRIAS Ed Wilson Araújo	50
“CAMINHOS DA BOIADA” uma possibilidade de pesquisa em colaboração no campo da Comunicação Letícia Cardoso	61
MÉTODOS, CENAS E GÊNEROS MUSICAIS EM TRÊS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA Caroline Govari Lucina Reitenbach Viana Márcio Leonardo Monteiro Costa	75
ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISAS DE FÃS NAS REDES SOCIAIS apresenta reflexões e possibilidade de aplicações metodológicas em torno da Análise de Conteúdo Clarice Greco	97
METODOLOGIA DE PRODUÇÃO TRANSMÍDIA Fundamentos para criação de aula transmídia, uma experiência Ligia Prezia Lemos	122
O USO DO QUESTIONÁRIO COMO INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO DA IMAGEM INSTITUCIONAL DO BLH-UFMA Melissa Silva Moreira Rabêlo	141
POÉTICA DO AGIR Visualidades do microespaço Patrícia Azambuja	153



Apesar do profundo apreço que se tem à objetividade da ciência, não há motivos para conter a poética no fazer científico, por suas prerrogativas racionais, presumivelmente também pela possibilidade de avistar todas as instabilidades do processo. O Rapto das Sabinas, por exemplo, uma história mitológica ligada à fundação e povoamento da cidade de Roma, ilustra este fato histórico e recorrente - o sequestro de mulheres para fins de matrimônio - na sua forma mais nebulosa: como necessidade para o desenvolvimento e, sobretudo, como retrato da profunda violência imposta pelas disputas de poder. Quando a supremacia de quem se considera soberano subjuga a experiência do encontro.

APRESENTAÇÃO

*Patrícia Azambuja
Melissa Silva Moreira Rabêlo*

A terceira edição da Coletânea do Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação (ObEEC), Grupo de Pesquisa vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFMA, é fruto de 10 anos de encontros e debates sobre metodologias em comunicação, em suas mais diversas interfaces de pesquisa. Preocupações sobretudo voltadas às visões multifacetadas dos objetos e suas múltiplas perspectivas.

Ao considerar algumas das discussões do Grupo, quando passamos a compreender as práticas metodológicas como o núcleo aglutinador das discussões levantadas, observamos a trama de relações imbricadas nas etapas de problematização e desenvolvimento dos trabalhos científicos. Seja o olhar para as manifestações culturais, no geral, ou suas transversalidades ao envolver epistemologias ou abordagens junto aos diversos sujeitos pesquisados, nos diferentes âmbitos de suas existências.

São os modos de fazer pesquisa que atraem a nossa atenção. Quais os propósitos? Vertente epistemológica? Focos pretendidos? Como procedemos? Escolhas estas que definem a própria interconexão dos objetos pesquisados e seus pesquisadores. Alguns textos estudados nortearam as discussões dos últimos 2 anos, em especial, as conexões entre Teoria da Comunicação,

Filosofia da Ciência e suas preocupações em torno das linguagens e dos sentidos decorrentes. No entanto, também pautam os efeitos que emergem das sobreposições inevitáveis entre os meios de comunicação e a sociedade em transformação. Este conjunto de relações técnicas aciona um repertório de questionamentos de cunho prático, das novas relações com o fazer instrumental, muito importante para os profissionais da área, além de suscitar outro tanto de viés reflexivo. Há, sobretudo, o protagonismo dos sujeitos nos processos de construção dos objetos de investigação, bem como, o exercício dialógico da pesquisa de campo.

A publicação portanto reúne experiências empíricas de membros e colaboradores do Grupo, reforçando os momentos de trocas valiosas e a parceria institucional/ colaborativa entre a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e alguns dos mais importantes centros de pesquisa em comunicação, com destaque aqui para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Instituto Superior Politécnico Sol Nascente de Angola (ISPSN), a Universidade Paulista (UNIP), a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

*Com foco na diversidade e nos estudos interdisciplinares, podemos encontrar nesta coletânea trabalhos sobre o fazer metodológico. No primeiro, um roteiro oportuno sobre o sentido da pesquisa (em Comunicação), quando a prof^a. Dr^a. Vera França, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), por ocasião do X Ciclo de Debates do ObEEC/UFMA, em 2022, apresentou questões fundamentais sobre o ato de pesquisar, a busca sistemática por conhecimento e a necessidade de guias metodológicos ou procedimentos adequados aos objetivos traçados. Para Vera França, o que caracteriza a pesquisa em qualquer ciência, ou determinado campo, é o seu olhar, ou seja, aquilo que se procura conhecer. Assim, o debate **Caminhos metodológicos da pesquisa em Comunicação** coaduna reflexões sobre o tema central desta coletânea, articulado em torno das formulações de problemas e sua natureza empírica.*

Se por um lado, o apuro científico recomenda caminhos próprios e comedimentos, há de se estar atento também àquilo que escapa à razão. Os professores doutores Ramon Bezerra Costa e Larissa Leda F. Rocha sugerem

algumas reflexões teórico-metodológicas sobre o processo de pesquisa a partir de uma pergunta central: como mapear o que escapa à contenção da racionalidade? Para isso desenvolvem o ensaio **Reflexões teórico-metodológicas sobre o processo de pesquisa**, apoiado em mediações metodológicas e epistemológicas. Para os pesquisadores, é preciso também validar estudos que assumam as instabilidades dos objetos multifacetados, ao considerar inclusive as processualidades de sua natureza heterogênea, suas inconstâncias e incertezas. Isto porque os objetos da comunicação mobilizam questões que transcendem sua configuração técnico-midiática, envolvem interação e vínculos sociais. Neste sentido, o artigo empreende um esforço no intuito de articular referencial bibliográfico e apresentar métodos por sua capacidade de desenhar redes de forças às quais objetos e/ou fenômenos encontram-se conectados por meio de implicações comuns, apesar de suas instabilidades.

Na perspectiva ainda de não separação entre sujeito-objeto, pesquisador-pesquisado e preocupações Benjaminianas em torno dos modos de vida de determinada época ou lugar, os artigos subsequentes apresentam resultados de relatos de campo que têm servido como guias para alguns itinerários acadêmicos. Sendo a possibilidade de interlocução nosso grande estímulo, a prof^a. Dr^a. Flávia Moura, da UFMA, e o prof. Dr. Osmilde Augusto Miranda, professor do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, em Huambo/Angola, abordam alguns percursos metodológicos dentro de perspectivas coletiva e colaborativa, quando buscam romper, no âmbito do trabalho de campo, com a ideia de sujeito-objeto. No artigo **Percursos metodológicos dialógicos: proposta de construção coletiva de pesquisa em Comunicação**, os pesquisadores destacam a importância de deslocar os lugares de fala de seus informantes, tratando-os como sujeitos participantes e co-autores na construção do conhecimento científico. Essas reflexões consideram os processos e caminhos de pesquisa, compreendendo que tanto o pesquisador como o sujeito pesquisado podem, a partir da relação dialógica, produzir conhecimento capaz de transformar de forma bilateral a realidade questionada.

O mesmo caminho é seguido pelo prof. Dr. Ed Wilson Araújo, no capítulo intitulado **Diálogo entre os sujeitos na pesquisa sobre rádios comunitárias**, que aborda técnicas de pesquisa em uma perspectiva coletiva - sedimentada no diálogo dos diversos sujeitos envolvidos no processo de produção de co-

nhecimento. O pesquisador explora a roda de conversa como potência para o trabalho de campo, elaborada no espaço de conversação e no exercício da oralidade. Por consequência, reflete no fazer metodológico este encontro estabelecido na “dinâmica da conversação” e nas subjetividades dos interlocutores, em um processo de busca de informações qualitativas pelo viés entre objetivação e subjetivação.

Esta perspectiva se mantém no trabalho desenvolvido pela profa. Dr^a. Leticia Cardoso, quando inicia o capítulo seguinte com as palavras da poetisa brasileira Cora Coralina: “o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada”. Assim, introduz seus relatos sobre o texto **“Caminhos da Boiada”: uma possibilidade de pesquisa em colaboração no campo da Comunicação**. A relação metafórica entre percurso metodológico e pesquisa social implica compreender a metodologia como um modo de caminhar, “um caminho que deve ser traçado, trilhado, experienciado e compartilhado com outras pessoas”. Logo um percurso não apenas responsável por coletar informações ou dados objetivos, mas momentos de interação com pessoas, absorvendo muito delas e deixando um pouco de si nelas. “No ponto de chegada, que seria o encerramento da pesquisa, já somos outros”. A cartografia cultural utilizada pela professora, ao final, gera resultados concretos, mas sobretudo compartilhamentos de valores próprios, sentimentos e o sentido de pertencimento dos membros dos grupos pesquisados.

Como reforço à proposta geral da coletânea e seguindo discussões acerca dos métodos, o artigo dos professores doutores e pesquisadores Caroline Govari, Lucina Reitenbach Viana e Márcio Leonardo Monteiro Costa, intitulado **Métodos, cenas e gêneros musicais em três trajetórias de pesquisa**, apresenta o entendimento comum de que, no âmbito das Ciências Sociais, as investigações sobre música “são atravessadas pelos conceitos recorrentes e emergentes de cena e gênero musical”. Este capítulo apresenta algumas das preocupações em torno da relação entre gêneros musicais (em contexto urbano) como objeto de pesquisa, ao utilizar a abordagem etnográfica, a netnografia e a entrevista biográfica como ferramentas metodológicas.

Ao seguir também uma perspectiva contemporânea, Clarice Greco, professora doutora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), no capítulo **Análise de Conteúdo em pesquisas**

de fãs nas redes sociais, apresenta reflexões e possibilidade de aplicações metodológicas em torno da Análise de Conteúdo, direcionada para o campo dinâmico dos estudos de fãs em redes sociais digitais.

Sob forma de relato de experiências, a prof^a. Dr^a. Ligia Prezia Lemos, pesquisadora vinculada à ECA/USP, apresenta o envolvimento com a sistemática de criação de aula transmídia. O artigo **Metodologia de produção transmídia** descreve algumas possibilidades de operacionalização de processos, mídias e conteúdos criados/utilizados para o ensino, levantando a discussão sobre metodologia de produção transmídia a partir dos seus mecanismos de ativação ensino-aprendizagem. O intuito central é estabelecer recursos didáticos capazes “de atuar como estímulo para a formação crítica e criativa de produtores de conteúdo transmídia”.

Ainda seguindo a perspectiva das experiências empíricas, com a apresentação de um instrumento de pesquisa, o artigo **O uso do questionário como instrumento de divulgação da imagem institucional do BLH-UFMA** traz reflexões em torno da realidade na área da saúde. A prof^a. Dr^a. Melissa Moreira Rabêlo apresenta suas abordagens práticas do campo, a partir do desenvolvimento de ações de comunicação institucional para o Banco de Leite Humano do HU-UFMA. O questionário elaborado na pesquisa apresentada acaba por ser utilizado também para expor a missão, visão e valores da entidade, o que cria mais um instrumento de contato e reforço de imagem junto aos públicos de interesse.

Demonstrando assim nossa premissa básica de “caminhar” pelos diferentes olhares e multiplicidade de experiências nos processos metodológicos do campo da Comunicação, finalizamos este terceiro volume da Coletânea ObEEC com a indagação pragmática, proposta pela prof^a. Dr^a. Patrícia Azambuja: “Será que posso diferenciar aquilo que vejo daquilo que está à minha frente, a me ver?”. Por meio do **Ensaio metodológico sobre o agir - visualidades do microespaço**, utiliza-se como inspiração e referência Georges Deleuze e Guattari, para então “interrogar o tom de certeza”. Em busca de compreender os vínculos ativados pelas experiências do encontro entre pesquisador e sujeitos pesquisados, entendimento fundamental para o amadurecimento dos processos científicos apresentados até aqui, há também na relação entre filosofia e imagem outras possibilidades de encontro, em especial, os vínculos

entre ética e estética, quando evidenciam implicações intersubjetivas. A poética do fazer converte-se no fazer poético, materializado no ensaio fotográfico que preenche o último capítulo. “Didi-Huberman (2012, p.52) assume que delegamos muito pouco às imagens, pois pedir-lhes toda a verdade nos leva certamente à decepção com os fragmentos arrancados, os pedaços peculiares, quase sempre inadequados, para nós. Para saber é preciso aprender a imaginar, ou imaginar-se em outra posição. A do outro. Aquele outro invisível e impróprio, a nos ver: uma difícil ética para as imagens”. O ensaio imagético portanto tem por objetivo questionar, mais um vez, a retórica das certezas, ao pressupor nas imagens a capacidade de formular capacidades imaginativas.

A ideia de trocar experiências de investigações que levam em consideração a agência desses sujeitos (pesquisados), na construção de saberes tradicionais e científicos, é vital para dar lugar a outras vozes na academia. Reflexões em torno dos campos das Ciências Sociais e Humanas sempre foram transversais às diversas instâncias do saber; no entanto, o que podemos admitir é que hoje, de algum modo, nossos parâmetros podem ser outros.

Sinta-se à vontade, com esta coletânea, para inquietar-se e aprofundar sua reflexão sobre abordagens e métodos de pesquisa no campo da comunicação. Esse é o nosso propósito.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO*

Vera Veiga França

** Palestra proferida por Vera Veiga França no X Ciclo de Debates do OBEEC, em 08 de julho de 2022. Trabalho de transcrição realizado por Maria Luiza de Moraes Rego Moreira, Rayra Farias Guimarães, profa. Melissa Silva Rabelo, e edição para texto final, pela profa. Vera Veiga França.*

A possibilidade de interlocução em torno da metodologia de pesquisa em nosso campo de estudo é sempre estimulante. Proponho, neste nosso diálogo, um roteiro marcado pelas seguintes questões: o que é pesquisa? O que é pesquisa em Comunicação? E o que é, afinal, *Comunicação*? Concluo este breve percurso com exemplos de algumas pesquisas realizadas por nosso grupo de pesquisa¹.

A produção de uma dissertação ou tese traduz-se em algo maior do que uma formação pós-graduada e um título. Desenvolvê-las compreende uma experiência, uma iniciação, depois um aprofundamento da atividade de pesquisa. A pós-graduação é exatamente a nossa introdução no terreno da pesquisa e da busca pelo conhecimento. Pesquisar é isso: a busca sistemática de conhecimento através de ferramentas científicas.

Porém a pesquisa científica não é a única forma de produzir conhecimento. Diferentes formas de pesquisa atravessam nosso cotidiano: pesquisamos preço, pesquisamos roteiro de viagem, um chef de cozinha pesquisa combinações de ingredientes e temperos. Também dispomos de diferentes formas de conhecimento: religioso, místico, artístico. Sem isolá-lo completamente dessas outras formas, nosso tipo de conhecimento, na academia, é o conhecimento científico, e nosso trabalho é a pesquisa científica. Esse é o nosso terreno, e ele apresenta especificidades. A pesquisa científica é um processo de conhecimento guiado por métodos, adotando certos procedimentos vinculados a uma sistematicidade, guiados com rigor e disciplina de trabalho.

O que caracteriza a pesquisa em qualquer ciência, não só na Comunicação, é o seu olhar, ou seja, aquilo que ela procura conhecer. O que distingue um campo científico (Sociologia, Ciência Política, Psicologia) não são exatamente objetos empíricos distintos, diferentes recortes do mundo, mas a maneira como se dão esses recortes e como são tratados por cada uma. Um dado fenômeno (um fato da realidade) - os movimentos sociais, por exemplo - pode ser analisado por várias delas, e o que dá a especificidade das diferentes abordagens de um mesmo "objeto" é o tipo de indagação construída por seu campo de inserção. O que caracteriza a pesquisa em Comunicação, assim, é a indagação comunicacional, o que nos leva a perguntar: o que nós, comunicadores, buscamos conhecer?

¹ Refiro-me ao Grupo de pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) da UFMG, criado em 1994 e atualmente dirigido pela profa. Paula Simões.

Para responder a esta pergunta quero destacar algo que é sempre necessário enfatizar: a distinção entre o objeto empírico e o objeto de conhecimento. Objetos empíricos são os fenômenos do mundo. Trata-se da dimensão empírica, sensível da realidade que nos alcança; é o mundo que a gente vive, com suas práticas, objetos e pulsações. Já os objetos de conhecimento se referem à maneira como recortamos e tratamos os objetos empíricos.

Objetos empíricos não são exclusividade de nenhum campo: tratamos particularmente dos objetos e práticas midiáticas, mas eles podem ser (e efetivamente são) também estudados por outras disciplinas, assim como nós, da Comunicação, nos debruçamos sobre inúmeros fenômenos de nossa realidade. Podemos estudar um jornal, um movimento social, uma campanha eleitoral ou as discriminações que pesam sobre as mulheres negras. A distinção está na maneira como vamos tratá-lo, nas perguntas que vamos dirigir-lhe. A especificidade da Comunicação é olhar para os objetos do mundo, os objetos empíricos, através de uma abordagem comunicacional, buscando apreender de que maneira a dimensão comunicativa se torna presente e constitutiva daquele objeto. Um *objeto de estudo da comunicação* é construído pela concepção de comunicação que dirige nossa apreensão de determinada empiria.

E o que é Comunicação? Sem dúvida, é mais do que um processo transmissivo (emissor-mensagem-receptor), é mais do que a linguagem, e compreende a complexidade e circularidade que marcam as relações entre esses diferentes elementos². O fenômeno comunicativo é complexo e abrangente; para estudá-lo precisamos estar munidos de uma concepção igualmente complexa e abrangente. No nosso caso (no GRIS), adotamos uma concepção relacional da comunicação, tomando a comunicação como uma interação entre sujeitos interlocutores que se realiza através da produção de símbolos, em um dado contexto. A comunicação é um processo de globalidade, é um todo, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, se relacionam através da linguagem. A comunicação tem uma dimensão situacional: o contexto interfere no fazer comunicativo e, através da linguagem, os sujeitos interlocutores produzem e estabelecem sentidos. Sua dimensão simbólica (presença da linguagem) conforma uma dada relação

² Nossa concepção de comunicação é devedora do modelo praxiológico da comunicação, conforme trabalhado por Quéré [QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. In: FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula (org.). *O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

entre um e outro, eu e vocês. Estabelecemos, partilhando juntos de um processo comunicacional, um entre-nós, dentro do qual cada um se posiciona.

É esse olhar de globalidade e essa perspectiva relacional que devem orientar o ponto de partida de uma pesquisa em comunicação. A comunicação é ação no mundo. Não se trata de um processo abstrato, que se realiza apenas no terreno das ideias, do sentido. Ela é uma prática social, é intervenção no mundo, implica seleção e escolha. É uma ação conjunta empreendida por sujeitos que fazem escolhas, posicionam-se; daí a ideia de interlocutores, da interrelação, da presença de um e de outro. Pelo menos dois sujeitos estão presentes no processo comunicativo, quer se trate de um efetivo diálogo ou uma relação unilateral, onde um fala e o outro escuta, pois de toda forma um e outro estão sempre presentes, se afetando. Temos assim uma dinâmica marcada pela reflexividade, e a linguagem é o meio, a mediação através do qual a interação se faz possível. Ela, a linguagem, a presença do simbólico, é o grande distintivo de uma relação comunicativa, de uma interação comunicativa. Outras (múltiplas) interações ocorrem na vida social; chamamos comunicativas aquelas que se fazem através da linguagem, de gestos simbólicos (ou estes se manifestam de mais explícitas e determinantes – já que é difícil achar interações sociais que não sejam permeadas por alguma forma de linguagem).

Chamamos essa abordagem de relacional porque ela olha para diferentes cruzamentos: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com a linguagem, a intervenção dos dispositivos, a interferência do contexto. Trata-se de uma natureza relacional e processual. A comunicação se desdobra no tempo. Ela começa antes de iniciar (existe um contexto prévio que imprime suas marcas no que se segue) e não termina no seu ponto final (pois desdobramentos sempre podem ser identificados). Marcada pelo estímulo e resposta dos sujeitos, é passível de desdobramentos previstos e imprevistos.

Um comício de Lula na Cinelândia³ pode ser um objeto de estudo dos cientistas políticos, pensando nas relações e na intervenção do petista nesse cenário complexo que é a política no Rio de Janeiro, na relação com o PSB e o PSOL. Nós olhamos para uma situação como essa na sua dimensão comunicacional: Quem discursou? Qual foi o discurso do Lula? Que sentidos foram acionados? Qual a simbologia presente? Como reagiram as cinquenta

³ Este texto foi escrito no contexto das eleições presidenciais de 2022.

mil pessoas que estavam presentes na Cinelândia? Como se deu a cobertura da mídia? Nosso elenco de questões se desenha a partir da ideia (concepção) do que é um processo comunicativo. Um comício, assim como uma telenovela, pode ser visto e desdobrado em suas várias dimensões, atentando para os elementos que o configuram enquanto interação comunicativa.

Tomando, assim, como ponto de partida a compreensão da comunicação enquanto fenômeno de globalidade, passemos então à maneira de pesquisá-lo. Numa pesquisa, dois eixos se sobressaem e estão intimamente vinculados: o problema de pesquisa e a metodologia. A metodologia é umbilicalmente ligada ao problema, pois é ele que aponta o caminho a ser trilhado. São as perguntas que orientam aquilo que devemos responder, e os métodos se referem à forma de buscar respostas.

A metodologia da pesquisa em comunicação é diversificada, e resultado da “pilhagem” em diferentes searas; trabalhamos com uma profusão de métodos e instrumentos, de origens diversas. Alguns campos vizinhos desenvolveram e apresentam ferramentas bem específicas: é o caso da etnometodologia, na Antropologia; a história de vida, na História. Esses mesmos instrumentos, entre outros, são também utilizados nas pesquisas em Comunicação. Nosso campo constrói sua metodologia quase exclusivamente através da apropriação de ferramentas desenvolvidas em outras ciências.

Assim é que diferentes métodos e abordagens, vindos das outras ciências humanas e sociais, fazem parte do repertório da pesquisa em Comunicação. A análise sócio-histórica, contextualizando uma prática comunicativa que é objeto de nosso estudo, é praticamente um percurso obrigatório. Vamos estudar um dado gênero comunicativo – o telejornal policial, por exemplo; ou a figura de um apresentador, como Datena. Precisamos conhecer o percurso da televisão, do telejornalismo, no Brasil; dos programas que inauguraram o gênero, dos apresentadores que foram precursores. Precisamos, sobretudo, situar que Brasil é esse, e como nossa cultura acolhe/ direciona esse jornalismo e esses apresentadores.

Nossas pesquisas por vezes nos levam para um “trabalho de campo”, uma exploração do terreno através da observação (de eventos, de comportamento de audiência); fazemos um tipo de etnografia, embora não com o rigor dos antropólogos. A observação na internet até já ganhou um nome: netnografia, seguindo alguns protocolos desenvolvidos pela nossa apropriação.

Um outro tipo de abordagem, bastante frequente, é a análise das interações entre a produção e a recepção de determinado produto ou intervenção (uma série, uma campanha publicitária, a performance de determinado artista), identificando a posição dos dois lados da interação, ou seja, dos interlocutores. Trata-se, nesse caso, de uma análise dos quadros de sentido que orientam uma determinada situação e do posicionamento dos sujeitos envolvidos.

A abordagem mais comum em nossa área é, sem dúvida, a análise das mensagens (textos). E aqui dispomos de diferentes tipos (métodos) de análises textuais, devedoras de tradições diversas vindas do campo da Linguística. A mais simples é a análise de conteúdo; esta, aliás, talvez seja uma criação genuína dos primeiros estudos da Comunicação. Porém para além dela temos várias outras opções: análise do discurso, da narrativa, da retórica.

Também fazemos análise dos gêneros, do suporte: características técnicas do dispositivo, análise morfológica, análise do formato, caracterização da linguagem. Enfim, são inúmeros os métodos disponíveis para as análises. O que coloca a questão: diante de tantas ferramentas disponíveis, como escolher? Pela minha experiência, sei que esse é um momento de angústia para nossos orientandos e orientandas, e caracteriza o que podemos chamar de “crise da metodologia”. A metodologia (reitero) é pensada a partir do problema, e as perguntas que devemos fazer são: o que ele pede? Para onde ele está me dirigindo? Uma metodologia se impõe a partir da definição de um problema. O ponto de partida é um problema no domínio do sensível, uma questão que atravessa nossa realidade.

A força da personagem Anitta, a cobertura pela imprensa brasileira da guerra Rússia x Ucrânia, a atuação da UNIJAVA (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari) podem ser “objetos” de uma pesquisa comunicacional (como podem ser de outras disciplinas). Escolhido o objeto, partimos para a construção do problema, explicitando o tipo de conhecimento que buscamos desse objeto, já que várias indagações são possíveis. No contexto do assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips⁴, podemos fazer uma análise de conteúdo ou uma análise do discurso do informativo da UNIJAVA, podemos focar na comunicação interna desse órgão, em sua relação com o público externo e/ou com a mídia, em seu diálogo com a Funai e demais órgãos do Governo. Cada

⁴ O indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados em Atalaia do Norte, Amazonas, em 5 de junho de 2022.

uma dentre essas opções nos conduz a um desenho metodológico particular.

O problema (comunicação da UNIJAVA) tem de ser problematizado, ou seja, submetido, e apoiado em uma fundamentação teórica: quais conceitos e perspectivas vão tornar mais densa, delicada e perspicaz a nossa indagação? De que maneira torná-la, de fato, uma indagação de natureza comunicacional? A problematização é a complexificação do problema, a partir de referências teóricas pertinentes; é ela que orienta a construção metodológica, desdobrando-se em perguntas que, por sua vez, trazem indicações de onde buscar as respostas. As indagações sobre o objeto ganham forma na qualidade de *indicadores*, num procedimento que chamamos de *operacionalização dos conceitos-chave*.

Recapitulando: a problematização de nosso objeto destaca conceitos que se tornam a base das perguntas que formulamos. São esses conceitos que iremos traduzir em indicadores. Então, a operacionalização dos conceitos é transformar conceitos, traduzir conceitos em indicadores.

Se eu quero analisar o desempenho e o sucesso da Anitta, desempenho, performance e sucesso se traduzem em alguns elementos observáveis, como aspectos de seu comportamento em determinadas situações, mudanças visuais, posicionamento frente a determinadas situações, uso de palavras, meios e formas de se dirigir a seu público. Indicadores são elementos concretos me ajudam a caracterizar o desempenho da cantora. Quando falo do sistema de comunicação da UNIVAJA, vou atentar primeiramente para os meios utilizados pelo órgão e para quem ele se dirige (quais são seus públicos). Também posso me interessar pelo discurso que ele constrói: quais temas, quais valores são acionados em suas mensagens? Se pergunto pelo seu posicionamento político-ideológico, pode ser interessante perceber que narrativa é construída para falar das ameaças sofridas pelos povos indígenas da região, como estão sendo relatadas as intervenções dos garimpeiros e da polícia federal, como foi contado o assassinato de Bruno e Don, que tipo de relação de poder identificam. Operacionalização de conceitos é traduzir a pergunta, que está fundada em um ou mais conceitos (performance, ideologia, interação), em questões práticas que nos permitam encontrar respostas.

Falei aqui de questões hipotéticas, quero também trazer alguns exemplos de pesquisas por nós desenvolvidas no GRIS ao longo dos anos. Naturalmente farei apenas um breve resumo, com o objetivo de concretizar um

pouco esse movimento que vai do problema à busca de respostas, à operacionalização dos conceitos e à seleção de indicadores.

Meu primeiro exemplo é minha própria tese de doutorado, desenvolvida no início dos anos 90, e que teve como objeto de estudo o jornal *Estado de Minas*⁵. Na época e ao longo de muitas décadas ele foi um jornal importante, chamado de “o grande jornal dos mineiros”. Meu problema de pesquisa se construiu em torno da relação entre o jornal e a cultura mineira. Apoiei-me na hipótese de que a sustentação do jornal - fraco do ponto de vista jornalístico - era a sua inserção na cultura mineira, também chamada de mineiridade. Eu podia ter perguntado sobre as relações entre o *Estado de Minas* e a política mineira, já que os laços estreitos que o jornal mantinha com o Palácio da Liberdade eram sabidamente uma de suas fontes de sustentação. Mas meu problema não apontava para isso, e não me parecia que as relações políticas poderiam explicar a adesão dos leitores. Então minha pergunta foi: qual a relação do jornal com a cultura, com a sociabilidade mineira, e o que caracteriza a cultura mineira? Busquei entender então o que é chamado de “mineiridade”, e quais seriam seus indicadores. Foi sobretudo a literatura mineira que me permitiu recuperar esses traços e características atribuídas aos e pelos mineiros quanto ao modo de ser, de se relacionar, de falar de si e do outro. Mas eu precisava sobretudo de perceber esses traços no jornal, e de que maneira a construção de sua narrativa, o seu contar, relacionavam a palavra do jornal e o modo de falar do mineiro. Precisava olhar para a relação do jornal com os leitores e dos leitores com o jornal.

Para responder a tudo isso comecei com uma contextualização da imprensa mineira e da história do jornal, misturadas com a própria história do estado de Minas Gerais. Para analisar a narrativa do jornal, eu escolhi um dado acontecimento que acompanhei ao longo de dois meses. A partir do conjunto de textos coletados busquei reconstruir a narrativa que o jornal desenvolvia desse acontecimento. Por fim, entrevistei jornalistas e alguns leitores, através de uma amostra qualitativa. Delineei “leitores exemplares” de diferentes cidades e situações, utilizando entrevista aberta, explorando a relação dos leitores com o jornal e o jornal na vida deles. Entrevistei alguns jornalistas que

⁵ FRANÇA, Vera. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

trabalharam em diferentes épocas no jornal. Então, com essas várias entradas - aspectos da cultura mineira, narrativa do jornal, fala dos leitores e de jornalistas - eu pude traçar a teia de relações e interseções entre jornal, leitores, vida cotidiana. Identificar traços que ligavam a linguagem do jornal a um jeito mineiro de falar, a nossas tradições foi o caminho para entender a interseção jornal e cultura mineira.

Um segundo exemplo foi um projeto, integrando vários professores e estudantes, sobre as imagens dos candidatos ao Governo de Minas Gerais nas eleições de 1994. Nosso propósito era buscar as representações, as imagens construídas pelos quatro candidatos principais. Para isso buscamos estabelecer um cruzamento entre a fala dos próprios candidatos, a fala da mídia sobre eles, a fala dos eleitores. Numa primeira vertente analisamos de que maneira os candidatos falavam deles mesmos em suas diferentes formas de apresentação: material impresso, comícios, propaganda no rádio e televisão. No que diz respeito à mídia, fizemos um recorte e acompanhamento de um jornal e uma rádio de Belo Horizonte, tentando aprender o que essa mídia mineira falava dos quatro postulantes ao governo. Sobre os eleitores, restringimos nossa amostra a Belo Horizonte; trabalhamos com algumas famílias de diferentes níveis socioeconômicos que foram acompanhadas e entrevistadas ao longo de quatro meses, desde um primeiro momento em que elas não conheciam bem as candidaturas até o momento de decidir em qual deles votar.

A confluência desses dados nos permitiu radiografar e confrontar as maneiras como eles se apresentavam, a forma como o jornal falava deles, a reconstrução feita pelos eleitores e as suas famílias. Foi possível retratar a imagem que os candidatos queriam mostrar de si mesmos - um bom mineiro; um empresário de sucesso; uma celebridade midiática. Um quarto candidato apoiava-se apenas na força de sua argumentação. Pudemos perceber qual candidato foi escolhido pela mídia, bem como a oscilação de suas representações no imaginário dos eleitores. Ao final, o vencedor foi um político novo na disputa eleitoral, porém filho de político tradicional e inscrito numa tradição política do estado, o que indicou quais representações falaram mais forte junto ao eleitorado. É claro que leituras da campanha constituem apenas um dos elementos que atuam numa eleição; embora não fizesse parte de nosso estudo, não negligenciamos as alianças políticas e a força do poder econômico fazendo parte da campanha. No entanto, pudemos captar os ele-

mentos comunicacionais que fortaleceram a vitória de um dos candidatos.

Outro projeto de pesquisa foi desenvolvido por Paula Simões, em sua tese de doutorado (2011)⁶. A pesquisa abordou a imagem e os acontecimentos que marcaram a carreira do jogador de futebol Ronaldo Fenômeno. O trabalho observou a trajetória do atleta, utilizando como referência o conceito de acontecimento. A autora olhou para a trajetória do jogador, selecionando cinco momentos de sua carreira. O conceito de acontecimento se desdobrou em vários indicadores: o que foi destaque e o que se falava sobre Ronaldo Fenômeno em cada momento; o que ele fez ou deixou de fazer (suas ações); como os acontecimentos foram transformados em narrativas, quais personagens faziam parte delas, desempenhando quais papéis. A análise final resultou do cruzamento desses vários acontecimentos e dos sentidos que eles evocaram.

Por último (procurando apresentar objetos empíricos bem diferentes), remeto-me à tese de Suzana Lopes⁷, que estudou o Círio de Nazaré, uma festa religiosa católica de grande expressividade, em Belém do Pará. O evento acontece muito mais nas ruas, nas interações diretas, do que na mídia. A autora focou nas interações comunicativas, na simbologia que cerca as diferentes intervenções, e cunhou um conceito interessante - cenas comunicativas. Várias cenas foram objeto de sua análise: famílias que faziam terços para distribuir, caracterização das diferentes comemorações (não apenas a procissão principal, mas os diversos outros eventos que cercam a festa do Círio). Esse conjunto de interações comunicativas, públicos, intervenções, linguagens e símbolos que compunham as cenas permitiram que Suzana captasse a dimensão comunicacional que permeia e constitui o evento, a pluralidade de sentidos que fazem do Círio o que ele se tornou.

Não quero me alongar mais. Através desses exemplos, retratados em pinceladas, busquei enfatizar, para além de uma reflexão apenas de natureza teórica, o quanto é importante objetivar e ter clareza de nosso problema de pesquisa. Ele é o grande orientador da metodologia a ser construída, do caminho a ser percorrido.

⁶ SIMÕES, Paula Guimarães. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. 2012.

⁷ LOPES, Suzana Cunha. *Vem ver Belém a festejar. Análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. 2018.

MAPEAR O QUE ESCAPA À RAZÃO

Reflexões teórico-metodológicas
sobre o processo de pesquisa

*Ramon Bezerra Costa
Larissa Leda F. Rocha*

Considerações iniciais

Pensar a pesquisa científica e seus modos de fazer a partir de uma perspectiva que coloca a experimentação, o não-dito, o balbucio, não é o habitual nem na formação dos pesquisadores, em universidades e institutos de pesquisa, nem na bibliografia que se dedica a pensar tais questões. Entender o pensamento científico e acadêmico como dotado de saber racional, lógico, coerente, conformado por práticas e métodos que ensinam como observar, definir o objeto, lê-lo e interpretá-lo pode, facilmente, sofrer a acusação de ser um fetiche contemporâneo, em um momento histórico no qual há pouco espaço de respiro para aquilo que escapa à razão no conhecimento científico. E, no entanto, há sempre algo que o rigor acadêmico não pode conter.

Este trabalho busca precisamente isto, lançar nossa atenção àquilo que nos escapa, nos ultrapassa e, por vezes, não consegue ser, por nós, explicado. Trata-se de tentar responder a uma pergunta orientadora: afinal, como mapear aquilo que escapa da contenção da racionalidade? Essa racionalidade que nos foi explicada como a espinha dorsal da lógica científica, que marca para nós, cientistas, limites tão definidos que, como as fronteiras, estão lá, quase a serem tocadas na experiência material da vida. Como pesquisar objetos caracterizados por conjuntos de relações instáveis, processuais, entre elementos de naturezas diversas? Se há objetos sobre os quais nos desejamos perguntar e que escapam de definições tão ajustadas à lógica científica, não seria o caso de tensionarmos esses saberes estabelecidos? De nos preocuparmos não em destrinchar e decifrar o objeto, mas pensar seu processo de construção assumindo suas inconstâncias, incertezas e desestabilizações? Objetos assim compreendidos, certamente, exigem novos olhares e abordagens.

É possível que o leitor se pergunte: por que se preocupar com a construção de algo e não com a coisa em si? Poderíamos estar interessados simplesmente em definir, caracterizar e ilustrar qualquer objeto em específico ao invés de buscar analisá-lo como questão de produção subjetiva e de comunicação/vinculação social, por exemplo. Ou por que realizar e/ou validar um estudo que assume a instabilidade e a processualidade do objeto e seu aspecto multifacetado? Qual a validade/importância de uma pesquisa que tem como resultado a análise do processo de construção de algo? Mas se o que nos interessa aqui é exatamente o fato de um objeto ser constituído por arranjos instáveis de elementos heterogêneos – que precisam ser levados em

consideração - como então evidenciar a interconexão desses elementos, sua lógica e o que resulta dela senão pela descrição e análise de seus processos? E como fazer isso sem deixar de atentar para a constituição dos modos de vida e dos vínculos sociais que eles implicam e exprimem? Aqui, desenvolvemos um ensaio teórico, tendo o campo da comunicação como foco de interesse. Este texto apoia-se em reflexão teórica e análise bibliográfica.

Algumas reflexões

Foucault (1999), quando analisa a constituição das ciências humanas, por exemplo, está preocupado em observar as condições de possibilidade que configuram aquelas formas de conhecimento, ou seja, refletir sobre as bases a partir das quais os saberes são produzidos. Ainda que nossa proposta não seja realizar um estudo como esse, parece imprescindível, em qualquer pesquisa, estabelecer e precisar as condições de produção do conhecimento tanto quanto possível. Consideramos que qualquer estudo precisa estabelecer suas condições não só metodológicas, mas também epistemológicas, isto é, evidenciar as premissas, a natureza e as condições de produção do conhecimento elaborado para que se possa compreender sua validade. Diante disso, precisamos compreender a quais premissas estamos nos referindo.

Gabriel Tarde (2007) e Bruno Latour (2012) - este último seguindo as pistas deixadas pelo primeiro - consideram o que chamamos de "sociedade" ou "social" não como um domínio específico, já dado, estabilizado, ou uma categoria analítica; mas como conjuntos vivos de relações nos quais emerge "uma série de associações entre elementos heterogêneos" (LATOUR, 2012, p.23). Nesse social entendido como "modalidade associativa", os fenômenos que observamos são o que se configura em relações de afetação mútua entre diversos "atores", isto é, "qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator" (LATOUR, 2012, p.108), podendo ser um site, uma empresa, um depoimento, uma norma, um profissional, um pesquisador. Latour (2012) propõe, assim, o abandono das separações ontológicas entre "natureza e cultura" e "humano e não humano".

Esses "atores" humanos e não humanos, defende Latour (2012), devem ser considerados de maneira simétrica, isto é, como tendo ambos algum "peso" ou capacidade de agência nos processos de que participam - podendo

esse “peso” sempre alterar-se, dependendo do tipo de arranjo de forças em que se encontrem. Esses conjuntos de relações entre “atores” heterogêneos costumam estabilizar-se em formas visíveis (discursos, ideias, valores, procedimentos, visões de mundo), que, em geral, são vistos separadamente e não juntos, como parte de um mesmo processo em construção.

Tarde (2007) estabelece suas reflexões no final do século XIX, inclusive em “disputa” com Émile Durkheim pelas bases do que viria ser uma “ciência do social”, em um momento no qual se percebia que a filosofia já não era suficiente para pensar a sociedade tendo em vista que se valia apenas da coerência interna dos seus enunciados (VARGAS, 2007). Latour (2012), cerca de um século depois, tem como cenário para suas reflexões a Sociologia já constituída enquanto ciência, muito influenciada pelas ideias de Durkheim (VARGAS, 2007), e recupera os estudos de Tarde para fazer a crítica do que vai chamar de “projeto moderno”, que diz respeito à maneira como a “razão ocidental” foi desenvolvida no último século, caracterizada, dentre outras coisas, por uma abordagem “segregada” do social que impediria de ver a construção dos fenômenos.

Os críticos desenvolveram três repertórios distintos para falar de nosso mundo: a naturalização, a socialização, a desconstrução. Digamos, de forma rápida e sendo um pouco injustos, Changeux, Bourdieu, Derrida. Quando o primeiro fala de fatos naturalizados, não há mais sociedade, nem sujeito, nem formas de discursos. Quando o segundo fala de poder sociologizado, não há mais ciência, nem técnica, nem texto, nem conteúdo. Quando o terceiro fala de efeitos de verdade, seria um atestado de grande ingenuidade acreditar na existência real dos neurônios do cérebro ou dos jogos de poder. Cada uma dessas formas de crítica é potente em si mesma, mas não pode ser combinada com outras. Podemos imaginar um estudo que tornasse o buraco de ozônio algo naturalizado, sociologizado e desconstruído? (LATOURE, 1994, p.11).

Sem querer entrar nas minúcias do argumento de Latour, nosso intuito é chamar a atenção para uma abordagem dos fenômenos focada em sua construção, levando em consideração a natureza instável e heterogênea dos conjuntos de relações nos quais se inserem ao invés de dá-los como algo pronto que precisa ser compreendido, explicado, traduzido, algo cuja interpretação é o fim primeiro.

Essa perspectiva parece necessária para encarar os objetos científicos a partir de uma perspectiva que pensa a comunicação e a produção subjetiva como uma forma de produção de sentido para a experiência social em um contexto cada vez mais complexo e sofisticado que permeia o estudo do campo da comunicação hoje. Os objetos da comunicação mobilizam elementos e questões diversas que vão muito além de sua circunscrição midiática e abraçam conceitos que falam de interação e vínculos sociais. Obviamente, como também aponta Latour (2012), qualquer fenômeno pode ser visto nessa perspectiva, é uma decisão do pesquisador sobre o que ele quer estudar e como deseja fazer isso. Uma vez que propomos esse entendimento da comunicação e de seus objetos, encaramos como imperativa essa abordagem, visto que os processos de vinculação se dão em relações entre elementos instáveis e heterogêneos.

É importante notar que a proposta de encarar os fenômenos nessa perspectiva, ou de maneira próxima, não é exclusividade de Tarde e Latour, mas uma preocupação presente em estudiosos de diversas áreas. Vemos certas aproximações em Gregory Bateson (1986), que, preocupado com o “padrão que liga todas as criaturas vivas”, criou um pensamento que se estabeleceu entre várias disciplinas, como a psicologia, a biologia e a cibernética. Talvez seja possível também encontrar semelhanças em Martín-Barbero, que, interessado nos processos de mediação a partir dos quais os fenômenos sociais se organizam, vê-se como um “cartógrafo” que não está preocupado em representar fronteiras, mas em “construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.12) que se dão entre articulações econômicas, políticas, de trabalho, entre outras.

É possível encontrar afinidades também em outros estudiosos, especialmente na antropologia, porém, é preciso cuidado para não dizer que as ideias sejam equivalentes. Não entendemos ser possível considerar, por exemplo, que as noções de “mediação” e “cartografia” propostas por Martín-Barbero (2004) sejam equivalentes, respectivamente, às noções de “mediação” em Latour (2012) e de “cartografia” em Passos, Kastrup e Escóssia (2009), ainda que, além de utilizarem a mesma nomenclatura, tenham semelhanças. Não pretendemos fazer uma análise e confrontar esses conceitos, levantamos essas questões apenas para precisar a que nos referimos e o que nos interessa

nos pensamentos e autores aos quais fazemos referência. Assim, o cerne de nosso interesse em Latour e Tarde são as compreensões de que o social e os fenômenos sociais são construções que se dão em conjuntos de relações mutáveis, de natureza heterogênea, bem como a simetria entre os elementos, que permite considerar como suas funções podem se alterar.

O local no qual foi possível encontrar bastante ressonância com o pensamento de Latour e Tarde, e dentro da perspectiva que nos interessa, foi em um grupo de pesquisadores da psicologia social interessado em formular uma metodologia adequada à investigação de processos de produção social de subjetividade (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009). Eles buscavam estratégias que os auxiliassem no acompanhamento dos processos e não na representação dos objetos. Sua preocupação não é com o significado ou o significante do fenômeno, mas com seu funcionamento, com os conjuntos de relações nas quais o fenômeno funciona e o que, afinal, tais relações sugerem. Foi pensando nessas questões que esse grupo de pesquisadores organizou o que chamaram de “método da cartografia”, que foi desenvolvido na esteira do pensamento de Deleuze e Guattari (1995).

Assim como Latour (2012), o método da cartografia também critica uma “ciência moderna” e propõe outro funcionamento.

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (BARROS; KASTRUP, 2009, p.57).

O interesse reside, assim, seja estudando grupos, instituições ou qualquer outro fenômeno, em olhar as “inter-relações”, isto é, relações entre relações. O método é, então, a cartografia do intermediário (PASSOS; BARROS, 2009, p.28). Por estarem preocupados em analisar como se constroem relações, Passos e Barros (2009) enfatizam que o método deve ser definido juntamente com a construção do objeto de pesquisa, uma vez que somente observando suas dinâmicas é possível saber quais serão as melhores estratégias.

Nesse sentido, a metodologia de um estudo é vista como “forma de construção de conhecimento” e não apenas como estratégia para

levantamento e análise de dados. Para Passos e Barros (2009, p.17), “toda pesquisa é uma intervenção”, ou seja, nenhum pesquisador é neutro e todo estudo, da definição dos problemas e do objeto até o trabalho de campo e o relato da experiência, resulta de escolhas e interesses que precisam ser explicitados. O pesquisador, inclusive, é um agente que se altera em campo ao mesmo tempo em que modifica e constrói o objeto de estudo. É por isso que, para eles, conhecer o caminho de constituição de um objeto equivale a caminhar com ele, constituir esse próprio caminho e constituir-se nele (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009). Assim, “todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças etc.” (PASSOS; BARROS, 2009, p.19).

Diante disso, com Barros e Kastrup (2009), consideramos que conhecer uma realidade, um fenômeno, significa acompanhar seu processo de construção.

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas (PASSOS; BARROS, 2009, p.30).

Trabalhar nessa perspectiva parece mais imprescindível ainda uma vez que estudar os vínculos sociais implica em analisar a instauração de um comum, sem a existência de sujeitos cognoscentes prévios, visto que eles passam a existir na relação que os liga. Tal preocupação, com a produção de sentido da existência, requer mais do que um olhar interessado em conhecer uma realidade já existente formada por pessoas e objetos que já são algo de antemão e caberia ao pesquisador unicamente “desvendar os segredos” desses seres. É necessário encarar o estudo como uma forma de construção de conhecimento e de realidade, que não se restringe a representar o fenômeno estudado, mas compreende que a narrativa produzida, embora seja uma apresentação, enfatiza-se como uma versão que se preocupa não em dizer o

que a “coisa é”, mas em evidenciar, certamente de determinados pontos de vista definidos pelo pesquisador, as relações que a constituem.

É nessa perspectiva que reside o rigor de uma pesquisa com esses pressupostos: no esforço de retratar a construção do fenômeno e transparecer esse processo de elaboração. Esse esforço pode não gerar a verdade do fenômeno, mas, ao enfatizar seu caráter precário diante de sua instabilidade, produz outro conhecimento e outra realidade ao trazer não o que a “coisa é”, mas como ela se constrói na dinâmica que foi possível observar e descrever por meio da observação-participante e do trabalho de campo, de entrevistas e outros materiais empíricos.

Ao falar dos processos e das lógicas de construção não deixamos de abordar a “coisa em si”. A maneira de tratar o fenômeno é que se altera. A partir da concepção que adotamos, a “coisa em si” é uma abstração, uma vez que são os modos de apresentação do material empírico, das análises e da organização do discurso do pesquisador que a constroem. É a conexão entre as “coisas” que nos fala sobre o mundo, e não as “coisas em si”.

A compreensão de conhecimento aqui adotada se aproxima do que defende Didi-Huberman (2012) em suas investigações sobre os usos da história e da arte para pensar as imagens como forma de conhecimento do mundo, apoiado no pensamento de Walter Benjamin: o conhecimento é o resultado de um processo eminentemente narrativo e circunstanciado, de uma operação de montagem e criação de associações na qual o pesquisador recolhe, agrupa e ordena dados empíricos, conceitos, teorias, pontos de vista e intenções. Portanto, assim como as imagens para Didi-Huberman (2012), o que chamamos de “conhecimento”, pode, no máximo, “tocar” o real, ser uma forma de apreensão sempre contingencial e incompleta desse. Benjamin, embora não tenha sistematizado o “conhecimento por montagem” como um método, o praticou sistematicamente e tem sido uma inspiração para os interessados em produzir conhecimento a partir das inter-relações, como Beatriz Sarlo, para quem

Benjamin é sensível ao aspecto mais estranho, excepcional, fortemente individual da experiência; descobre no incomum o significado geral, em vez de buscar o geral no habitual e na acumulação do mesmo. Seu olhar é fragmentário, não por renunciar à totalidade, mas por procurá-la nos detalhes quase invisíveis. Ele constrói um

conhecimento a partir de citações excepcionais, e não só de séries de acontecimentos parecidos (SARLO, 2013, p.35).

Benjamin (1987) exemplificou essa forma de produção de conhecimento gerado na conexão de fragmentos - à qual Sarlo se refere e que inspira Didi-Huberman - na coletânea "Rua de Mão Única", na qual apresenta pequenos textos que reúnem cenários e objetos, sensações e formas de viver em sua infância, em Berlim e em outras cidades, por onde esteve no início do século XX. Um texto emblemático dessa maneira de fazer é "Cervejaria" (BENJAMIN, 1987, p.66-67), no qual o filósofo aborda as relações de trabalho e o estilo de vida da época a partir da experiência dos marinheiros e trabalhadores dos portos, com uma vida baseada na noite, na qual as únicas opções de circulação são as tabernas e os bordéis, fazendo da cervejaria "a chave de toda a cidade".

Benjamin (1987) fala também dos laços que se constroem e dos vínculos que se perdem diante das formas de trabalho - "os portos não são mais lares, mas berços" - uma vez que tal modo de trabalho/vida envolve aqueles sujeitos de modo que eles não só passam muito tempo em suas funções, mas é como se esquecessem de que tinham ou teriam outra vida. Esse modo de viver foi internalizado: "até os ossos a normal internacional da indústria é presente para eles" e é mais fácil identificar os lugares "pela preparação de seus peixes que pela construção das casas e o padrão da paisagem" (BENJAMIN, 1987, p. 66-67). A relação com a cidade também é de outra ordem: "a cidade não é visitada, mas comprada - o navio mal atraca e os comerciantes sobem para vender" (BENJAMIN, 1987, p. 66-67). Não se tem tempo para conhecer a cidade, mas compram-se lembranças sem sair dos navios.

Assim, Benjamin (1987) parece estar preocupado com o modo de vida da época, o que implica em formas de trabalhar, se relacionar com o outro, experimentar a cidade, entre outras dimensões que o filósofo-escritor nos mostra a partir de situações que são "conectadas" ou "montadas". Não se pode dizer que exista, neste seu trabalho, uma "verdade" passível de comprovação através da replicação dos métodos, o que parece existir é o esforço de retratar as relações que constroem o fenômeno. É menos dizer em que consistem as condições de trabalho/vida dos marinheiros e mais evidenciar as condições nas quais existem.

Essa compreensão sobre a produção de conhecimento aparece também em outros estudiosos, como em Michel Foucault, que influenciou quase todos os outros pesquisadores citados. O historiador-filósofo, ao longo de seus estudos, sempre procurou “saber como o sujeito humano entrava nos jogos de verdade, tivessem estes a forma de uma ciência ou se referissem a um modelo científico, ou fossem como os encontrados nas instituições ou nas práticas de controle” (FOUCAULT, 2010a, p.264).

Nessa trajetória, também Foucault não se preocupou com a “coisa em si”, mas com seus modos de construção. Quando fala dos “enunciados” e das “visibilidades”, por exemplo, não se refere ao que é dito ou visto, nem mesmo ao que está oculto, mas aos processos que constroem o que é dito e mostrado, conforme Deleuze (2005, p.64) esclarece: “em suma, os enunciados só se tornam legíveis ou dizíveis em relação com as condições que os determinam”.

Importante notar que essa compreensão de produção de conhecimento aparece ainda em diversos estudos recentes independente de explicitarem ou não essa “filiação intelectual”. Richard Sennett (2012a), por exemplo, ao se colocar como questão a maneira como o capitalismo molda ou interfere no caráter dos indivíduos mostra as lógicas de funcionamento dos processos que vemos, isto é, das formas de trabalho e dos vínculos existentes, e como isso se constrói. Ele trabalha, em alguns momentos, com casos e situações específicas (dimensão micro) e as conecta com um contexto (macro), evidenciando suas dinâmicas de conexões. Da mesma forma, Fernando Gonçalves (2013), em seus estudos sobre as relações entre Fotografia e Arte, está menos interessado nas imagens em si, em seu aspecto visual ou em seu significado como representação e mais no estatuto da imagem na atualidade e nas inter-relações que configuram seus modos de circulação e legitimação e que constroem, por exemplo, seu sentido e valor como “obra” no contexto da arte contemporânea.

Considerações finais

Há, por fim, o exemplo de Jean-Jacques Courtine (2013). Ao refletir sobre seus objetos de interesse, a imagem, o corpo e o que chama de “genealogia das imagens de nossa cultura”, é taxativo:

No momento em que as ciências humanas são, mais do que nunca, conquistadas pelo formalismo quantitativo e

pelas pretensões utilitaristas, os desafios da decifração do corpo voltam a conservar à parte humana de nossa existência sua densidade antropológica e sua profundidade histórica, a elucidar o que nos faz sujeitos (COURTINE, 2013, p.40).

O autor nos fala da busca por algo que ressoa nas imagens, que relaciona, busca conexões, naquilo que constrói indícios nos quais podemos buscar ver e, talvez, compreender. Tais indícios atravessam e constituem imagens e não estão apenas naquilo que pode ser apontado de modo “científico”, histórico, mas também no que somos capazes de imaginar e, até, de sonhar, naquilo que ainda nem foi percebido. Trata-se de considerar o “catálogo memorial da imagem” de um indivíduo, mas também o visto e o esquecido, o ressurgido e o fantasiado, o que “assombra o imaginário” (COURTINE, 2013, p. 44). É, então, impossível separar uma imagem de seu momento histórico, das relações transversais e não-dicotômicas, dos indícios que apontam para a construção do fenômeno. Somente lá, nos rastros de outras imagens, na reconstrução dos restos, é possível pensar em uma “antropologia histórica das imagens que seja igualmente uma arqueologia do imaginário humano” (COURTINE, 2013, p. 46) pois é essa genealogia que permite o entendimento que representações perdem sentido fora da lógica dos indícios que atravessam e constituem o que vemos e quando vemos.

Courtine busca, em seu trabalho, tanto compreender imagens que, produzidas agora, nos chocam a todos, como as fotos das sevícias em Abou Ghraib¹, assim como outras, feitas antes em um contexto de consumo lúdico e despreocupado, mas que fabricam horror hoje, em um tempo que muda e traz consigo sentidos antigos que temos dificuldade de compreender, como as imagens dos *Freak Shows*². Não as imagens, elas mesmas. Mas o que os

¹ Nos referimos aqui à divulgação de fotos, em 2004, de sevícias perpetradas por soldados Norte Americanos na prisão iraquiana de Abou Ghraib. As imagens foram feitas pelos próprios soldados, na ocasião da ocupação dos Estados Unidos da América em solo iraquiano (de 2003 até 2011). A invasão do país se deu por uma coalizão militar de diferentes países aliados, mas liderados pelos Estados Unidos. Sobre o caso e a divulgação das imagens: Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2004/05/10/torture-at-abu-ghraib>. Acesso em: 12 dez. 2022.

² Trata-se das imagens produzidas dos “monstros humanos” entre finais do século XIX e início do XX, nos espetáculos de exibição de pessoas com “desordens corporais» como entretenimento massivo. Courtine trata extensamente deste objeto em sua obra. Mais precisamente em: COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). História do corpo: As mutações do olhar, o século XX. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

indícios contam da construção de tais imagens. O que nos interessa aqui, no entanto, é a escolha do pesquisador por um método que valoriza e dá sentido ao instável, ao processo, à montagem e mesmo àquilo que escapa à razão para dar algum sentido - ainda que histórico e fugidio - às imagens de sevícias em uma prisão, por exemplo. Mas, como dito, o pensador é mais um exemplo de uma “filiação intelectual” maior e que buscamos, neste trabalho, apontar e buscar compreender.

Aqui, refletimos a partir das seguintes premissas: não separação entre sujeito e objeto; fenômenos no campo da comunicação podem existir a partir das relações transversais e não-dicotômicas nas quais se inserem; essas relações podem ser instáveis e acontecem entre elementos heterogêneos; há interesse no processo de construção destes fenômenos. É importante enfatizar que tratar das diversas relações que configuram um objeto de estudo não significa buscar uma explicação totalizante, mas estudar as “conexões” entre essas relações que podem ser observadas.

Trabalhando nessa perspectiva, o texto, enquanto laboratório do cientista social (LATOURET, 2012), é o espaço no qual as ideias são testadas e apresentadas. Não é apenas um resultado da pesquisa, mas também uma experimentação, que pode não deixar de ser uma interpretação, mas que se preocupa não em “decifrar o mistério” que é o fenômeno, mas em ser um relato de sua construção. A intenção é abordar, tanto quanto possível, as dinâmicas em jogo nos arranjos instáveis de elementos heterogêneos presentes em nossos objetos de pesquisa escolhidos. Com esta perspectiva é razoável trazer para o primeiro plano, tanto nas análises quanto nos textos decorrentes destas, as dinâmicas observadas, deixando que os conceitos e teorias venham na medida em que as dinâmicas apresentadas pelo objeto de estudo os “chamem”. Trata-se menos de descrever o estado das coisas e mais de relatar os processos e seus movimentos, produzindo um discurso que conecta essas várias dimensões, que mostra suas conexões e inter-relações.

REFERÊNCIAS

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**: a unidade necessária. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única** - obras escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. [Entrevista]. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista concedida a Claire Parnet. **Stoa.Usp**. Transcrição integral do vídeo, 1994. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em 26 jan. 2016.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995. v. 1

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de si com prática da liberdade. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos e Escritos V, 2010a.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Uma estética da existência. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos e Escritos V, 2010b.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia** - e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

VARGAS, Eduardo Viana. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. In: TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia** e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

MARCUS, George E. A estética contemporânea do trabalho de campo na arte e na antropologia: experiências em colaboração e intervenção. In: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rôse Satiko G. **Imagem-conhecimento**: antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas, SP: Papirus, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SARLO, Beatriz. **Sete ensaios sobre Benjamin e um lampejo.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

PERCURSOS
METODOLÓGICOS
DIALÓGICOS

Proposta de construção coletiva
de pesquisa em Comunicação

*Flávia de Almeida Moura
Osmilde Augusto Miranda*

Este capítulo tem o objetivo de refletir teórica e metodologicamente sobre os processos e caminhos de pesquisa em colaboração numa perspectiva de romper com a ideia sujeito-objeto a partir das mediações com os sujeitos da pesquisa nas Ciências Sociais e, mais precisamente, em nossas investigações no campo da Comunicação.

As experiências de trabalho de campo junto a trabalhadores e trabalhadoras rurais no Maranhão no contexto do trabalho escravo contemporâneo (MOURA, 2009; 2016) e também em províncias do Sul de Angola (MOURA, MIRANDA, 2020) sobre migrações e trabalho, instigou-nos a questionar certas práticas e instrumentos de pesquisa de campo no que cerne ao processo relacional da mediação com os sujeitos pesquisados. É, todavia, neste âmbito que discutimos teórica e metodologicamente alguns autores das Ciências Humanas e Sociais que têm nos ajudado a encontrar estratégias metodológicas mais participativas e coletivas junto aos sujeitos subalternizados pesquisados, deslocando seus lugares de fala não apenas como 'informantes', mas como sujeitos participantes da construção do conhecimento científico.

Apresentamos alguns alicerces teóricos para a construção de estratégias metodológicas de campo mais participativas, e que levam em consideração a agência dos sujeitos pesquisados. Estamos na busca desses arranjos a partir da inspiração da comunicação dialógica freireana e do acúmulo de experiências como pesquisadores nos últimos anos de formação acadêmica.

Partimos da ideia de que toda pesquisa deve apresentar à sociedade alguma intervenção social e de que o simples fato de adentrarmos no campo, conversarmos com os sujeitos e questioná-los sobre determinadas realidades sociais, já se constitui como uma forma de transformação da realidade; seja ela material (subsidiando políticas públicas, por exemplo) ou mesmo ideológica, de percepção dos próprios sujeitos pesquisados; uma vez que podem nunca ter elaborado uma reflexão parecida a partir do seu próprio cotidiano ou ainda sobre o simples fato de estar no mundo. Desse modo, entendemos a responsabilidade dessa interlocução e apostamos num diálogo cada vez mais coparticipativo; coelaborado e coproduzido de forma coletiva.

Caminhos teóricos percorridos e vivenciados

No artigo *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*, Oliveira (1996) analisa o exercício do olhar, ouvir e escrever como três aspectos es-

sencialmente indispensáveis na profissão do antropólogo e no fazer antropológico. É através do olhar disciplinado dos saberes e preceitos da área que o antropólogo, na relação com o objeto pesquisado, consegue apreender a realidade estudada. O antropólogo, neste caso, é o sujeito que busca, a partir de suas ferramentas de campo, acompanhar disciplinarmente a realidade através de um olhar treinado ao objeto.

Por outro lado, ele destaca que o exercício do olhar não pode ser pensado de forma separada do ouvir; ou seja, eles devem ser articulados de forma interligada, “[...] conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições” (OLIVEIRA, 1996), ainda nesta perspectiva vale reiteramos que tanto o ouvir como o olhar exigem de nós o *background* disciplinar na apreensão de uma determinada realidade objetiva ou subjetiva. Isso foi, por sua vez, uma das situações com a qual nos deparamos ao procurar entender o fenômeno do trabalho escravo contemporâneo no Maranhão e o fenômeno correspondente junto aos trabalhadores rurais em Angola¹.

A busca para apuração desse olhar e ouvir disciplinares, voltada a partir de uma visão interdisciplinar, levou-nos a autoquestionamento constante, uma vez que a visão relacional proporcionada durante a intervenção no ato da pesquisa nos possibilitou questionar o lugar de observador e as formas pelas quais estávamos ouvindo os entrevistados, que, de alguma maneira, transpareceu no ato da escrita.

Neste sentido, Oliveira (1996) afirma que, “no ato de ouvir o informante, o etnólogo exerce um ‘poder’ extraordinário sobre o mesmo”. É, portanto, sobre esse poder que começamos a problematizar o modo de olhar e ouvir os sujeitos entrevistados, dado o condicionamento epistemológico obtido na forma de organização e a estruturação do saber disciplinar baseada na relação entre sujeito e sujeito, como proposta metodológica na apreensão das vivências durante trabalho de campo. Ou seja, buscamos escapar da neutralidade científica e tomar uma posição de pesquisador limitado, diferenciando-nos, todavia, daquilo que muitos pesquisadores buscam a partir de uma

¹ Realizamos, em agosto de 2018, um trabalho de campo em três províncias do Sul de Angola (Humbo, Huíla e Benguela) buscando identificar os fluxos migratórios de trabalhadores e trabalhadoras rurais angolanos para a capital Luanda em busca de trabalho e realizamos estudo cruzado sobre alguns achados de pesquisa com investigações já realizadas no Maranhão desde 2005, sobre a migração de maranhenses para outras regiões do Brasil bem como a vulnerabilidade dos mesmo às condições de trabalho escravo contemporâneo.

apreensão objetivista radical.

Isso transpareceu ainda mais na experiência em Angola, por ser um país multilinguístico, na qual tivemos o desafio de trabalhar por meio de mediações constantes com agentes do movimento social local, até chegar aos atores principais (trabalhadores e trabalhadoras rurais) devido ao deslocamento linguístico e também por causa das heranças da guerra civil², e à consequente polarização política nas localidades. Mas foi por intermédio das mediações e das formas relacionais com os sujeitos no campo que chegamos ao questionamento sobre a produção do conhecimento de forma coletiva. Desse modo, pensamos na construção de uma metodologia que não desperdiçasse a experiência vivenciada³ em ambas as realidades e que perpassasse essa visão reduzida entre o sujeito que olha ou ouve e o sujeito observado ou ouvido, como duas coisas em separado ou em dois momentos distantes.

Embora um dos pesquisadores, também autor deste artigo, fosse angolano; a identificação do mesmo com os sujeitos pesquisados era distante devido às diferenças culturais (ele é oriundo de outra região de Angola, tem uma cultura urbana, diferente da investigada, e está fora do país há quase 10 anos). Nesse sentido, as diferenças linguísticas e culturais eram impedidoras de nos aproximarmos da realidade estudada. Nossa escolha foi a de nos posicionarmos, segundo Oliveira (1996), como ‘pesquisadores limitados’; o que nos deu mais oportunidades de apreender no campo saberes que não estavam pré-concebidos por nós, como na maioria das vezes achamos que conhecemos os sujeitos da pesquisa; colocando-os num segundo plano em vez de evidenciá-los.

Para isso, recorreremos a outras leituras que nos levaram a entender a realidade estudada com mais cuidado. Pamela Marques e Maria Genro (2016) no artigo *Por uma ética do cuidado: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados* nos proporcionou uma visão profunda dos mesmos desafios os quais vivenciamos em Angola e no Maranhão.

² A Guerra Civil Angolana foi um conflito armado em Angola, que teve início em 1975 e continuou, com alguns intervalos, até 2002. A guerra começou imediatamente após Angola se tornar independente do domínio de Portugal, em novembro de 1975. Antes disso, um conflito de descolonização (1974/75) e a Guerra de Independência de Angola (1961-1974), tinha ocorrido. Foi essencialmente uma luta pelo poder entre dois antigos movimentos de libertação, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

³ Desperdício da experiência é uma categoria trabalhada por Boaventura de Sousa Santos (2011).

Elas buscaram problematizar as formas como se observa, se trata, reflete, evidencia, descreve o mundo social a partir de uma perspectiva cuidadosa e não violenta a realidade do sujeito subalterno, mas trazendo-o como parte deste empreendimento. Para elas, a pesquisa cuidadosa é

[...] mais do que apontar molduras prontas às quais ajustar a matéria a ser apreendida durante a pesquisa social, refletir sobre as preocupações com que se empreende o caminho da pesquisa, sondando algumas formulações epistêmicas interessantes que se refletem em posturas éticas-metodológicas mais sensíveis (MARQUES; GENRO, 2016, p.324).

Ou seja, o desafio é romper com a questão antiética da pesquisa com o subalterno⁴ no exercício de tornar a fala deste 'outro visível' sem que o pesquisador seja a única fonte de reconhecimento discursivo no que tange à emancipação de falar e ser ouvido.

Deste modo, elas destacam três elementos indispensáveis na pesquisa cuidadosa, como (1) a autoria do reconhecimento, (2) o compartilhamento do conhecimento dialógico e (3) a autorização do conhecimento produzido a partir de convergência constante no processo de elaboração. O que elas vão chamar de pesquisa em colaboração ou pesquisa em detrimento, que resumem como sendo:

[...], um sujeito consciente da complexidade dos mecanismos que agem sobre si (ou consigo) quando interpela o social é capaz de produzir pesquisa cuidadosa, ou seja, aquele que não descuida do que pesa sobre as decisões que, como, cientistas sociais, tomamos antes, durante e depois de ir a campo, escapando tanto do racionalismo dogmático quanto do relativismo ingênuo (MARQUES; GENRO, 2016, p.327).

Isso, por sua vez, envolve o exercício de reconstrução e reconfiguração tanto dos *modus operandi* do pesquisador com o sujeito pesquisado, como também na reorganização nos instrumentos de pesquisa de campo. Desta feita, o pesquisador observa a realidade objetiva não só como algo

⁴ Para o conceito de subalterno, ver Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode o subalterno falar?*, Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

disciplinado ou dado a partir de sua experiência acadêmica, mas também através da objetivação das coisas em uma perspectiva conjunta com o sujeito pesquisado, que perpassa um olhar singular.

Vivenciamos esta experiência no projeto de pesquisa⁵ atual ao buscarmos, de forma *online* por conta do distanciamento social requerido devido à pandemia da Covid-19, diálogo constante com os mediadores do nosso atual campo de pesquisa na Baixada Maranhense para construirmos juntos caminhos de entrada presencial, então prevista para 2022, identificando os sujeitos a partir da indicação dos entrevistados pelos próprios mediadores segundo suas justificativas de legitimação aos locais de fala dos membros das comunidades investigadas.

Segundo Marques e Genro (2016), a escuta é algo que depende da forma interacional com o sujeito pesquisado. Exemplo prático temos, principalmente, os contextos das palavras similares com múltiplas significações, mas com contextos antagônicos culturalmente. Para essas palavras, por mais que ouçamos várias vezes e peçamos explicações, só podem ser apreendidas à medida que vivenciamos o mundo prático das mesmas; e conviver o mundo prático dessas palavras é envolver-se com a escuta do outro como uma escuta dinâmica que vai além da nossa.

Como um exemplo interessante sobre essa escuta em nossas pesquisas, trazemos o termo *precisão*, identificada por MOURA (2009) durante trabalho de campo da pesquisa do mestrado⁶, quando entrevistou vários trabalhadores rurais maranhenses que diziam de forma recorrente que só ‘caíam na escravidão, quando estavam na *precisão*’. Com o passar do tempo e uma escuta mais apurada, a pesquisadora conseguiu identificar a categoria nativa que se referia a uma necessidade financeira extrema ligada à falta de oportunidade de trabalho digno.

Nesse sentido, Marques e Genro (2016) chamam a atenção para que quando percebermos que os silêncios, a não colaboração, o não entusiasmo,

⁵ O atual projeto de pesquisa que desenvolvemos junto ao Departamento de Comunicação Social da UFMA, intitulado *Comunicação, Migração e Trabalho Escravo Contemporâneo: trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras rurais na Baixada Maranhense*, é financiado pela FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico no Maranhão) e tem vigência de 2020 a 2022.

⁶ A pesquisa resultou no livro intitulado *Escravos da precisão: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA)*, EDUFMA, São Luís, 2009.

o não esforço de compreensão mútua e o esquecimento forem uma prática constante dos sujeitos pesquisados, é momento de rever os materiais ou instrumentos de pesquisa e construir outras estratégias mais colaborativas no trabalho de campo.

O cuidado ou tratamento cuidadoso como metodologia trata-se de uma postura ativa e generosa, de respeito e humildade, em que se houve o outro que fala sem pressa, sem cortes, sem conversão imediata em texto ou conclusões, que implica maturação da palavra ouvida até que, junto dos demais sujeitos de pesquisa, decide-se o que fazer com ela (MARQUES; GENRO, 2016, p. 330-331).

A pesquisa dialógica proposta neste artigo tem inspiração especialmente no trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire. No livro *Comunicação ou Extensão* (1977), ele parte da análise crítica da semântica do termo extensão, passando pelo equívoco gnosiológico, detendo-se em considerações a propósito da invasão cultural, discutindo a reforma agrária e a mudança, opondo-se à extensão e, por fim, ampliando a educação como uma situação gnosiológica, em cuja prática as 'assistências técnicas' teriam outras dimensões (FREIRE, 1977).

Ele começa de forma crítica analisando o termo *extensão*, que estaria mais voltado para uma realidade dimensionada ou apresentada como sendo complemento de outrem e que indicaria uma ação de estar além de uma relação dualista e assimétrica, ou seja, o termo seria semanticamente: estender algo alguém.

Esse alguém que é passivo, distante e que recebe a partir de uma ordem vertical. Ele destaca também que o mesmo termo só pode ser compreendido através do seu dinamismo. "[...] o termo extensão se encontra em relação significativa com a transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanismo, invasão cultural, manipulação, etc." (FREIRE, 1977, p.22).

É nesta perspectiva que Freire vai designar o equívoco gnosiológico da extensão. Para ele, é o ato de estabelecer relações entre indivíduos ou grupos sociais através de uma ordem hierárquica cultural que emana de relações de poder normativas que se reproduzem de forma desigual (na vida prática) sem respeitar as diferenças.

Na primeira ordem do equívoco gnosiológico da extensão, está na prá-

tica de estender, reduzindo ao estender para si mesmo, tornando estático as relações de produção de conhecimento e não dinamizando as relações mediadas de produção dos saberes diferenciados. O segundo, portanto, está no conhecer como tarefa de sujeitos, não de objetos. Rompendo com esses equívocos, Freire (1977, p.28) destaca que, “para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer”.

Assim também pensamos ao construir uma metodologia dialógica que atenda à demanda do pesquisador e do sujeito pesquisado durante a experiência de campo. Neste caso, Freire (1977, p.33) adianta que, “é tentar superar o conhecimento preponderantemente sensível por um conhecimento, que, partindo do sensível, alcança a razão da realidade”, que, muitas das vezes, perpassa por um único olhar dogmático e treinado durante a experiência do sujeito pesquisador.

Adonia Prado (2016) no artigo *Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial*, diz que o diálogo funciona como metodologia quando são ingredientes fundamentais na teoria e na prática da pedagogia decolonial, isto é, transformando o vertical em horizontal de modo que a produção do conhecimento não seja resultado de uma experiência unilateral.

A este fenômeno, Freire (1977), denomina de educação como uma situação gnosiológica, isto é, em que o pesquisador não apresenta o seu problema de pesquisa e sozinho o problematiza para si, mas juntamente com o sujeito pesquisado problematizam a realidade pesquisada como conteúdos que são compartilhados. Este problema se dá a partir de uma relação comunicativa existencial ou real, que parte da realidade objetiva do sujeito pesquisado, ou seja, objetivando o mundo do sujeito pesquisado e mediado por ele e através deste engendrando o conhecimento. “A educação, enquanto uma situação gnosiológica que solidariza educador e educando como sujeitos cognoscentes, abre a estes múltiplos e indispensáveis caminhos à sua afirmação como seres da práxis” (FREIRE, 1977, p.85).

Para isso, o pedagogo dialógico apresenta dois indispensáveis conceitos. O primeiro é o da *codificação*, relativo à apreensão e problematização da realidade existente, ou seja, nenhuma relação de produção de conhecimento se tornaria possível sem a codificação dos hábitos, sejam estes, matérias ou abstratos de um determinado indivíduo ou grupo social. Assim, o pesquisa-

dor só teria a sua pesquisa em andamento ao passo que tornasse possível a codificação do problema pesquisado a partir das mediações constantes com o sujeito pesquisado com a finalidade de construir ou obter conhecimento a partir de uma determinada realidade.

Doutro lado, ele apresenta o conceito de *decodificação*, relacionado com a reflexão da realidade apreendida [existencial] e problematizada através de um outro olhar. Como apresenta, por exemplo, Prado (2016, p.465) ao afirmar que, “a tarefa do educador do Programa Escravo, nem pensar!, seria a de fazer o papel desbravador, desvelador, no sentido de ajudar a desnaturalizar situações de colonialismo,” ou seja, de desmistificar o dado por meio de um olhar familiar/ não familiar do trabalhador assujeitado à realidade do dia a dia para o sujeito que estranha a sua realidade diária por meio de leitura crítica sobre a mesma. Para a pesquisadora, as práticas educativas podem contribuir como instrumento de oposição produtiva, ativa e criativa a empreendimentos e situações de dominação.

Continuando o diálogo com Oliveira (1996), o ‘escrever’ para os pesquisadores também está intimamente ligado à cultura e à produção de sentidos entre os interlocutores. O que anotamos no nosso caderno de campo é exatamente o que ‘olhamos’ e o que ‘ouvimos’ dos sujeitos investigados durante a observação. E isso passa pelo processo de interpretação por parte dos sujeitos sobre os fenômenos pesquisados quando são sistematizados os dados, classificados e produzidos sentidos em relatórios de pesquisa. A proposta deste trabalho é oportunizar aos sujeitos pesquisados participarem de todas as etapas desse processo, desde a problematização da pesquisa até o texto do produto final, tornando-os coautores dos relatos de pesquisa.

Considerações finais

Trazemos aqui um percurso de subsídios teóricos e metodológicos que nos têm guiado no exercício do trabalho de campo em pesquisas sociais vivenciadas nos últimos anos. A discussão central que nos move neste exercício é sobre a participação dos sujeitos pesquisados em todo o processo do desenvolvimento de uma pesquisa; desde a problematização do objeto, recortado a partir de fenômenos sociais, durante o trabalho de campo e a coleta de dados, e depois, no ato de sistematização e classificação dos achados de pesquisa a partir dos interesses mútuos de transformação social e, finalmen-

te, na escrita dos relatórios de pesquisa, que podem ser documentos importantes para subsidiar políticas públicas capazes de trazer benefícios para os grupos subalternos pesquisados.

Entendemos que esse exercício não é fácil tanto pela cultura disciplinar que temos na academia quanto pelos modos de vida dos sujeitos pesquisados, historicamente silenciados e assujeitados e, por isso, nem sempre disponíveis para construir juntos com os pesquisadores abordagens mais interessantes e mais próximas da realidade estudada.

Mas também sabemos que esses caminhos metodológicos dialógicos que escolhemos para trilhar, inspirados na pesquisa em colaboração (MARQUES, GENRO, 2016) fazem parte de um processo de ruptura no contexto científico mais tradicional e que, por isso, também implicam mudanças de comportamento e de aberturas epistemológicas para outros saberes e fazeres. Neste sentido, os pesquisadores que buscam esse caminho devem ter em mente que necessitam de uma autoavaliação constante sobre seu papel social, não repassando responsabilidades da investigação aos sujeitos pesquisados e, ao mesmo tempo, oportunizando protagonismo a esses sujeitos que historicamente foram tratados como objetos de pesquisa. A experiência é desafiadora e requer vontade e cuidado por parte dos pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo:** olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1996, v.39, n-1, (p. 13-34).

MARQUES, Pâmela; GENRO, Maria. **Por uma ética do cuidado:** em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados. Araquara. V.21, n-41, julho-dezembro, 2016, p.323-339.

MOURA, Flávia de Almeida Moura. **Escravos da Precisão:** economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). EDUFMA, São Luís, 2009.

MOURA, Flávia de Almeida Moura. **Trabalho escravo e mídia:** olhares de trabalhadores rurais maranhenses. EDUFMA, São Luís, 2016.

MOURA, Flávia de Almeida; MIRANDA, Osmilde Augusto. **Em busca de representações:** uma aproximação com o campo midiático angolano. Revista Contemporânea (online), UFBA, Salvador, BA, v. 18, 2020, p. 105-119.

PRADO, Adonia. **Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial**. In.: Discussões Contemporâneas sobre trabalho escravo: Teoria e pesquisa. Manual x: Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Boaventura. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. Cortez: São Paulo, 2011.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

DIÁLOGO ENTRE OS SUJEITOS NA PESQUISA SOBRE RÁDIOS COMUNITÁRIAS

Ed Wilson Ferreira Araújo

Introdução

O presente trabalho é parte da pesquisa sobre o mapeamento regional das rádios comunitárias no Maranhão, que objetiva o elaborar um perfil dessas emissoras em dois recortes: grades de programação e gestão. A escolha dos enquadramentos - conteúdo e administração - pretende levantar e analisar informações sobre a concepção e a prática das rádios nos seus respectivos territórios e compará-los às finalidades do serviço de radiodifusão comunitária instituídos na legislação pertinente a esse segmento de comunicação: a Lei 9.612/98.

Segundo este dispositivo, as rádios comunitárias têm como princípios as finalidades educativas, artísticas, culturais, jornalísticas, valores éticos, respeito à pluralidade religiosa e à diversidade sexual, política e ideológica.

A comparação entre o fazer cotidiano da radiodifusão comunitária e as diretrizes da lei servirá para dimensionar qualitativamente a ação das emissoras no contexto da dimensão político-pedagógica da democratização da comunicação, sustentado pelo conjunto dos movimentos sociais reunidos no Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), que tem entre as suas entidades constituintes a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO BRASIL) e as suas respectivas afiliadas nos estados, incluindo a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Maranhão (ABRAÇO-MA).

Visualizo a pesquisa com o objetivo de traçar um perfil regionalizado das emissoras no Maranhão diante do que dizem a legislação e os princípios do movimento social onde as rádios comunitárias estão inseridas.

Aqui exponho apenas o percurso metodológico da pesquisa iniciada em uma das regiões pretendidas, o Litoral Ocidental maranhense, com ênfase no trabalho de campo junto às rádios comunitárias dos municípios de Bacuri, Cururupu, Apicum-Açu, Porto Rico, Bacuri, Serrano e Mirinzal. As outras regiões na estrutura organizativa da ABRAÇO-MA são as seguintes: Alto Turi, Baixada Ocidental, Baixo Parnaíba, Central, Cocais, Médio Mearim, Sul, Tocantina, Munim-Lençóis, Campos e Lagos.

Os resultados serão posteriormente sistematizados e apresentados em outra etapa. Neste artigo interessa, especificamente, a construção do processo de pesquisa focado no trabalho de campo e as relações entre os sujeitos na produção de conhecimento. Sobre o trabalho de campo, sustento

a perspectiva dialógica amparada na construção coletiva do conhecimento, tomando como base os subsídios de QUEIROZ (1983) e DUARTE (2009) sobre a técnica da entrevista. LOPES (2010) contextualiza a relação entre teoria e metodologia na produção do conhecimento científico. As contribuições de GRAMSCI (2001) evidenciam a potência dos sujeitos pesquisados na condição de intelectuais. O conceito de oralidade, enriquecido por ONG (1998) e NUNES (1993), guiam a compreensão da palavra falada como manifestação principal das revelações do campo.

A entrada nesse campo tem como referência a ação político-organizativa da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias no Maranhão (ABRAÇO-MA), entidade criada em 1998 com as respectivas finalidades definidas no Estatuto: I. promover e desenvolver a democratização da comunicação em todos os seus aspectos e instâncias; II. congregar nos seus quadros associativos as entidades de radiodifusão comunitária no Maranhão comprometidas com os princípios éticos da democracia; III. proporcionar aos associados a assistência técnica e jurídica necessária para que os mesmos possam exercer com qualidade e segurança o pleno exercício de suas atividades na sociedade; IV. promover junto à sociedade cursos, festividades culturais e sociais; V. levar às autoridades competentes propostas e subsídios, buscando a aplicação da democratização da comunicação; VI. desenvolver estudos e projetos na área das comunicações para seu desenvolvimento técnico; VII. representar os interesses dos associados; VIII. criar e manter centros de formação e capacitação técnica e profissional de nível básico, médio e superior; IX. buscar patrocínios, empréstimos e/ou financiamentos junto a organismos estaduais, nacionais e internacionais para atender aos seus objetivos e de suas filiadas.

Ao longo de 23 anos de existência, a ABRAÇO-MA obteve um relativo trânsito junto às emissoras comunitárias, fruto de variadas iniciativas pertinentes à sua natureza política e às finalidades estatutárias: congressos, seminários, palestras, encontros regionais, oficinas de capacitação, eventos em parceria com outras organizações, prestação de serviços na área de assessoria técnica e jurídica, atos públicos de defesa das emissoras em caso de repressão ou censura, produção de conteúdo jornalístico e educativo-cultural, engajamento em frentes de luta pela democratização da comunicação, entre outros.

Assim, a vivência como militante e dirigente da ABRAÇO-MA proporcionou um amplo e permanente contato com as emissoras e as suas equipes, de

tal forma que o trânsito no campo é facilitado pela minha referência pública de representante institucional da entidade e também como ministrante de cursos e oficinas de capacitação para os(as) comunicadores(as) ao longo de mais de duas décadas.

Embora eu tenha o acesso credenciado às emissoras, não se deve confundir ou deixar transbordar os papéis de pesquisador e dirigente da entidade ABRAÇO-MA no processo de pesquisa, correndo o risco de a atuação militante interferir no trabalho de coleta de informações, bem como da análise/interpretação dos dados e, conseqüentemente, na exposição da realidade concreta sobre o trabalho de campo articulado à teoria.

Considero relevante fazer essa diferenciação de papéis porque ao longo da vivência junto à ABRAÇO-MA observo certa tendência do público externo de ver nas emissoras uma perspectiva romântica, harmoniosa e politicamente correta sobre o movimento de rádios comunitárias. Assim, militância e Ciência, embora tenham vínculos, precisam estabelecer algumas delimitações para evitar passionalidades e interferências excessivamente subjetivas na pesquisa.

O diálogo no processo do trabalho de campo

No trabalho de campo a aproximação da realidade busca compreender os fenômenos humanos, individuais ou coletivos, na perspectiva dinâmica da totalidade histórica (MINAYO, 2010). Assim, os pesquisadores, na condição de sujeitos ativos da pesquisa, confrontam valores, hábitos, crenças e representações no “chão” do campo. Considerando esse panorama, a coleta de informações para a montagem do perfil das emissoras comunitárias ocorre de duas formas: 1 - por meio de entrevista semi-estruturada com os gestores e locutores das emissoras; 2 - nos eventos realizados pela ABRAÇO-MA, especificamente durante os encontros regionais. A entrevista mencionada utiliza um roteiro aberto para orientar o pesquisador. Tanto na entrevista quanto nos eventos da entidade que organiza das rádios comunitárias os participantes são informados de que os referidos momentos de debate sobre a situação das emissoras são também espaços de coleta de informações para pesquisa científica.

Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos

em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE, 2009, p. 63).

Na entrevista com roteiro “o pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar; o informante fala mais que o pesquisador” (QUEIROZ, 1983, p.47). A outra modalidade para a obtenção de informações se dá através dos encontros regionais, convocados pela ABRAÇO-MA para uma cidade-pólo de cada território que compreende vários municípios, tendo a participação das emissoras das cidades vizinhas. Geralmente ocorrem no período compreendido entre as noites de sexta-feira, estendem-se durante os sábados nos dois turnos e são concluídos no domingo, ao meio-dia. Durante esses eventos a programação em geral consiste em informes sobre o panorama político-organizativo do movimento de rádios comunitárias (nacional e estadual), orientações jurídicas e técnicas acerca do funcionamento das emissoras e eventuais demandas junto à burocracia da legislação federal, compartilhamento de experiências de cada emissora e a coleta das demandas para a busca de soluções pela ABRAÇO-MA.

Além dos conteúdos formais pertinentes à dimensão político-organizativa, os encontros regionais são abertos com uma roda de conversa sobre a história resumida, a gestão, o conteúdo da grade de programação, assim como a situação atual de cada emissora. Nesse momento, o pesquisador instiga os participantes a falarem sobre as suas vivências cotidianas com o objetivo de conhecer a situação das rádios desde a sua origem até a atualidade, visualizando, no plano da pesquisa, formatar o perfil das mesmas.

Todos os eventos são realizados com a utilização de caixa de som amplificada e microfone. No momento inicial da roda de conversa as cadeiras dos participantes são disponibilizadas em círculo ou meia-lua e cada radialista toma o microfone para falar com base nos três aspectos sugeridos: origem da emissora, conteúdos veiculados, administração e condições atuais de funcionamento. Há uma indicação de tempo para cada participante falar por 10 (dez) minutos.

A disposição das cadeiras em posição circular é um dos meios de flexi-

bilização da hierarquia entre os dirigentes da entidade e os radialistas, bem como entre os sujeitos da pesquisa. Circularidade espacial compreende uma forma de organizar os corpos e os olhares de tal forma que todos os participantes possam ver os demais e serem vistos, seja pela mobilização do olhar ou pelo deslocamento do som emitido do microfone para a caixa amplificadora.

Ao longo da roda de conversa observo a performance de cada participante ao discorrer sobre os temas sugeridos. Os tópicos principais de cada relato são anotados no momento da roda de conversa para não perder a memória das narrativas. Os radialistas incluem nos relatos as suas respectivas caminhadas no rádio, as suas aspirações, as realizações como locutores e a satisfação de estar na condição de protagonistas de uma emissora. Percebo nesse recorte o glamour na posição ocupada no contexto do município; ou seja, como os(as) radialistas são visibilizados(as) nas suas respectivas cidades. O *status* de comunicador(a) é significativo para os participantes e percebo a motivação deles(as) para registrar essa relevância na roda de conversa.

Quem pesquisa quem?

Em ambos os casos (entrevista semi-estruturada e roda de conversa) o trabalho de campo consiste na aproximação entre os sujeitos da pesquisa, de tal forma que as informações obtidas emanam do processo de diálogo. A horizontalidade proporcionada pela disposição espacial circular das cadeiras proporciona a troca de olhares e a visualização dos corpos tocados também pelo som emanado da caixa amplificadora, de tal forma que os sentidos dos participantes são mobilizados tanto pela acuidade visual quanto acústica.

Outro aspecto a destacar é a relativa informalidade da roda de conversa, mas sem perder de vista a objetividade do trabalho de pesquisa. O diálogo estabelecido na dinâmica da conversação acaba fluindo com variados níveis de subjetividade pertinentes à própria característica dos locutores empunhando o microfone com as suas vozes amplificadas na caixa de som. Cabe observar, no entanto, que a informalidade não pode extrapolar as fronteiras do rigor científico da pesquisa. A busca de informações qualitativas é um processo de objetivação e subjetivação que, posto diante da teoria, produz o conhecimento da realidade.

Noutras palavras, a objetividade seria encarada então como um processo a que é submetido um objeto, um fe-

nômeno, uma sucessão de acontecimentos, quer se desenrolem na realidade exterior aos indivíduos, quer sejam por estes interiorizados; descrevendo-os, verificando-os experimentalmente quando possível, reintegrando-os numa nova síntese, trazendo-os do particular ao geral, estará o pesquisador operando para obter novos conhecimentos, dando um novo sentido ao que se conhecia até então somente pelo senso comum (QUEIROZ, 1983, p.40).

Dessa forma, rompe-se a fronteira entre “sujeito” e “objeto” e entra em curso a construção de um protocolo metodológico para a obtenção de informações em que todos são sujeitos participantes do processo de pesquisa. O ambiente coletivo gerado na roda de conversa é uma forma de estimular a fala. Nessa perspectiva, a potência da oralidade cria as condições de trânsito das informações em um fluxo contínuo de produção de conhecimento passado de boca a boca, através das narrativas dos participantes, contando as suas respectivas trajetórias de comunicadores(as) e o percurso na emissora.

O exercício da fala no percurso da pesquisa cabe uma reflexão. Durante a caminhada evolutiva da humanidade, a era correspondente ao domínio da oralidade, quando não havia qualquer forma de escrita ou da impressão, corresponde à oralidade primária (ONG, 1998). A palavra falada representando ação e poder no cenário das culturas orais indica uma fase no impulso das habilidades humanas sem a presença de qualquer registro escrito. As peculiaridades da oralidade, confrontadas à emergência da escrita, considerando as devidas aproximações e distanciamentos, ajudam a entender as duas formas de expressão. Na linha do tempo, a permanência da oralidade enfatiza a sua longevidade face aos primórdios dos registros escritos.

O Homo sapiens existe há cerca de 30.000-50.000 anos. O mais antigo registro escrito data de apenas 6.000 anos atrás. O estudo diacrônico da oralidade e da cultura escrita e dos vários estágios na evolução de uma para outra estabelece um quadro de referência no qual é possível entender melhor não apenas a primitiva cultura oral e a subsequente cultura escrita, mas também a cultura impressa, que leva a escrita a um novo patamar, e a cultura eletrônica, que se apoia tanto na escrita como na impressão. Nesse quadro diacrônico, passado e presente, Homero e televisão podem se esclarecer mutuamente (ONG, 1998, p. 10).

A roda de conversa constitui uma rede de circulação de conhecimento fertilizada pela dinâmica da palavra falada em narrativas diversas que se des(encontram) no caminho da prática cultural da comunicação comunitária através do rádio. Mesmo quando o(a) participante extrapola o tempo estipulado de 10 (dez) minutos para fazer a sua exposição, a coordenação da roda de conversa não “corta o microfone”, apenas avisa que o tempo previsto está sendo extrapolado e solicita a conclusão do relato.

Na roda de conversa não há posições distintas hierarquizadas entre os integrantes. O pesquisador, na condição de mediador do evento, observa e anota as falas dos locutores como um espaço de conhecimento sobre a realidade vivenciada em cada emissora, sem fazer intervenções no sentido de poder os relatos. A técnica de pesquisa adotada valoriza o momento da colheita de informações sobre a vivência cotidiana das rádios, o seu fazer diário, as suas conquistas, dificuldades, embaraços, superações e a relação com a audiência. Assim, a construção metodológica compreende a roda de conversa como um espaço coletivo de produção de conhecimento. Embora haja uma distinção entre as posições ocupadas – dirigentes da ABRAÇO-MA e radialistas, a roda de conversa busca estabelecer o máximo de horizontalidade entre os participantes.

A caminhada de construção do conhecimento implica ações teóricas (explicitação conceitual do objeto), metódicas e técnicas. Ao entrar no campo, o pesquisador pisa em um terreno enriquecido pelo saber dos pesquisados e desse encontro entre a teoria e o trabalho empírico nasce o conhecimento científico. Assim, a metodologia é intrínseca a todas as etapas da pesquisa. O próprio exercício da fala aberta, a franquia da palavra no ambiente de circularidade, de posse do microfone, empodera o participante no mesmo nível do dirigente, de tal modo que a função de intelectual tem evidência.

[...] não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um - filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar [...] (GRAMSCI, 2001, p.53).

ONG (1998) e NUNES (1993) discorrem sobre a oralidade primária rela-

cionada ao som desde o choro da criança ao nascer, passando pelas outras formas de vínculos com o universo acústico ainda na era do homem primitivo que emitia ruídos para se comunicar na ausência total da escrita. “Numa cultura oral, a redução das palavras a sons determina não apenas os modos de expressão, mas também os processos mentais.” (ONG, 1998, p.44.), evidenciando a potência da relação entre falar e ouvir intrinsecamente associadas ao movimento, ação e poder da palavra. O autor posiciona a oralidade primária no sentido coletivo da tribo, quando a conversação mediada pela figura do ancião dimensiona a coesão social. Nesse sentido, a conversação agrega e reforça os laços de identidades no contexto das narrativas orais, enfatizando o poder da fala.

O valor mágico outorgado à palavra pelas culturas orais primárias, aquelas que desconhecem a escrita, pois a palavra falada é animada por um poder e confere poder sobre as coisas. A palavra é manifestação e apreensão da realidade” (NUNES, 1993, p.101).

O trabalho de campo consiste em articular os sujeitos de modo a permitir a sua efetiva inserção no processo de produção de conhecimento, denotando interpelar no sentido de instigar, questionar, convidar, acolher, trazer para dentro da roda. Nesse contexto, o pesquisador e o pesquisado constituem dupla fonte de alimentação da realidade. Equipado com o arcabouço teórico-metodológico, o pesquisador vai a campo sentir o encontro de saberes, parte das etapas de produção do conhecimento científico.

Assim, as emanções do campo fertilizam o terreno teórico. O conhecimento acadêmico não é algo dado previamente para ser aplicado à realidade. A explicação do real ocorre em uma dimensão dialética de acomodação entre a teoria e o campo, ou de conflito entre os equipamentos teórico-metodológicos e a realidade, quando esta se apresenta para adubar o terreno teórico e alimentar a pesquisa com novas descobertas.

Conclusão

Embora seja um relato inicial sobre o trabalho de campo, este artigo reflète sobre a importância da produção coletiva de conhecimento junto aos comunicadores populares das emissoras comunitárias mencionadas. Alguns aspectos merecem ênfase e apontamentos de síntese. Um deles diz respeito

à entrada no campo. Neste caso houve relativa facilidade, considerando o trânsito do pesquisador junto aos pesquisados. A confiança mútua gerada por vários anos de atuação junto ao movimento de rádios comunitárias no Maranhão estabelece um relativo vínculo entre os sujeitos da pesquisa.

Acentuo, no entanto, que a ação militante não pode sobrepor a atividade da pesquisa. Os critérios teóricos e metodológicos são fundamentais para a obtenção dos resultados e discussão que tragam a realidade à tona com as suas contradições, sem a interferência de eventuais passionalidades pelo objeto. O artigo apresenta a roda de conversa como uma técnica de pesquisa que evidencia a participação coletiva dos sujeitos no processo de obtenção de informações. No contexto da metodologia, a conversação, inspirada na prática cultural da oralidade, apresenta vantagens e limites.

Entre os benefícios, ela constitui um exercício conjunto de obtenção de informações no ambiente coletivo, ensejando um somatório de relatos diferenciados sobre cada emissora, apesar de haver elementos comuns entre elas. A roda de conversa é percebida como espaço colaborativo em que os participantes se reconhecem como integrantes de uma comunidade que compartilha as suas semelhanças, contradições, diferenças, vitórias, conquistas, disputas, divergências. Portanto, é necessário reiterar a visada não romântica sobre as rádios comunitárias, visto que essas emissoras estão situadas em contextos de poder local, regional e nacional, influenciadas pelos campos político, econômico, religioso com relativa interferência nos meios de comunicação no município, lugar específico de atuação das emissoras comunitárias.

Diferente da técnica da entrevista semi-estruturada, com roteiro e individualizada, a roda de conversa, pela sua característica difusa da conversação e o tempo limitado, pode não ser a técnica mais adequada para o aprofundamento necessário do diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Dessa comparação entre a roda de conversa e a entrevista semi-estruturada resulta a riqueza da concepção da metodologia como um processo dinâmico. Os ensinamentos do trabalho de campo servem para refletir sobre a práxis do pesquisador, de modo que o aprendizado é permanente. As técnicas de pesquisa precisam passar por um constante processo de monitoramento, avaliação e revisões, quando necessário, fazendo adaptações e ajustes no planejamento dos instrumentos de trabalho. As ferramentas, quando

não adequadas, devem ser reparadas ou trocadas, de modo que a produção do conhecimento obtenha eficácia.

O pesquisador, dotado dos seus instrumentos de investigação para entrar no campo e colher os dados, na verdade é também um semeador. A colheita implica semeadura. Dialeticamente pensados, os sentidos e plantar e colher se encaixam na relação entre os sujeitos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais; o princípio educativo; jornalismo. 2. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio**: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU / FFLCH-USP, 1983.

"CAMINHOS DA BOIADA"

Uma possibilidade de
pesquisa em colaboração
no campo da Comunicação

Letícia Cardoso

Introdução

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada”, já ensinava com muita sabedoria Cora Coralina. Tomamos emprestado esse verso da poetisa brasileira, para falar de metodologia em pesquisa social, considerando que toda metodologia implica um modo de caminhar, um caminho que deve ser traçado, trilhado, experienciado e compartilhado com outras pessoas. No decorrer desse percurso, nós, pesquisadores, colhemos muito mais do que informações e dados objetivos relativos a uma investigação proposta. Nós interagimos com as pessoas e nessa relação, deixamos um pouco de nós nelas, absorvemos delas em nós. No ponto de chegada, que seria o encerramento da pesquisa, já somos outros.

Eu entrei no mundo da pesquisa há pelo menos 15 anos, quando fiz mestrado em Ciências Sociais. De lá pra cá, passado o doutorado em Comunicação e tantas outras inserções de pesquisa, reconheço que naqueles momentos iniciais eu não me questionava, como hoje em dia, sobre o impacto do meu papel de pesquisadora na vida dos sujeitos que possibilitavam a realização das diversas investigações realizadas. Muitas vezes, tratei esses sujeitos como objetos de pesquisa e não como pessoas que também tinham muito a me ensinar, orientada por uma perspectiva que trazia resquícios positivistas – advogando certa objetividade e a separação entre o sujeito e o objeto como princípio da investigação científica. Assim, embora eu reconhecesse que “a subjetividade é inerente ao humano, independentemente da vontade, atravessa o processo de percepção e teorização sobre fatos e fenômenos” (ROSÁRIO, 2016, p. 180), minha atuação no campo de pesquisa ainda se guiava, numa atitude internalizada de vigilância, por certo distanciamento cartesiano entre pesquisador – pesquisado, cujo um dos papéis do primeiro seria “dar voz” ao segundo.

Estou certa de que não é uma expressão individual, mas um movimento contemporâneo de pesquisadores sociais, reconhecer o atual questionamento do racionalismo que tomou conta da ciência e do método; reconhecer que num momento de deslocamentos e fluidez em que as referências tradicionais (como o positivismo, as noções de Estado, de Igreja, de povo, entre outras) não dão mais conta de explicar as realidades multiculturais, globalizadas, mestiças e periféricas. Nesse cenário, o discurso científico e especialmente,

as ciências do Norte¹ (SANTOS, 1999) são apenas mais um dos conhecimentos disponíveis no mundo social, que disputam o monopólio do saber e do poder.

Vivemos um momento de necessária desconstrução dos processos considerados convencionais e clássicos na realização de pesquisas sociais. O que por muito tempo funcionou como forma de legitimação das ciências sociais – a transposição de teorias, conceitos, métodos e procedimentos de pesquisa trazidas das ciências exatas e naturais ou transplantadas do Norte para o Sul – hoje está sendo repensado e até mesmo refutado como condição de validade das práticas científicas e epistemológicas nos países considerados periféricos em relação à produção central do conhecimento (requisitada pelos países europeus e Estados Unidos).

Pegando carona nesse movimento de desconstrução, cada vez mais, inquieto-me na minha prática profissional, pensar sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos interagentes em pesquisa, o que perpassa entender se e como acontecem (re)configurações no cotidiano desses sujeitos (pesquisadores e pesquisados), mas também refletir sobre o meu papel social de pesquisadora. Cabe a mim dar voz a esses sujeitos? Como lidar com esse lugar de poder? E como deslocar esse lugar para um espaço real de trocas e valorização do conhecimento do outro?

Como pontuam Marques e Genro (2016, p. 327):

Quando o cientista social engajado faz essa constatação – de que parte fundamental dos saberes do mundo são ignorados, silenciados, visibilizados – algo no modus operandi da pesquisa social tradicional passa a causar-lhe imenso desconforto. A pergunta ética fica atravessada em seus olhos, em sua garganta: como retirá-los – esses saberes e seus autores – desse lugar indolente, onde não são mais do que a sombra imperfeita dos saberes do norte? Como fazê-lo sem apertar ainda mais o nó de subalternização desse outro marginalizado? Pode-se fazer pesquisa de modo menos invasivo, assimétrico e extrativo?

Essas são indagações pertinentes ao relato da pesquisa que apresenta-

¹ A oposição Norte (central) e Sul (periférico) nas ciências, amplamente estudada por Boaventura de Sousa Santos (2010), refere-se a um processo modernizador calcado no capitalismo industrial e na noção de desenvolvimento, que se expandia a partir de um centro (Europa e América do Norte), em direção a uma periferia (restante do mundo). O autor defende que o Sul precisa criar/reconhecer suas próprias epistemologias.

mos neste artigo, cujos resultados e conclusões são bem menos significativos que o compartilhamento de experiências que colhemos no caminho, sempre em processo.

Nesse sentido, o presente artigo trata das relações estabelecidas entre os sujeitos na investigação Caminhos da Boiada: um mapeamento dos grupos de Bumba meu boi em São Luís do Maranhão², ainda em fase de desenvolvimento, vinculada ao Departamento de Comunicação da UFMA. O objetivo principal da referida pesquisa é desenvolver um mapa digital localizando e representando os grupos de bumba meu boi do Maranhão com sede em São Luís, Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar. Nesse contexto, uma das preocupações na execução da pesquisa é garantir a participação e a autonomia dos sujeitos pesquisados, aqui denominados brincantes³, a fim de pensarem suas próprias representações e decidirem sobre os conteúdos que serão (ou não) contemplados, através de uma pesquisa em colaboração, que inclui processo de produção compartilhada de dados e elaboração coletiva do mapa proposto, o que para nós significa um grande desafio.

Trilhando o “caminho da boiada”: Bumba meu boi, mediações e cartografia cultural

A prática do bumba meu boi no Maranhão remonta ao século XIX e inicialmente era perseguida devido ao sistema escravocrata que proibia as manifestações de povos negros, além do preconceito das elites, que consideravam essas festividades baderna e desordem pública. Porém, aos poucos, houve a permissão para a apresentação dos grupos nas áreas centrais da capital. Muitas lutas, adaptações, resistências e assimilações aconteceram até que em 2011 o Complexo Cultural Bumba meu boi passou a ser reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Em dezembro de 2019, tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

² Desenvolvida no projeto *Metodologias de Estudos Culturais: um olhar comunicacional sobre as culturas populares no Maranhão, cuja execução tem recursos oriundos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), por meio do Edital Universal da 2018/2019.*

³ Categoria nativa que se refere aos integrantes do grupo, aqueles que “brincam o Boi” (CARDOSO, 2018, p. 01)

Utilizamos a expressão “Caminho da Boiada” para denominar essa investigação, tomando emprestado o nome de uma rua localizada no Centro de São Luís (atual rua Manuel Jansen Ferreira), por ser parte da rota feita pelo gado durante o século XIX e início do XX, rumo ao matadouro público localizado nas proximidades. Com a tolerância das elites políticas, a partir da década de 1960, as brincadeiras populares como o bumba meu boi conquistaram caminhos novos, inclusive podendo dançar em bairros centrais e elitizados da cidade. O Caminho da Boiada, em nosso projeto, dessa vez não seria mais para o abate do gado, mas para as festividades do touro que morre e renasce todos os anos no imaginário popular maranhense.

A prática cultural do bumba-boi (ou boi, como também é conhecido) alia o sagrado e o profano, por meio da musicalidade, teatralidade, dança, artesanato, entre outras expressões artísticas. Está presente em diversas comunidades do Maranhão. A festa tradicional se baseia na narrativa mítica de morte e ressurreição de um boi, materializado na brincadeira⁴ em forma de alegoria de um boi-brinquedo (operado por uma pessoa geralmente nomeada como tripa ou miolo), em que os brincantes dançam, cantam e tocam ao seu redor.

Essa brincadeira, hoje considerada representante oficial da cultura popular maranhense, que por muitos anos sofreu, e ainda sofre, preconceito racial e social, constitui um símbolo de resistência das classes populares, marginalizadas e subalternas, sobretudo da população negra que representa 74%⁵ dos cidadãos maranhenses. Apesar da perseguição, essa prática cultural vem se reelaborando há décadas, mesmo diante da realidade de segregação racial e vem adquirindo estatuto de identidade regional, em negociação com a elite (financeira, intelectual, política) que um dia a reprimiu.

Além de constituir fonte identitária de diversos grupos no Maranhão, o Boi está inserido na lógica de mercado de bens simbólicos, na indústria do turismo, nos processos políticos. Comunica valores, ideologias, anseios, várias demandas de sua comunidade de origem, constituindo também um circuito complexo de comunicação, um modo de mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008) nas/das comunidades.

⁴ *As manifestações de culturas populares no Maranhão (danças, festas, teatro de rua), como o Bumba meu boi, Tambor de crioula, Cacuriá, Quadrilhas, são chamadas de brincadeiras pelo povo maranhense.*

⁵ *De acordo com os dados do IBGE de 2012.*

Porém, ainda é comum, em discursos midiáticos e em pesquisas acadêmicas, que os brincantes sejam representados como “elementos exóticos de uma cultura a ser preservada e divulgada para fins turísticos, portanto, vistos de forma passiva e isolada das suas relações sociais e cotidianas” (CARDOSO, 2018, p. 02). A visibilidade desses grupos continua sendo atrelada a discursos folcloristas, concentrada somente no período junino, época de maior realização das festividades de bumba meu boi. Ainda existe, enfim, muito preconceito contra manifestações das culturas populares de origem afro-indígena (portanto, do Sul, não-branca, não-hegemônica), como o bumba meu boi. Devemos acrescentar que no caso da capital maranhense, tais manifestações costumam estar ligadas aos setores populares e situadas em zonas rurais ou bairros distantes do centro. Logo, estamos tratando de uma população mais desamparada pelas políticas públicas, em geral, à margem dos espaços de decisão.

Por outro lado, como grande festa popular no Maranhão, o bumba meu boi compartilha as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema capitalista em que está inserido, internalizando as concepções das classes hegemônicas, mas também estabelece relações de forma consciente e ativa nesse contexto (com o mercado, com a política, com a mídia), criando suas próprias estruturas, suas representações, suas formas de comunicação e de resistência. Assim, essa prática cultural resulta das formas de pensamento mediante os quais os brincantes concebem e expressam sua realidade, como avaliou Canclini (1983) sobre as culturas populares no capitalismo, “seu lugar em geral subordinado na produção, na circulação e no consumo”. No entanto, não podemos negar que a agência dos sujeitos gera táticas não só em resposta às estratégias das elites, mas segundo seus interesses, num processo de negociação conflitivo.

Assim, com o objetivo de contribuir para o registro, a visibilidade e a difusão mais contextualizada desses sujeitos, não só no período junino, mas durante todo o ano, pensamos na elaboração de um mapeamento das sedes dos grupos de bumba meu boi localizados na grande São Luís, que será materializado num mapa (impresso e digital).

Para a construção da investigação numa abordagem multidisciplinar, empregamos a teoria latino-americana das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008), aliada a conceitos da Geografia, relativos ao mapeamento ou cartografia cultural, método que permite a coleta e a visualização dos elementos

simbólicos e espaciais de uma determinada cultura.

Essa visada desloca o olhar dos meios de comunicação de massa para se concentrar no entorno, pensa a comunicação a partir da cultura, numa crítica ao midiacentrismo. De maneira sucinta, as mediações são os lugares de produção de sentido para os sujeitos; “o lugar” a partir do qual se atribui sentido à comunicação e esse lugar é a cultura (MARTÍN-BARBERO, 2008). Sob esse viés, estudar o processo de comunicação significa compreender que entre a produção e a recepção dos produtos midiáticos há um espaço em que a cultura cotidiana se reelabora, o espaço da experiência vivida.

Entendemos o mapa como recurso que pode produzir diversas mediações entre os sujeitos, gerando sentidos e relações variadas tanto no processo de pesquisa quanto no resultado final. Na perspectiva adotada, mapeamento ou cartografia cultural significa: “um instrumento cartográfico que tem como objetivo demonstrar aspectos culturais, históricos e costumeiros de um território tradicional de um ou vários povos” (ACT BRASIL, 2008, p. 5).

O mapeamento cultural pode adquirir diversas formas, mas alguns aspectos o definem objetivamente: é necessário que seja realizado pela própria comunidade, combinado com regras cartográficas, para que o resultado final tenha precisão e ordenamento. Essa ferramenta foi desenvolvida como parte de um processo de diagnóstico cultural e social que pode dar origem a fortes instrumentos políticos e gerar boas práticas e políticas adequadas para as comunidades envolvidas, a exemplo de planos de educação indígena, manejo ambiental e proteção territorial. O mapa não deve configurar um objetivo por si só, mas sim um instrumento dentro de um trabalho de fortalecimento cultural e territorial das comunidades tradicionais (ACT BRASIL, 2008).

Por sua vez, no campo da comunicação, Rosário (2016) defende que:

(...) a cartografia desvia-se do conceito de método ligado a conjunto de regras, a saberes prontos, a modelos, tampouco se conecta à aquisição de saber e transmissão de informação. O fato de a cartografia ser ainda embrionária na comunicação torna esse ponto de vista ainda mais coerente. A sua prática vai evidenciar seus diversos modos de operação, sobretudo porque se defende que o método não seja um caminho predefinido, mas construído e refletido no processo. Para que se consiga atingir tal ponto, é preciso que os pesquisadores se empenhem em refletir, partilhar e tensionar os processos de aplicação da cartografia no campo (ROSÁRIO, 2016, p. 184).

Assim, percebemos que se apropriar da cartografia como método de investigação significa também um deslocamento sobre práticas corriqueiras e abordagens convencionais de pesquisa, que envolvem “o modo de iniciar o processo, a maneira de coletar e registrar dados, diz respeito também à postura do investigador na pesquisa e, ainda, à forma de interpretar os dados” (ROSÁRIO, 2016, p. 185). Na prática da cartografia em comunicação, complementa o raciocínio, o mais importante é “o posicionamento sempre atento do investigador buscando ouvir a experiência, sem sujeitar-se aos hábitos teórico-metodológicos do ‘saber sobre’” (ROSÁRIO, 2016, p. 185).

Por essa concepção desafiadora, ao se lançar em campo, o pesquisador deve, entre outras coisas, estar aberto para conhecer e partilhar, inclusive abrir mão da “aura” do monopólio do saber; olhar o outro numa relação horizontal, sabendo que também está sendo observado/avaliado; e reconhecer que o processo de pesquisa é uma construção coletiva, na qual ele é mais um dos sujeitos em interação, em colaboração. As fronteiras entre os co-pesquisadores (o acadêmico e o empírico) são delimitadas na própria relação estabelecida em campo.

Caminhando juntos:

planejando práticas de pesquisa em colaboração

Pensada na perspectiva da “pesquisa cuidadosa”, que vem sendo buscada “em lugar do paradigma de descuido que compõe as tessituras epistemológicas com as quais se costuma fazer ciência” (MARQUES & GENRO, 2016, p. 323), a prática da co-pesquisa ou pesquisa em colaboração visa priorizar a interação e a produção da pesquisa com os sujeitos. Em nosso caso específico, pesquisadores e brincantes buscaram colaborar mutuamente, aprender um com o outro, num processo horizontal de parceria e de compartilhamento de saberes, em que foi fundamental negociar todo o processo, considerando a intervenção dos brincantes na definição dos conteúdos e nas etapas de execução do mapa propriamente dito.

O planejamento da pesquisa foi experimental, no sentido da pesquisa em colaboração, que busca escapar tanto do “racionalismo dogmático quanto do relativismo ingênuo”, pontuados por Marques e Genro (2016). As autoras problematizam a prática da pesquisa social, apontando aspectos que são muitas vezes naturalizados, por nós e pelo contexto social, devido ao lugar institucio-

nalizado que ocupamos. Para elas, na atualidade fazer pesquisa social:

Requer a superação da lógica extrativa de conhecimento que impera nas investigações sociais, marcada, por exemplo, pela imposição de uma agenda que, embora externa à comunidade estudada, espera-se seja atendida por ela com rapidez, coerência e docilidade; pela despreocupação com a atribuição de autoria a conhecimentos compartilhados conosco por autoridades e/ou lideranças populares; pela naturalidade com que se impõe o não retorno à comunidade estudada dos resultados a que se chegou mediante a sua colaboração, ou, ainda, pela incapacidade de sequer cogitar produtos da investigação além do texto científico, capazes de apoiar as lutas em que se debatem os grupos pesquisados. (MARQUES & GENRO, 2016, p.328)

Como pesquisadores possuem um discurso autorizado (BOURDIEU, 1996) pela ciência, muitas vezes nosso papel passa a ser naturalizado socialmente, por conta da eficácia simbólica do discurso científico. Segundo Bourdieu (1996), o ato de nomear é um ato de poder que cria e institui realidades. Assim, quem tem o poder simbólico de impor uma visão/divisão/definição legítima de mundo, acaba produzindo a existência daquilo que afirma. A autoridade para falar, afirmar, definir, classificar é advinda do reconhecimento social (autorização) dos outros agentes. Quem a adquire, pode instituir o mundo social segundo seus interesses, sua visão de mundo. Nessa relação está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima, quer dizer, do poder de impor instrumentos de conhecimento e de expressão (BOURDIEU, 2003, p. 12). A naturalização, assim, faz passar por naturais construções sociais, seu efeito é crer numa realidade como a única possível, mantendo a ordem social, ao invés de questioná-la, compreendê-la.

Nem de longe pretendemos deslegitimar o discurso científico ou desqualificar o papel dos cientistas sociais, fadados a disputar espaço e poder com uma tendência obscurantista e anticência na arena da atual conjuntura política brasileira. Um discurso, aliás, autorizado pelo Governo Federal e representado/reforçado na figura do mandatário da República, Jair Bolsonaro, que publicamente aciona uma retórica ideológica anti-intelectualista, incentivando o fenômeno das Fake News, do negacionismo ambiental e climático, dos movimentos antidemocráticos, terraplanistas, anti-vacina entre outros retrocessos que se contrapõem à lógica do pensamento teórico-filosófico-cien-

tífico. Portanto, o objetivo aqui é fazermos uma necessária autocrítica sobre a atuação no campo da pesquisa, a fim de repensar esse árduo trabalho de interação com o “outro”, comprometido com a mediação e a transformação da realidade social.

Baseando-nos nessas reflexões, iniciamos o estudo Caminho da Boiada realizando num primeiro momento uma pesquisa exploratória em que adquirimos uma lista de cadastro dos grupos de bumba meu boi, fornecida pela SECTUR (Secretaria de Estado da Cultura e Turismo do Maranhão). A partir dessa lista, elaboramos uma seleção dos grupos que possuem sede em São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. O critério para a seleção foi possuir sede na ilha (que é formada pelos quatro municípios mencionados) devido às limitações de tempo do projeto de pesquisa, que será de 2 anos de execução. A equipe que decidiu o critério é formada pela orientadora e duas alunas do Curso de Comunicação Social, ambas, pesquisadoras de iniciação científica.

Ao reunir esse banco de dados com os nomes dos grupos de bumba-boi e telefones de contato, estabelecemos o contato telefônico com os líderes dos grupos, exceto nos casos em que havia erro nas informações. Parte dos dados de telefone e de endereço estava impreciso ou incorreto, o que dificultou o contato com muitos deles. Identificamos 126 grupos, sendo que 71 destes apresentaram problemas com o número de telefone disponibilizado no credenciamento (telefone inexistente ou sem completar a ligação). No entanto, todos foram incluídos em nossa lista até que consigamos confirmar a localização exata da sede ou novas formas de contatá-los. Foi possível identificar, com precisão, a localização de 34 grupos de bumba meu boi, em geral da zona rural da ilha, em um mapa virtual, criado na ferramenta do Google “My Maps” disponível gratuitamente, que permite a criação de mapas personalizados. O intuito foi obter uma primeira visualização cartográfica das sedes em São Luís e na região metropolitana. Esse mapa está intitulado “Caminhos da Boiada” (Ver Figura 1), ainda em processo de elaboração, cuja finalização esperamos alcançar durante a execução da pesquisa até dezembro de 2022.

Diante dos novos desafios ocasionados pela eclosão da pandemia de Covid19, tivemos que repensar as estratégias metodológicas para alcançar nossos propósitos. Anteriormente à pandemia, a ideia era fazer uma pesquisa

de campo com visitas in loco em todas as 126 comunidades de bumba meu boi previamente identificadas na área abrangida. Agora, a logística possível é fazer os contatos e entrevistas por telefone e/ou aplicativo Whatsapp, com o objetivo de coletar informações mais gerais sobre o grupo, em forma de questionário.

A modalidade ou o estilo rítmico que divide os diferentes grupos, determinado pela região ou cidade de origem do boi e/ou pelo conjunto de instrumentos utilizados, é chamado de sotaque. Há cinco tipologias de sotaques legitimadas no Maranhão: de Zabumba ou Guimarães; da Ilha ou matraca; da Baixada ou Pindaré; de Orquestra; e de Cururupu ou Costa de mão. Tomando essa referência e essa classificação, que são acionadas pelos próprios brincantes, iremos consultá-los sobre a possibilidade de indicarem 1 (um) representante de cada sotaque (no caso, 5 grupos) para realizarmos uma vivência mais próxima, com visitas à sede, registro fotográfico e entrevistas semi-estruturadas junto aos seus líderes e outros membros.

Figura 1 - Mapa Caminho da Boiada (Frente)



Fonte: A autora

A abordagem pensada foi uma pesquisa de campo, com visitas às sedes dos grupos de bumba-boi, possibilitando o contato das pesquisadoras com a cultura dos sujeitos (os brincantes do boi), que não serão vistos apenas como informantes, segundo a acepção da antropologia clássica, mas considerados co-pesquisadores.

Também integram a metodologia encontros com a diretoria dos grupos em lugares previamente combinados para a realização das entrevistas. É preciso ressaltar que foram respeitadas todas as medidas sanitárias de distanciamento social, com uso de máscara e optando por lugares abertos, em comum acordo com os co-pesquisadores. Além disso, não se pode deixar de relatar que os grupos de bumba-boi sofreram muitas perdas de integrantes, em sua maioria idosos, vítimas do Covid19. Por isso, foi necessário por parte das pesquisadoras não só a atenção às medidas sanitárias, como também uma sensibilidade específica para lidar com os entrevistados.

Os dados reunidos junto com esses 5 grupos ilustraram de forma mais didática e lúdica a construção do mapa a que nos propomos. Os demais grupos serão contemplados no mapa com as informações básicas, a saber: Nome do Grupo, Sotaque, Endereço, Nome do Líder e Contatos. Assim, todos os 126 grupos serão identificados no mapa da Ilha de São Luís, em sua localização geográfica precisa, por um número que remete a uma legenda.

É importante informar que nosso projeto de pesquisa conta com recursos para a impressão do mapa impresso e elaboração do mapa digital, oriundos do edital universal da FAPEMA (2018). Desse modo, temos um trabalho multidisciplinar com estudos da Geografia sobre cartografia cultural e também da área de Design, pois estudantes do curso de Design foram responsáveis pela concepção gráfica do mapa. O trabalho de criação foi também acompanhado pelos líderes dos grupos para que se sintam parte do processo produtivo. A equipe de design deverá atender à construção coletiva demandada para construirmos juntos, pesquisadoras e co-pesquisadores, a materialização das ideias compartilhadas na pesquisa.

Em campo, as pesquisadoras fizeram uso de diário de campo, gravadores e máquina fotográfica para facilitar o registro e a análise posterior dos dados. Outras técnicas acionadas de forma complementar foram análise de fotografias, reportagens, campanhas publicitárias, documentos, entre outros.

A pesquisa bibliográfica fundamentou as reflexões teóricas e a definição

dos procedimentos e técnicas de coleta de dados mais adequados, durante as reuniões semanais remotas de estudo com a equipe executora, tendo sempre em vista que o pesquisador que se lança aos Estudos Culturais deve nortear seu trabalho pela “ideia de que pesquisar significa construir ‘interpretações’, certos modos de compreender o mundo, sempre historicamente localizados, subjetivos e relativos”, como ensina Escosteguy (2010, p. 59).

O resultado desse investimento científico, em conjunto, permitirá descrever as etapas do processo, sugerir percursos, mapear resultados, reunir fontes, cruzar/comparar informações, visando mapear os 126 grupos de bumba meu boi situados na região, compondo um banco de dados importante para futuras pesquisas, para registro e valorização do patrimônio imaterial do Maranhão e, em última análise, contribuir para a implantação de políticas públicas culturais mais adequadas às condições materiais de vida dos grupos de cultura popular.

Encaminhamentos finais

Em nossa percepção, o estudo apresentado, realizado na perspectiva da pesquisa cuidadosa - aqui possibilitada pela cartografia cultural - pode gerar o compartilhamento de valores, ideias, sentimentos e o sentido de pertencimento dos membros dos grupos de bumba-boi, que serão atuantes em todo o processo de pesquisa e na execução do produto final - o mapa Caminho da Boiada.

Somos levados a pensar que o mapa, e sua conseqüente divulgação, podem significar uma estratégia de distinção e visibilidade para esses sujeitos, contribuindo assim para uma maior legitimação social e autonomia desses grupos sociais, considerados periféricos e subalternos, num cenário político de convergência cultural da comunicação, de disputas por direitos culturais e de globalização.

Nesse sentido, pensamos que a referida pesquisa cumpre seu papel social ao construir reflexões importantes para futuras pesquisas no campo da comunicação e ao oferecer um instrumento de diagnóstico cultural, com a possibilidade de gerar ferramentas de articulação política, práticas de visibilidade e talvez até o fomento de políticas públicas adequadas para as comunidades envolvidas, num processo de fortalecimento cultural dos grupos de bumba meu boi. Esse é o caminho que desejamos trilhar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. ed. On-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **As mediações no Bumba meu boi do Maranhão**: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares. 2016. 268 f. Tese. (Doutorado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. **Metodologia de mapeamento cultural colaborativo**. - Brasília: ACT Brasil, 2008.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Cartografia na comunicação**: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (orgs). Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.=+

MÉTODOS, CENAS E GÊNEROS MUSICAIS EM TRÊS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA*

Caroline Govari

Lucina Reitenbach Viana

Márcio Leonardo Monteiro Costa

** Esta é uma versão revisada do artigo originalmente
apresentado pelos autores no XXVIII Encontro Anual da Compós,
realizado em Porto Alegre, no mês de junho de 2019.*

Considerações iniciais

A proposta deste artigo é apresentar e discutir as diferentes abordagens metodológicas empíricas utilizadas pelos autores em suas pesquisas individuais, a partir do entendimento comum de que as investigações sobre música no âmbito das Ciências Sociais são atravessadas pelos conceitos recorrentes e emergentes de cena e gênero musical. A despeito de quais gêneros e cenas são individualmente pesquisados pelos autores, o fio condutor e ponto central da discussão é o fato de que pesquisas em música são comumente desenvolvidas por pesquisadores identificados com o gênero musical e inseridos na cena pesquisada. Longe de apresentar um guia para escolhas metodológicas futuras, as angulações teórico-metodológicas aqui descritas apontam para uma discussão aberta e, portanto, sujeita a adaptações e à incorporação de novas análises derivadas da continuidade dos trabalhos desenvolvidos. Para além dos resultados das pesquisas, observam-se as características do trabalho de campo e das escolhas metodológicas do pesquisador-*insider* (HODKINSON, 2005).

A tensão entre os objetivos de participação e de pesquisa no caso de incursões exploratórias em cenas e gêneros musicais abre espaço para aprofundar a discussão sobre as escolhas metodológicas feitas por pesquisadores, quando o objetivo é pesquisar temas com os quais temos relações anteriores e cenas das quais fazemos parte. Em comum, as pesquisas aqui apresentadas, bem como as abordagens metodológicas discutidas, trazem a tentativa de compreender como se dá a relação entre os gêneros musicais específicos enquanto objeto de pesquisa e seu contexto urbano, privilegiando as relações comunicacionais e discursivas desenvolvidas no âmbito das cenas musicais. O ponto de partida é a discussão teórica sobre as noções de gênero musical e cena para identificar as contribuições e limites das mesmas no âmbito dos projetos de pesquisa. Em seguida, discutem-se as contribuições da abordagem etnográfica, da abordagem netnográfica e da entrevista biográfica na condução de pesquisas dessa natureza, isto é, que contemplam questões ligadas aos gêneros musicais e às cenas.

Gêneros musicais

Em um texto clássico de 1982, Fabbri (2017) define os gêneros musicais como um conjunto de eventos musicais cujo curso seria governado por um

conjunto de regras aceitas socialmente. Existem, na definição, regras formais e técnicas, regras semióticas, regras de comportamento, regras sociais e ideológicas e regras econômicas e jurídicas. Para Fabbri (2017, p. 4), “o que deve vir à tona a partir deste panorama é a necessidade de uma aproximação interdisciplinar para que cada prática, musical ou não, entre aquelas que formam um gênero, seja examinada com a ferramenta teórica mais apropriada possível”. Pelas regras propostas pelo autor, a definição de um gênero musical passa conjuntamente por aspectos ligados à estrutura composicional, à estratégia narrativa empregada e aos rituais que criam um círculo exclusivo de pessoas em torno de um evento musical.

Tratando da noção de gêneros musicais em suas relações com identidades, Born (2013) argumenta que a música não é algo dado ou essencial, e sim parte de um contexto cultural, político e econômico, o que torna importante a observação de como música e som podem construir, marcar e refratar fronteiras sociais, já que a música produz microssocialidades, agencia comunidades imaginadas, é refratada e atravessada por formações sociais amplas, não sendo uma simples homologia de formações sociais, e mediada por amplas formações institucionais.

Anteriormente, Born (2000) já propunha a existência de múltiplas formas de articulação identitária através da música, discutindo a imbricação entre as formações identitárias e formações musicais, o que nos leva a tentar entender esses tensionamentos entre música e identidade. Em 2016, na visão de que música não é algo binário - eu/outro -, Born trabalha com a perspectiva dos gêneros musicais a partir do caráter instrutivo da música e seu papel na conceitualização da materialização da identidade, já que nos abre novas perspectivas sobre questões de materialidade, mediação e afetos, apontando para a imbricação das formações musicais e das formações sociais.

Ou seja, o gênero musical funciona projetando temporalmente movimentos potenciais no contínuo caldeirão de formações socioculturais alternativas, gerando reconfigurações dessas formações codificadas materialmente como movimentos e transformações estéticas que são propostos como análogos ao social. Em síntese, a discussão de Born (2016) sobre gênero musical como ponto assumido de convergência ou tradução entre a figura estética, a comunidade musicalmente imaginada e a formação de identidade mais ampla têm como objetivo desestabilizar o que muitas vezes é tomado como unificado,

definido, quando músicas incorporam os gêneros musicais através de rastros, narrações, dispositivos tecnológicos, performances sociais e corporais. Sendo assim, entendemos música como uma agregação - um agenciamento -, que é configurada por uma multiplicidade de elementos numa constelação de mediações temporais.

Para complementar a definição de gêneros musicais, Amaral e Monteiro (2013) retomam o que Frith (1996) aponta: gêneros musicais servem necessariamente para organizar os processos de venda. Além de Frith, as autoras trazem Negus (1999), que afirma que é preciso fazer três perguntas básicas para a discussão de gêneros musicais: 1) Onde essa música se encaixa?; 2) O que o som dela lembra?; e 3) Quem vai comprar essa música? Frith (1996) aponta que o gênero é um meio de definir a música no mercado - ou o mercado na música. O autor ainda compara o mercado fonográfico com editores e escritores, destacando a importância da classificação dos gêneros musicais para a definição do público, uma vez que encaixado em determinado gênero, espera-se que o artista aja de maneira coerente com tal gênero (AMARAL & MONTEIRO, 2013).

Em congruência com Frith (1996), Janotti Jr. e Pires (2011) comentam que os gêneros musicais classificam o mercado musical e direcionam o público. Os autores lembram que os gêneros, por meio do direcionamento e apropriação cultural, circundam normas econômicas e regras semióticas onde táticas de produção de sentido são relacionadas aos produtos musicais e, finalmente, às normas técnicas e formais, envolvendo a produção e recepção no sentido estrito, interligadas ao conhecimento musical (JANOTTI JR; PIRES, 2011).

Ainda sobre essa discussão de gêneros musicais, Frith (1996) pontua que essas classificações são imprescindíveis tanto para os processos de criação e escuta das músicas, como para as vendas, enfatizando que os gêneros musicais são construídos e precisam ser compreendidos dentro do processo cultural e comercial. Janotti Jr. (2006a), precisamente, diz também que a música popular massiva não é somente produção, mas está diretamente conectada ao modo em que tanto o público como os músicos/produtores se apropriam do produto. A produção do sentido da música está conectada também à utilização da internet, bem como relacionada à performance, à manifestação corporal, à voz, ao timbre, à altura, reverberação, ritmo e cenário.

Concordamos, nesse sentido, com a afirmação de que um gênero musi-

cal é definido por elementos textuais, sociológicos e ideológicos, sendo uma espiral que vai dos aspectos ligados ao campo da produção às estratégias de leitura inscritas nos produtos midiáticos (JANOTTI JR., 2006a). A rotulação seria, então, um modo de definir as estratégias de endereçamento das canções no mercado da música. Como contribuição metodológica, o autor observa que o analista pode “partir das relações que vão do texto ao seu entorno midiático, dos músicos à audiência, do gênero aos relatos críticos, dos intérpretes ao mercado para dar conta das questões que envolvem a formação dos gêneros musicais” (JANOTTI JR., 2006a, p. 9).

Posteriormente, Janotti Jr. e Sá (2018) revisitaram o conceito de gênero musical em tempos de cultura digital. Ao propor essa discussão, buscaram mapear o percurso do gênero musical nos estudos de Comunicação no Brasil nos últimos 20 anos, identificando algumas das principais discussões em torno da questão e apontando as reconfigurações que asseguraram sua produtividade. Os autores se propuseram a sistematizar questões que têm aparecido nos debates brasileiros, avaliando a sua fortuna crítica e os caminhos futuros a serem investigados. Este artigo, de certa forma, busca colaborar nos avanços dessa área de pesquisa.

Cenas musicais

Ao longo dos anos, Will Straw sistematizou a noção de cena musical como enquadramento diferencial para apreender a produção, a circulação e o consumo da música no contexto urbano, apresentando-a como “um espaço cultural mutável e fluido, caracterizado pela construção e diferenciação de alianças e práticas musicais” (STRAW, 1991, p. 373), isto é, um espaço que se reconfigura constante e ativamente, pois há uma rica relação entre a música e o local em que esta ocorre.

Pesquisar cenas musicais, dessa forma, suscita-nos a mapear o território da cidade de novos modos enquanto, ao mesmo tempo, distingue certos tipos de ações cuja relação com o território não é prontamente demonstrada (ou demonstrável). Straw (2006) explica que cena compõe determinados conjuntos de atividades sociais e culturais sem especificação quanto à natureza das fronteiras que os limitam. O autor comenta ainda que cena é um meio de falar da capacidade que a cidade tem para originar imagens de pessoas ocupando o espaço público de formas atraentes, apanhando o sentido da ebuli-

ção e exposição que são os atributos de uma estética urbana (NUNES, 2019a).

Para Sá (2013), a noção de cena musical tem se mostrado uma farta porta de entrada para a abordagem das dinâmicas de sociabilidade, afeto e gregarismo que envolvem a música. Utilizada com diversas significações por aqueles que partilham afetos a partir da paixão por um gênero musical, tanto por jornalistas quanto por pesquisadores no âmbito acadêmico, essa noção de cena se tornou uma categoria bastante versátil para lidar com diferentes configurações das redes musicais que se espalham pelo espaço urbano e que lidam com a abundância de informações, com o dinamismo das afetividades e com as múltiplas alianças constituídas em torno da música (SÁ, 2013).

A autora ainda destaca o fato de que as cenas musicais não só ocupam espaços e cidades, mas são adaptadas por elas. Para ela, a definição de cena é eficaz, pois aponta para a “fluidez das práticas contemporâneas”, evocando “ao mesmo tempo a intimidade de uma comunidade e o fluido cosmopolitismo da vida urbana, podendo assim ser utilizada para delinear unidades culturais cujos limites são invisíveis e elásticos”. A autora complementa, dessa forma, a ideia de que “a noção de cena se revelou apta a um produtivo diálogo com outras discussões em torno da noção de valor e gênero musical” (SÁ, 2011, p. 152-153).

Quem também discute a noção de cena é Janotti Jr. (2011), para quem “a ideia de cena foi pensada para tentar dar conta de uma série de práticas sociais, econômicas, tecnológicas e estéticas ligadas aos modos como a música se faz presente nos espaços urbanos” (JANOTTI JR., 2011, p. 11). De acordo com o autor, cenas musicais são “enquadramentos sensíveis” que admitem, por meio de disputas e negociações, assegurar territórios sonoros, ou seja, circunscrições de experiências e consumos culturais, articulados por sonoridades e pelo modo como elas cercam, envolvem e posicionam os atores das cenas em diferentes circuitos culturais. Já é possível prever nessa definição a seriedade das cenas nos processos de identificação cultural com sonoridades e experiências musicais (JANOTTI JR., 2012).

Na perspectiva de Trotta (2013), as cenas se referem à articulação entre os gêneros musicais e os territórios, sendo implicadas pelas ideias de performance e de ambiência social. “A cena pode ser, assim, uma porta de entrada para um determinado conjunto de questões que gravitam em torno da música, não restrita à sonoridade, mas também incluindo toda a ambientação e os

aparatos que a cercam (TROTТА, 2013, p. 59). O autor faz a ressalva, porém, de que o termo *cena* se vincula com mais facilidade quando se identifica uma posição ideológica que nega a circulação em larga escala, o que faz com que seu uso seja mais adequado, de certa forma, para gêneros musicais do “*underground*” do que para os do “*mainstream*”. Trotta observa a esse respeito: “Entendidos como espaços opostos de circulação mercadológica, os termos prestam-se ainda a uma hierarquização de valor, no qual a circulação restrita torna-se elemento de prestígio” (TROTТА, 2013, p. 62). Segundo o autor, a nomeação e as nuances de circulação de termos e categorias, o que inclui a noção de *cena*, estão relacionadas a processos amplos de diferenciação, que hierarquizam músicas, pessoas, lugares e gostos.

Entendemos, por conseguinte, e de acordo com Straw (2013), que as *cen*as surgem quando há um alto grau de sociabilidade que provoca a inovação e a experimentação sucessivas na vida cultural das cidades. Isto é, como a música oferece um pretexto para sair para a vida urbana, consumir cultura e relacionar-se coletivamente, o consumo de música provoca uma sociabilidade urbana de maneira mais fácil do que outras *cen*as culturais. A música incita uma interatividade coletiva que se engloba na vida pública mais prolixa das cidades, nas mesas de bares, casas noturnas e em debates públicos e grupais. Além disso, a importância da música em relação às *cen*as assegura que o investimento comercial “que produz novos espaços ou rituais de socialização permaneça entrelaçado com uma história das formas culturais, com as curvas de modismo e popularidade que concedem à história cultural uma dinâmica particular” (STRAW, 2013, p. 15). Dessa forma, o desafio da pesquisa é reconhecer o estilo fugaz das *cen*as, compreendendo o seu papel produtivo – e até mesmo funcional – na vida urbana (NUNES, 2019a).

Vale lembrar que Straw (2013) cita o exemplo de Manchester, por ser uma das cidades ocidentais mais importantes no campo da música popular massiva – berço dos hibridismos entre pós-punk e música eletrônica, no decorrer dos anos 1980 e 1990. Neste caso específico, ele explica que podemos indagar, por exemplo, como as formas e sentido da música da cidade se configuraram em meio aos tumultos de classe social que a condição ambígua da cidade como capital dos estudantes e centro industrial subdesenvolvido ajudou a promover. Pode-se ainda, complementa o autor, observar que “a copresença da atividade universitária e cultural levou Manchester a se tornar

uma das principais incubadoras das novas políticas culturais urbanas da década de 1990” (STRAW, 2013, p. 15-16). Por consequência, a cidade se tornou uma “comunidade excessivamente produtora de sentido” (NUNES, 2019a).

O rock gaúcho, o sertanejo maranhense e o funk curitibano

Um dos tensionamentos entre cena e gênero musical tomado como referência nesse trabalho é abordado por Nunes (2019b) a partir do “rock gaúcho”, gênero fundamentado em uma cena musical – mais especificamente a do bairro Bom Fim, em Porto Alegre (RS), durante a década de 1980. Para isso, o trabalho considera a importância da cidade neste contexto, e de lugares importantes para a cena, como por exemplo o bar Ocidente, o bar do João, a Lancheria do Parque, o auditório Araújo Vianna, entre outros. A discussão inicia com o apontamento sobre o termo “rock gaúcho”, que, segundo a autora, pode ser definido como sinuoso e escorregadio, de difícil definição, já que é um termo auto-explicativo (rock gaúcho é o rock feito no Rio Grande do Sul – deveria ser simples assim). O mesmo questionamento sobre a definição dos termos fundamentais aparece nos trabalhos de Monteiro (2015) sobre o sertanejo maranhense e nos resultados de pesquisa de Viana (2009a) que trata do funk curitibano. Enquanto as definições do sertanejo maranhense apontam para uma relação urbana que acaba por não ser abarcada pelo sentido de cena, o funk curitibano se configura como cena especificamente a partir de sua estrutura em rede distribuída.

Como gênero musical, a utilização de nomenclatura georreferenciada – gaúcho, maranhense, curitibano –, parece indicar uma força mais midiática do que de classificação como demonstra o termo rock gaúcho, que começou a ser adotado por uma convenção midiática, muito usada pela imprensa e que, de certa forma, foi aceita pelo público jovem. Assim, o rock gaúcho acabou gerando seu próprio público, mercado e, conseqüentemente, uma carga ideológica (NUNES, 2019a). Como gênero e como cena, o rock gaúcho se desprende de aspectos puramente geográficos, visto que há uma geração posterior nos anos 1990 e 2000 que faz questão de não se reconhecer como rock gaúcho, portanto o trabalho trata especificamente da cena dos anos 1980¹.

¹ Este artigo não discute necessariamente questões de pertencimento ou negação de cena, e sim angulações teórico-metodológicas que nos auxiliam para investigar este tipo de problema. Para aprofundamentos, indicamos Nunes (2019a).

Outra particularidade é que o rock gaúcho sempre teve um mercado no interior do estado, e isso faz com que as bandas consigam ter uma carreira estritamente regional. Além disso, Porto Alegre é conhecida como um local onde o rock, de meados da década de 1980 para cá, é hegemônico, sempre mainstream. Essa é uma característica muito singular do Rio Grande do Sul, e Porto Alegre é vista por moradores de outros estados (artistas, músicos, cidadãos comuns) como uma cidade essencialmente roqueira, fazendo com que isso esteja presente também no imaginário que se tem da cidade e de suas cenas musicais.

A noção de cena, entretanto, não é facilmente aplicável à música sertaneja (TROTTA, 2013), e a pesquisa sobre a constituição da identidade dos artistas que formam o cenário sertanejo em São Luís traz luz sobre essa dificuldade (MONTEIRO, 2015). Na capital maranhense, há duplas e artistas em carreira solo que se vinculam ao universo mais amplo da música sertaneja pelo repertório, pelas referências e pela performance ao vivo nos bares e casas de show da cidade. O repertório quase sempre é organizado a partir de músicas que fazem sucesso nas emissoras de rádio mais populares e nas plataformas de streaming de música e vídeo. Quase não há espaço para músicas autorais. Outro aspecto importante em relação ao repertório é que os artistas locais costumam agregar músicas de outros gêneros musicais, como o forró e até mesmo o funk.

A pesquisa sobre música sertaneja em São Luís, conduzida com inspiração etnográfica, teve o objetivo de compreender a formação midiática da identidade artística dos cantores e duplas. Constatou-se, por meio da observação sistemática e pelas entrevistas em profundidade realizadas com representantes do gênero na cidade, que as emissoras de rádio e de televisão, bem como as plataformas de streaming, eram de fundamental importância para que se formasse o repertório, mas também para fazer conhecer os traços rituais e comportamentais relacionados ao gênero musical, que seriam, então, reproduzidos ao vivo.

Grosso modo, a música sertaneja não é reconhecida como parte da cultura maranhense. Esse gênero, aliás, oriundo das regiões Sudeste e Centro-Oeste, não é lembrado como parte da identidade cultural local - espaço já ocupado pelo reggae e pelas toadas do Bumba Meu Boi. O fato de ser considerado pertencente ao mainstream faz com que exista, em São Luís, uma for-

te disputa simbólica com o objetivo de reter a música sertaneja em espaços localizados nas áreas nobres da cidade. É também o caso do funk curitibano, que não encontra sua expressão artística urbana, tampouco é reconhecido como parte da cultura local.

Da mesma forma, a noção de cena não pode ser aplicada com facilidade quando se trata do funk produzido em Curitiba (PR), especialmente se considerado como gênero eletrônico produzido na quinta fase de desenvolvimento da indústria fonográfica, na qual o processo de produção passa a acontecer em rede (VIANA, 2009b). Como consequência da desintermediação e da troca direta entre produtores, a reconfiguração do cenário de produção eletrônica gerou um desdobramento do funk carioca, produzido em Curitiba, do qual fizeram parte a banda Bonde do Rolê e seus produtores. A posição de insider da pesquisadora na cena eletrônica, a participação nos processos de produção do segundo disco da banda realizados num apartamento no centro da cidade de Curitiba, a netnografia e as entrevistas realizadas com integrantes da cena, permitiram entender os fenômenos de produção do “funk de apartamento” e do “neofunk” como legítimos derivados da música eletrônica, e não somente subgêneros do funk carioca.

Da perspectiva de gênero musical, analisar o funk produzido nesse contexto é tomá-lo como uma “possível linhagem de ‘música eletrônica popular brasileira’” (SÁ, 2007, p. 3). A pesquisa aponta que uma das bases para esta afirmação é a incorporação do “tamborzão”, batidas com forte influência africana, que deram característica única ao funk desenvolvido no Brasil, tanto pela mão dos cariocas quanto pela mão dos novos produtores geograficamente distribuídos, que passaram a construir suas músicas dentro de seus home studios e computadores. O resultado dessa mistura de influências e influenciadores, do trânsito entre underground e mainstream e da persistência dos produtores e artistas desse segmento, é hoje entendido como parte do movimento funk, um gênero que perpassa as estruturas tradicionais de classificação taxonômica musical e transpassa as linhas entre produtores e consumidores, num emaranhado tecnológico de interações. Portanto, mesmo que geograficamente distribuída e descentralizada, podemos considerar que o “funk de apartamento” configura cena ao mesmo tempo que, simultaneamente, configura gênero musical.

A observação em paralelo dos resultados de pesquisa aqui enunciadas

leva ao entendimento de que a relação entre cena e gênero musical é densa, escorregadia e permeia territórios urbanos e plataformas comunicacionais, ao mesmo tempo em que fundamenta a experimentação e o desenvolvimento de novas sonoridades e estruturas comunicacionais, tanto na produção quanto no consumo musical.

Na sequência, após discorrer sobre as teorias que permeiam nossas pesquisas, passamos à exposição metodológica com foco em quatro abordagens específicas utilizadas na investigação de cenas e gêneros musicais: 1) pesquisa-insider, 2) método etnográfico, 3) método netnográfico e 4) método biográfico.

Abordagens metodológicas

O pesquisador-insider

A pesquisa em Comunicação é em si uma prática desafiadora. Quando lidamos com objetos mediados pelo computador, o desafio é ainda maior, ora por conta das dificuldades acerca da adaptação ou transposição dos métodos de pesquisa, ora pela inabilidade do pesquisador na sua inserção. Pesquisar música dentro desse contexto engloba os mesmos desafios, e ainda acumula a necessidade do conhecimento específico por parte do pesquisador, para entender as peculiaridades técnicas do assunto tratado.

A chegada da Internet colocou um desafio significativo para a compreensão dos métodos de pesquisa. Através das Ciências Sociais e Humanidades as pessoas se encontraram querendo explorar as novas formações sociais que surgem quando as pessoas se comunicam e se organizam via *e-mail*, *websites*, telefones móveis e o resto das cada vez mais mediadas formas de comunicação. Interações mediadas chegaram à dianteira como chave, na qual as práticas sociais são definidas e experimentadas (HINE, 2005, p. 1).

Nesse contexto de transformação, interessa-nos a pluralidade das abordagens metodológicas utilizadas pelos autores em suas pesquisas individuais, especialmente tratando dos aspectos e questões derivadas do grau de inserção do pesquisador e das relações estabelecidas entre ele e sujeitos/objetos de pesquisa. Amaral, Natal e Viana (2008) discutiram as possibilidades e implicações dessa relação nas abordagens netnográficas, ressaltando que não há uma posição previamente estabelecida como correta para o pesquisador ocupar, e que tão importante como escolher o grau de inserção

em uma comunidade virtual, é deixar claro o ponto de observação ao fazer as considerações sobre seu objeto, pois o posicionamento do pesquisador pode interferir na forma como os dados são compilados e analisados (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 8).

Com o amadurecimento e desenvolvimento das pesquisas sobre música e cultura popular desenvolvidas no âmbito da Comunicação e das Ciências Sociais, toma-se como natural também avançar no debate de questões mais sutis do trabalho de campo, trazendo à tona a necessidade de uma maior explicitação da posição do pesquisador em sua própria cena. Percebe-se que raramente os trabalhos da área – incluindo nessa seleção os nossos próprios trabalhos – trazem suficiente informação ao leitor sobre o sistema de relações estabelecido entre pesquisadores e sujeitos/objetos de pesquisa, seja esse sistema pré-estabelecido ou derivado da própria permanência no campo. Ainda mais raro, são apontamentos conclusivos sobre a transformação do pesquisador enquanto indivíduo e o conhecimento adquirido através da pesquisa, os quais hoje consideramos tão importantes quanto as respostas para o problema de pesquisa.

Tratar a “pesquisa feita por insider enquanto um conceito não-absoluto intencionado para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significativo de proximidade inicial entre as locações socioculturais do pesquisador e do pesquisado” (HODKINSON, 2005, p. 134) torna o apontamento e a discussão do grau de inserção do pesquisador algo fundamental para o bom entendimento dos resultados de pesquisa. Dessa forma, “em qualquer uma das opções, é necessária a apresentação do ponto de vista do pesquisador” (VIANA, 2014, p. 31), já que independentemente da relação que ele tem com os observáveis, a prática de pesquisa “pode exigir do pesquisador atividades intensamente participativas ou completamente não obstrutivas e observacionais” (KOZINETS, 2007, p. 15).

Método etnográfico

A etnografia é, para Guber (2011), a concepção e a prática de conhecimento que busca compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos seus membros (atores, agentes ou sujeitos sociais) e cuja especificidade se encontra na descrição. Essa descrição depende, segundo tal ponto de vista, do ajuste da perspectiva do pesquisador à dos membros de um deter-

minado grupo social. Nesse sentido, é dos atores o privilégio de expressar em palavras e práticas o sentido da sua vida, sua cotidianidade, seus feitos e seu devir (GUBER, 2011). A etnografia, então, não apenas reporta o objeto empírico da investigação, mas constitui a interpretação-descrição do que o pesquisador viu e ouviu no campo.

Dentro da abordagem etnográfica, é recorrente a utilização da entrevista em profundidade/não diretiva, cuja principal qualidade é a flexibilidade de permitir à fonte definir os termos da resposta e ao pesquisador ajustar livremente as perguntas. O que se procura, nesse sentido, é a intensidade nas respostas e não a quantificação ou representação estatística. Para Duarte (2006), a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que procura, com base em conjecturas definidas pelo pesquisador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, favorável para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, estruturada como uma pseudo conversa que acontece a partir de um quadro conceitual previamente marcado.

Ainda para Guber (2011, p. 69-77), a entrevista não diretiva ou etnográfica é a que melhor se relaciona com o marco da observação participante. Para a autora, nesse tipo de entrevista “o entrevistador está atento aos indícios que o informante provê, para descobrir, a partir deles, os acessos ao seu universo cultural”. Ela complementa: “Se no marco do questionário habitual o investigador faz perguntas e recebe as respostas, no da entrevista etnográfica o investigador formula perguntas cujas respostas se convertem em novas perguntas”.

Na inserção em um grupo pesquisado a partir da abordagem etnográfica, o pesquisador deve saber que ele também está sendo observado e que sua presença pode alterar a rotina deste grupo, desmistificando uma suposta neutralidade esperada nessa relação. A pesquisa participante “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2006, p. 125) e implica:

A presença constante do observador no ambiente pesquisado, para que ele possa “ver as coisas de dentro”; b) O compartilhamento, pelo pesquisador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado - ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar “interesses e fatos”; c) A

necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador “assumiu o papel do outro” para poder atingir “o sentido de suas ações” (HAGUETTE, 1990, p. 63).

Esses elementos são fundamentais para compreender a pesquisa participante e podem ser tomados como base de seus procedimentos metodológicos (NUNES, 2019a).

Método netnográfico

Mesmo que de início a definição do termo netnografia estivesse associada aos procedimentos descritivos de culturas online (KOZINETS, 1997, p. 470), seu significado hoje não se limita a uma simples transposição metodológica para o ciberespaço, já que compreende a análise de práticas e interações, num conjunto entre atores e ambiente social, cuja observação das características não seria sustentada pelo correspondente apenas à uma versão online de uma metodologia oriunda do offline, quando “as experiências sociais online são significativamente diferentes das experiências sociais face a face, e a experiência de estudá-las etnograficamente é significativamente diferente” (KOZINETS, 2010, p. 12). O método netnográfico possui características e acepções distintas da abordagem etnográfica, e emerge da necessidade de qualificar as observações feitas no ambiente mediado por computador, e não somente através dele.

O debate sobre as terminologias desse método é extenso. Amaral (2010, p. 126) aponta que a partir da transposição do método etnográfico para o ambiente online, nos anos 1990, a reconfiguração de algumas das principais características da etnografia havia produzido “transformações diretas no fazer etnográfico”, o que indicaria a necessidade de uma nova nomenclatura. O principal defensor dessa posição é Robert Kozinets, responsável pela divulgação da netnografia a partir do final da década de 1990, com seus primeiros trabalhos que discutiam o método, seus questionamentos e suas aplicações. Ele denuncia uma tendência mercadológica na escolha em nomear esse conjunto de procedimentos como netnografia², mas essa parece ser, de todas

² O conjunto de procedimentos descritos como netnografia aparece com diversas outras nomenclaturas, como por exemplo, etnografia online, etnografia digital, etnografia virtual, etnografia da internet, webnografia, e até mesmo ciberantropologia, mas todas elas parecem tratar da mesma questão: quanto desses procedimentos fazem referência àqueles provenientes do offline, e quanto esses mesmos

as nomenclaturas, a mais recorrente no momento atual. De qualquer forma, a insistência do autor em estabelecer, discutir e seguir critérios metodológicos conduziu a netnografia para um espaço privilegiado, tanto de discussão sobre sua validade e pertinência, quanto de aplicação como método de pesquisa nas Ciências Sociais. Em sua atual e mais complexa definição, o autor afirma que a netnografia é “uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores” (KOZINETS, 2010, p. 9).

A netnografia vem sendo utilizada em associação a diversas outras propostas metodológicas como forma de complementar as abordagens de pesquisas de maneira híbrida. Sua finalidade, como método de pesquisa, é principalmente possibilitar o entendimento das práticas comunicacionais estabelecidas no grupo pesquisado, por isso sua aplicação se estabelece como uma forma interessante de observar práticas online, especialmente quando se trata de um grupo que reúne diferentes instâncias da máquina midiática em processos de interação. Dessa forma, “as práticas de produção e consumo de conteúdo através dos usuários acabam oportunizando um amplo recorte de análise. Nessa abordagem, o papel das audiências pode ser enfatizado e relativizado em seus aspectos positivos e negativos” (AMARAL, 2010, p. 128).

Assim, a possibilidade de analisar a formação discursiva dentro da qual se faz uso de estratégias de participação e pertencimento online torna viável o entendimento dos limites das identidades contemporâneas, derivadas da condição pós-moderna do sujeito e de suas diversas atividades e papéis online. A netnografia se apresenta então como uma lente que permitirá o contato com os sujeitos observados, bem como com sua produção, quando em ato de interação, e não somente quando em momento de pesquisa.

Método biográfico

O método biográfico parte do princípio da reconstrução de caminhos de identificação, buscando entender a realidade onde tais atores sociais estão inseridos. Por meio dele, é possível que o pesquisador apreenda os modos de significação/reconstrução, pois quando um ator social fala, ele tem interação com sua experiência. O método também é útil porque, por meio dele, conse-

guimos ter uma perspectiva do presente e passado. Além disso, a pesquisa biográfica traz um elemento também da sociedade, não só do indivíduo; aqui, o que interessa é a história de vida articulada com a realidade social.

Ao pedir que alguém nos conte suas histórias de vida – ou sobre algumas fases, especificamente – é preciso ter à disposição algumas técnicas e competências específicas à realização da entrevista, inclusive para auxiliar este sujeito a dar início, sem grandes esforços, ao fluxo de recordações de um relato. Rosenthal (2017) coloca que a entrevista narrativa³ pode ser considerada, se aplicada conforme suas regras, o método não apenas mais sólido, mas também um método extremamente eficaz para satisfazer esses requisitos metodológicos. Para a entrevista biográfica, a autora aponta que é importante fazer, em primeiro lugar, uma solicitação relativamente geral de relato biográfico ao sujeito entrevistado, e que a apresentação que seguir à solicitação, ou seja, a narrativa principal, não seja interrompida com perguntas temáticas específicas. Somente na segunda parte da entrevista, quando o autobiógrafo termina seu relato, é que se inicia uma parte de perguntas, buscando motivar outras narrativas.

Ainda sobre o princípio da realização das entrevistas biográficas, Rosenthal (2017) retoma o ponto da não intervenção no processo de narrativa do autobiógrafo: há um grande potencial destrutivo quando se impõem determinados temas aos entrevistados, em geral com questões feitas durante o desenvolvimento do relato principal. Uma postura contrária à determinação temática à formação do campo pode levar à perda irreversível das formas que o autobiógrafo teria construído caso não tivéssemos feito intervenções. Ainda que esses produtos de interação, ou seja, que a construção conjunta (de entrevistado e pesquisador) de um campo temático também tragam à tona fenômenos relativos ao comportamento apresentado na interação (fenômenos interessantes e de significado para a interpretação), isso acaba indo de encontro à finalidade de estimular um relato de vida e prejudicando análises biográficas posteriores. Sempre que tivermos interesse não somente no comportamento comunicacional de nossos entrevistados, mas também em suas experiências biográficas e no modo como elas se manifestam a eles, nos tor-

³ O conceito “entrevista narrativa” é utilizada na pesquisa social contemporânea em um sentido bastante amplo. É comum que a entrevista seja caracterizada como “narrativa” mesmo quando as narrações ocorrem em sequências isoladas de uma entrevista com roteiro (ROSENTHAL, 2017, p. 226).

namos dependentes de relatos desenvolvidos de forma autônoma. Entretanto, Rosenthal (2017) coloca que isso não significa abrir mão de intervenções, mas, sim, cuidar para não aplicá-las muito cedo ou de forma impensada.

Com base nisso, entendemos o primeiro e mais importante princípio para a iniciação de um relato biográfico: ao autobiógrafo deve ser dado o espaço para o desenvolvimento da Gestalt⁴. Considerando como apropriada a hipótese de que sequências individuais de uma autoapresentação biográfica – um relato de uma história ou sequência argumentativa –, no que diz respeito ao seu significado latente e aberto para o entrevistado, somente podem ser compreendidas nas suas referências ao campo temático em que se inserem, então somos obrigados a garantir ao autobiógrafo também a possibilidade de construir esse espaço. Tanto no que diz respeito ao modo como foram vivenciados à época como também em relação à forma como se apresentam hoje, somente podemos reconstruir os significados de cada episódio de uma história de vida no modo como se encontram posicionados no interior da exposição autobiográfica.

Ou seja, em congruência com Rosenthal (2017), entendemos que é crucial deixar com o autobiógrafo a missão de dar forma à autoapresentação biográfica. Caso contrário, interrompendo com questionamentos buscando a exposição de outros detalhes ou até mesmo de outras partes da história de vida – o que na maior parte das vezes tem origem na “incapacidade de escuta ou na presunção do pesquisador de saber melhor do que o próprio interlocutor o que pertence ou não a determinado tema, acabamos nós, pesquisadores, dando contornos à exposição biográfica” (ROSENTHAL, 2017, p. 234). Ao intervirmos com perguntas, impomos um desenvolvimento temático com referências relevantes que podem não ser necessariamente as do autobiógrafo. Mesmo as pequenas intervenções, como por exemplo uma pergunta sobre o ano em que algo aconteceu, podem ter vastas consequências. Isto é, um autobiógrafo que é obrigado a se esforçar para reconstruir seus dados biográficos, supondo que por trás das perguntas do pesquisador haja um interesse somente em condições estruturais “objetivas” – interesse ao qual

⁴ Para Rosenthal (2014), a Gestalt trata da relação dialética entre experiência, memória e narrativa. Com a Gestalt, a autora fala que é possível reconstruir a configuração temporal da história de vida vivenciada, ou seja, a sequência das vivências biográficas no tempo cronológico (diferentemente do tempo vivenciado subjetivamente) e seus possíveis significados no passado.

ele procura satisfazer –, acaba, portanto, sendo retirado do fluxo de relato. Ao invés de dar continuidade ao fluxo de recordações sem que para isso seja exigido alguma performance especial da sua capacidade de atenção, ele a interrompe na tentativa de se lembrar, por exemplo, do ano exato em que aquilo aconteceu em sua vida.

Enfim, nossa ideia, ao apresentar os movimentos da pesquisa-insider e dos métodos etnográfico, netnográfico e biográfico, foi expor táticas e procedimentos possíveis na investigação de diferentes cenas e gêneros musicais. Tensionamentos e outras angulações teórico-metodológicas, que eventualmente não apareceram neste artigo, ficam como pistas para futuras problematizações.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar e discutir diferentes abordagens metodológicas, de natureza empírica, que compuseram as pesquisas realizadas pelos autores sobre o rock gaúcho, o sertanejo maranhense e o funk curitibano. O que une as investigações, para além da adoção de uma compreensão qualitativa de seus respectivos objetos, é o atravessamento por questões ligadas às noções de gêneros e cenas musicais. Essa parece ser, aliás, conforme sugerido, um aspecto comum às pesquisas do campo da Comunicação e das Ciências Sociais sobre a cadeia produtiva da música.

O levantamento realizado pelos autores a respeito das noções de gênero musical e cena, aqui apresentado resumidamente, demonstra que a discussão, embora parta de perspectivas preocupadas com a definição da natureza e características dos conceitos, expande-se sempre e é colocada na relação com contextos geográficos, econômicos e tecnológicos específicos. A adoção de um ou outro conjunto de técnicas de coleta e análise de dados está igualmente aberta às inúmeras adaptações possíveis, que dizem respeito à continuidade no processo de pesquisa. Dessa forma, uma investigação que tenha sido desenhada inicialmente, por exemplo, para ser realizada através de pesquisa documental e entrevistas estruturadas pode abrir mão de diretividade das questões apresentadas aos sujeitos em prol do acesso à experiências, percepções e sentidos atribuídos que, além de meramente acrescentar informações não previstas, levam à necessidade de considerar os limites das categorias teóricas inicialmente identificadas como centrais.

As pesquisas sobre o rock gaúcho, o sertanejo maranhense e o funk curitibano aqui mencionadas levaram os autores deste artigo a buscar uma compreensão sobre como se dá a relação entre os gêneros musicais específicos, enquanto objeto de pesquisa, e seu contexto urbano, privilegiando as relações comunicacionais e discursivas desenvolvidas no âmbito das cenas musicais. Aconteceu, porém, como apontado, que a música sertaneja e o funk ofereceram dificuldades para serem tratadas enquanto cena, ao contrário do que ocorreu com o rock gaúcho. Nosso argumento é o de que a presença sistemática dos pesquisadores nos espaços de produção, circulação e consumo de músicas vinculadas aos gêneros musicais mencionados, nas cidades de Porto Alegre (RS), São Luís (MA) e Curitiba (PR), além da análise das entrevistas e das informações disponibilizadas na internet, foram centrais para os tensionamentos identificados entre a dimensão teórica e empírica das pesquisas.

Por meio das entrevistas e observações realizadas foi possível perceber que as noções de gênero e cena são adotadas com maior ou menor dificuldade em função dos valores implicados na aceitação ou rejeição de determinados tipos de música em lugares específicos. Reiteramos, dessa maneira, que as pesquisas conduzidas pelos autores testam a elasticidade das noções de gênero musical e cena musical, mas que na condução de pesquisas empíricas sobre uma ou outra categoria, qualquer que seja o método utilizado, precisa levar em consideração o fato de que os territórios urbanos são permeados por gêneros musicais em disputa. Tanto a produção quanto o consumo de música nos centros urbanos pesquisados estão sujeitos não apenas às práticas midiáticas que atravessam esses momentos, mas também aos novos arranjos que emergem da experimentação e das novas sonoridades que, em maior ou menor grau, exploram os limites entre os gêneros musicais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, n. 86, pp. 122-135, junho/agosto de 2010.

_____; NATAL, Georgia, VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Sessões do Imaginário**, v. 13, n. 20, pp. 34 - 40, dezembro de 2008.

_____; MONTEIRO, Camila. Esses roquero não curte: performance de gosto e fãs de música no Unidos Contra o Rock do Facebook. **Revista FAMECOS**, v.

20, n. 2, pp. 446-471, maio/ago, 2013.

BORN, Georgina (Ed.). **Music, sound and space: transformations of public and private experience**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2013.

_____. Musical and the materialization of identities. **Journal of Material Culture**, 16(4), pp. 376-388, 2016.

_____; HESMONDHALGH, David. Introduction: on difference, representation and appropriation in music. In: BORN, Georgina; HESMONDHALGH, D (Eds). **Western music and its others: difference, representation and appropriation in music**. Berkeley: University of California Press, 2000.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FABBRI, Franco. Uma teoria dos gêneros musicais: duas aplicações. **Revista Vortex**, 5(3), 2017, p. 1-31.

FRITH, Simon. **Performing rites: on the value of popular music**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GUBER, Rosana. **La etnografia: método, campo y reflexividad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

HINE, Christine. Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge. In: HINE, Christine (Org.). **Virtual methods: issues in social research on the internet**. Oxford: Berg, 2005.

HODKINSON, Paul. "Insider research" in the study of youth cultures. **Journal of Youth Studies**, v. 8, pp. 131-149, 2005.

JANOTTI JR, Jeder. Por uma análise midiática da música popular massiva: uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. **E-Compós**, 1(6), 2006a.

_____; PIRES, Victor. Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: JANOTTI JR, Jeder et al. (Orgs.). **Dez anos a mil: mídia e música popular massiva em tempos de internet**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

_____. Partilhas do comum: cenas musicais e identidades culturais. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart et al. (Orgs.). **Entretenimento, felicidade e memória**. Guararema: Editora Anadarco, v. 1, 2012.

_____; SÁ, Simone Pereira de. Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultura musical digital. **Anais do XXVII Encontro Anual da Compós**, Belo Horizonte, 2018.

KOZINETTS, Robert. "I want to believe": a netnography of The X-Philes' subculture of consumption. **Advances in Consumer Research**, 24, pp. 470-475, 1997.

_____. Netnography 2.0. In: BELL, Russell. **Handbook of qualitative research methods in marketing**. Cheltenham, Northampton: Edward Elgar Publishing, 2007.

_____. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Editora Pensa, 2010.

MONTEIRO, Márcio. **A mídia na formação da identidade dos artistas sertanejos de São Luís: uma análise cultural**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

NEGUS, Keith. **Music genres and corporate cultures**. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.

NUNES, Caroline Govari. **As próximas horas serão muito boas: materialidades e estéticas da Comunicação em duas apresentações ao vivo da banda Cachorro Grande**. Novas Edições Acadêmicas, 2019a.

_____. Music scenes in Brazil: the "rock gaúcho" from the 1980s. **Arts and Culture: Social Considerations conference**, INRS-Centre Urbanisation Culture Société - Montréal, Québec, 2019b.

SÁ, Simone Pereira de. Funk carioca: música eletrônica popular brasileira?! **E-Compós**, v. 10, 2007.

_____. Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade. In: JANOTTI JR, Jeder; GOMES, Itania Maria (Orgs.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da noção de cena musical virtual. In: JANOTTI JR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de (Orgs.). **Cenas musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, v. 14, n. 2, p. 227-249. maio-agosto, 2014.

_____. **História de vida vivenciada e história de vida narrada:** Gestalt e estrutura de autoapresentações biográficas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

STRAW, Will. Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. In: JANOTTI JR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de (Orgs.). **Cenas musicais.** Guararema, SP: Anadarco, 2013.

_____. Systems of articulation logics of change: communities and scenes in popular music. **Cultural Studies**, 5(3), pp. 368–388, 1991.

_____. Scenes and sensibilities. **E-Compós**, n. 6, 2006.

TROTTA, Felipe. Cenas musicais e anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro. In: JANOTTI JR, Jeder.; SÁ, Simone Pereira de (Orgs.). **Cenas musicais.** Guararema, SP: Anadarco, 2013.

VIANA, Lucina Reitenbach. **Música na cibercultura: reconfiguração da estrutura do mercado a partir da desintermediação do funk brasileiro e sua produção em rede.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009a.

_____. Música digital e ciber-representação: as redes sociais na web 2.0. **Revista Rastros**, v. 12, 2009b.

_____. **Presença online: estratégias e práticas discursivas da relação desintermediada entre coenunciadores no twitter.** Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISAS DE FÃS NAS REDES SOCIAIS

Reflexões e possibilidades
de aplicação

Clarice Greco

Introdução

Os estudos de fãs vêm crescendo nos últimos anos, constituindo um campo consolidado, porém dinâmico. O tema possui seções em conferências, redes internacionais, revistas acadêmicas dedicadas ao tema e livros que reúnem pesquisas sobre estudos e metodologias de análise de comunidades de fãs. As pesquisas empíricas se concentram no chamado *fandom*, nas comunidades em que esses indivíduos podem ser compreendidos a partir de suas manifestações, interações e produções. Uma das técnicas de pesquisa frequentemente aplicadas para este fim é a Análise de Conteúdo, principalmente para fins de análise classificatória e qualitativa. A escolha comum pode ser explicada pelo histórico do campo.

As raízes dos estudos de fãs, da forma como conhecemos hoje, são atribuídas aos estudos culturais. As pesquisas voltadas à compreensão do comportamento e do conceito de 'fã' ganharam força na década de 1990, na Inglaterra, aliando-se a pesquisadores também nos Estados Unidos. Enquanto pesquisadores da chamada primeira onda de estudos de fãs (FISKE, 1992; JENKINS, 1992; BACON-SMITH, 1992), focavam nos fãs como um grupo de características semelhantes, que apresentava relação afetiva com certos programas, a dita segunda onda (HILLS, 2002; GRAY, 2003; SANDVOSS, 2013) passa a questionar a conceituação normativa de fã, por identificar diversos níveis de entusiasmo, em relação a muitos produtos culturais e populares em diferentes grupos sociodemográficos. Com os novos estudos, a categoria 'fã' se expandiu e passou a considerar aqueles devotos a produtos de nicho e aparelhos (celulares, games, canais do Youtube, etc). Esta onda aceita, portanto, o termo 'fã' para denominar o grande grupo de espectadores fieis, com possível laço afetivo e identificação por certo produto cultural.

Na América Latina, o campo dialoga com os estudos de recepção (LOPES, 1995, JACKS, 2008). No Brasil, o debate acerca do assunto vem se aprofundando na última década, com trabalhos colaborativos de pesquisadores do campo da recepção, a exemplo dos dois volumes da coleção teledramaturgia *Por Uma Teoria de Fãs da Ficção Televisiva Brasileira* (LOPES (org), 2015, 2017), que confirmaram a emergência e consolidação do tema como relevante para o campo da comunicação no país. Essa relação com os estudos de recepção gera uma influência do caráter qualitativo na Análise de Conteúdo voltada a essa audiência especializada, constituída pelos fãs. Ainda que seja

possível fazer análise de recepção quantitativa, os problemas de pesquisa mais comuns envolvendo os fãs se dirigem a questões qualitativas, como o afeto, laços emocionais, as interações ou as disputas.

Por esse motivo, a Análise de Conteúdo nos estudos de fãs muitas vezes se difere daquela utilizada por pesquisadores do cinema e de TV, por exemplo, quando aplicada ao conteúdo das obras audiovisuais (em que se observa diálogos entre personagens, arcos narrativos ou elementos do universo da obra). Mesmo que as pesquisas envolvendo fãs sejam recorrentes na área de estudos de TV e cinema, a abordagem analítica dos estudos de fãs não está, normalmente, no conteúdo da obra.

Existem, é claro, análises de conteúdo aplicada ao conteúdo de obras também nos estudos de fãs. É o caso por exemplo de pesquisas sobre trabalhos criados por fãs (conteúdo gerado pelo usuário), de estudos sobre *easter eggs*¹ ou de *fan service*² em produções audiovisuais. No entanto, a proposta aqui apresentada se dedica a reunir possibilidades de aplicação de Análise de Conteúdo qualitativa para investigação da interação entre os fãs em suas conversas, comentários ou postagens.

Assim, o objetivo deste capítulo é levantar possibilidades de aplicação da Análise de Conteúdo para pesquisas em comunidades de fãs. Vale ressaltar que a intenção da Análise de Conteúdo, bem como a deste capítulo, não é apresentar categorias estanques para posterior aplicação ao objeto de estudo. Ao contrário, o objetivo é iluminar o processo de criação de categorias a partir do objeto. No entanto, por se referir a um campo de estudos consolidado e com objetos empíricos que podem se aproximar metodologicamente, acredito ser possível auxiliar o desenvolvimento de análises de conversação entre fãs a partir de esquemas criados e aplicados em pesquisas anteriores. Para tal, apresento dois exemplos de conjuntos categoriais, a fim de demonstrar possíveis aplicações da Análise de Conteúdo em comunidades de fãs.

¹ *Easter eggs* ('ovos de páscoa', em português) são elementos escondidos ou disfarçados em narrativas. Podem ser encontrados em vários tipos de sistemas virtuais, incluindo músicas, filmes, séries, games, websites, etc. O objetivo de um *easter egg* é chamar a atenção de fãs com mais conhecimento do universo narrativo, que seja capaz de perceber referências, menções paratextuais ou 'pegadinhas'.

² *Fan service* é um termo utilizado pelos fãs para designar situações ou elementos narrativos solicitados pelos fãs, incluídos na narrativa pelos produtores ou roteiristas. Por exemplo, uma menção a um romance que não existe na narrativa oficial, mas que os fãs usualmente 'shipam' em suas comunidades, ou uma fala de personagem que os fãs gostariam de ouvir.

O interesse em estreitar a visão da Análise de Conteúdo para um campo específico, como o dos estudos de fãs, vem da amplitude das aplicações de Bardin (1977), Krippendorff (2004) ou Franco (2008). Ao falarem em ‘unidades de análise’, ‘elementos’, ‘categorias’ ou ‘unidades de registro’, aplicam tais estruturas a situações comunicacionais de áreas diversas, como psicologia, linguística ou Ciências Sociais, sem estabelecer um campo empírico de aplicação. Na tentativa de adequar o pensamento acerca dessas definições, aplico-as aos estudos de fãs em comunidades virtuais, com especial atenção a suas interações nos *fandoms* ou em grupos específicos.

Portanto, este texto tem como objetivo geral pensar a Análise de Conteúdo voltada ao campo específico dos estudos de fãs. Para isso, trago três perspectivas que considero acrescentamentos ao método de Bardin, a saber: a) o fornecimento de possibilidades e perspectivas classificatórias para análise de interações de fãs em comunidades; b) a sugestão de análise combinatória temática e frequencial, a partir da classificação em camadas, com ao menos três escalas classificatórias; e c) o questionamento do princípio da exclusão mútua.

Análise de Conteúdo: definições e etapas

O prefácio do livro ‘Análise de Conteúdo’, de Laurence Bardin (1977) tem início com a frase “O que é a Análise de Conteúdo actualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis *em constante aperfeiçoamento*, que se aplicam a discursos” (p. 9, grifos meus). Se tais instrumentos estão em constante aperfeiçoamento, poderíamos questionar o fato de que, mesmo após mais de 40 anos, a obra de Bardin continua sendo a principal referência para o método no Brasil. Outros autores recorrentes são Berelson (1952), Krippendorff (2004) e Franco (2008). Destaco também, mais recentemente, a contribuição de Sampaio e Lycarião (2021).

De acordo com Franco (2008), a Análise de Conteúdo adotada pelas ciências sociais na década de 1970 trazia marcas positivistas, como a noção de rigor científico baseado na objetividade, na neutralidade e na quantificação. Por isso, foi rejeitada por parte dos pesquisadores ao ser entendida – segundo Franco (2008), injustamente – como um método de classificação de textos em categorias previamente estabelecidas. A autora contesta a visão simplista da técnica e explica que o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a

mensagem, seja ela verbal, oral, escrita, gestual ou documental. Ela reforça ser também indispensável considerar as condições contextuais dessas mensagens.

Entre as tentativas de definição da Análise de Conteúdo, Berelson (apud BARDIN, 1977, p. 19) define a Análise de Conteúdo como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Em complemento, Bardin afirma:

É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem. É portanto um método taxionómico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (BARDIN, 1977, p. 37).

Essa não é a única definição de Bardin sobre o método, mas é uma que nos interessa por frisar o método categorial. Foi pela categorização de elementos da mensagem que a Análise de Conteúdo se tornou recorrente e conhecida no campo da comunicação. Sampaio e Lycarião (2021) também priorizam esse caráter ao destacar que a Análise de Conteúdo se baseia na codificação do conteúdo. Ou seja, ela intenciona aplicar **códigos**, que vão formar **categorias**. Por isso, denominam a técnica de *Análise de Conteúdo Categorical*. Os autores propõem, então, uma atualização da definição de Análise de Conteúdo proposta por Downe-Wamboldt (1992).

Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (SAMPAIO E LYCARIÃO, 2021).

Assim, a Análise de Conteúdo tem suas propostas procedimentais e sistemáticas também divergentes entre si. Como qualquer método científico, a técnica apresenta direcionamentos e recomendações de aplicação à pesquisa. As mais comuns, colocadas em concordância tanto por Berelson (1952) e Bardin (1977) quanto por Franco (2008), são as etapas da pesquisa e os prin-

cípios (ou regras) de análise. A esse respeito, Bardin (1977) sugere três polos cronológicos:

- Pré-análise (tomada de decisões sobre o corpus);
- Exploração do material (categorização);
- Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Franco (2008) tenta atualizar essa cronologia e elenca as seguintes etapas:

- a) escolha das unidades de análise;
- b) organização da análise (composta por pré-análise, formulação de hipóteses ou objetivos e elaboração de indicadores para a análise final) e
- c) categorias de análise.

A principal diferença é que Bardin (1977) concentra muitos esforços na pré-análise, enquanto Franco (2008), ao adicionar uma etapa anterior à pré-análise, dá importância à etapa de *escolha das unidades de análise*. Essa etapa é de grande importância para a proposta que apresento aqui, pois a definição das unidades de análise interfere nos conjuntos categoriais a serem explorados para os estudos de fãs em comunidades.

A etapa de escolha das unidades, apontada por Franco (2008), diz respeito às decisões sobre os elementos para composição do corpus. A definição do corpus tem estreita ligação com o método de pesquisa. No caso de dados secundários, estabelece-se o contingente de documentos ou materiais a serem analisados. No caso de dados primários, decorrentes de entrevistas, grupos de foco ou questionários, as unidades de análise serão aquelas que decorrem da descrição e da coleta após aplicação do método. Sampaio e Lycarião (2012) também mencionam ser comum a Análise de Conteúdo aplicada a análise de dados gerados por outras técnicas de pesquisa.

Sampaio e Lycarião (2021) apontam ainda que o esquema de três etapas de Bardin concentra a aplicação da categorização na segunda etapa, ao passo que ressaltam a importância da pré-análise. Os autores propõem, então, um esquema para compreensão das etapas da Análise de Conteúdo, que seriam:

Conceituação – que inclui identificar o problema (revisão de literatura) e formular questões de pesquisa e hipóteses.

Desenho – que inclui a maior parte do processo, com seleção das uni-

dades e subunidades de análise, criação de categorias, definição da amostragem, pré-testes, testes finais das categorias, codificação e testes de confiabilidade final.

Análise – fase na qual o pesquisador desenvolve tabulação e aplicação de procedimentos estatísticos, interpretação dos resultados e validação e replicabilidade.

Minha proposta seria bastante similar à de Sampaio e Lycarião (2021), mas eu adicionaria a escolha do local de análise como uma etapa bem-marcada. Acrescentaria, também, que essas etapas (em especial as duas primeiras) não seguem ordem cronológica, uma vez que o desenho do método interfere, por vezes, na reformulação de hipóteses e objetivos de pesquisa. Incluiria, ainda, ênfase na definição de subcategorias.

As regras da Análise de Conteúdo: alguns contrapontos

Para além das etapas de pesquisa, as abordagens clássicas da Análise de Conteúdo apontam regras de aplicação para aferição do corpus de pesquisa. Bardin (1977) se baseia nas regras de Berelson (1952) para desenvolver sua proposta. As regras de Berelson (1952) pressupõem que as unidades de análise devem ser: *homogêneas* (não se pode misturar tipos diferentes de texto); *exaustivas* (devem esgotar a totalidade do texto); *exclusivas* (um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes); *objectivas* (codificadores diferentes, devem chegar a resultados iguais) e *adequadas ou pertinentes* (adaptadas ao conteúdo e ao objetivo).

Franco (2008) também se apoia em algumas dessas regras, como a da *exaustividade* e complementa citando a *representatividade* (baseada em Bardin, que afirma ser possível analisar uma amostra representativa, se suficientemente volumosa) e *homogeneidade* (unidades devem ser semelhantes, ou seja, seguir critérios precisos de escolha).

No entanto, muitas dessas regras são de difícil aplicação, em especial na era das redes sociais digitais. A pressuposição de que as unidades de análise devam ser exaustivas e esgotar a quase totalidade do texto, por exemplo, só é possível nas redes com softwares de análise de dados. Isso porque as redes digitais inauguraram um ambiente particular, com regras próprias, que demandam técnicas e metodologias de pesquisa particulares (FRAGOSO,

RECUERO e AMARAL, 2011; FREIRE, 2015; MANOVICH, 2016). Esse espaço afeta também as premissas clássicas da Análise de Conteúdo. Por exemplo, as contribuições de Bardin (1977) e Franco (2008) são anteriores às pesquisas em redes digitais e, portanto, não discorrem sobre o ambiente ou *local de coleta* dos dados. Para pensarmos em aplicar Análise de Conteúdo em redes, é importante considerar as transformações tecnológicas e possibilidades de interação do ambiente digital.

Bardin (1977) se baseia em pesquisas com método de coleta já definido, como entrevistas ou análise de documentos. Por não haver redes sociais, a interação entre um ou mais entrevistados aconteceria apenas em grupos focais. A análise de rede social ou de comunidades virtuais difere-se da entrevista por conter interações, síncronas ou assíncronas. Ela tampouco possui as mesmas características de um grupo focal, no qual a conversa é sabidamente documentada, enquanto nas redes as conversações são espontâneas. Por isso, a inexistência de espaços como o das redes sociais na época da escrita das principais bases da Análise de Conteúdo concede a ela características que não condizem com o principal ambiente de análise das atividades dos fãs. Também por isso, Bardin (1977) não se debruça sobre a relevância da etapa de escolha do *local de coleta* na sua descrição da etapa de pré-análise.

A escolha da comunidade, do espaço ou do tipo de dados (de unidade de registro) que serão analisados é importante pois influencia as próximas etapas de pesquisa, como a pré-análise e a categorização. Explico melhor: plataformas de fanfics como *Nyah!* ou *Archive of Our Own* possibilitam Análise de Conteúdo de textos criativos de fãs e suas relações com as obras, por exemplo, mas são menos frutíferas caso o objetivo seja disputas de sentido ou embate entre fãs. O mesmo ocorre em uma comunidade com mediação forte, em que o moderador aplica controle sobre comentários, expulsa ou bloqueia membros. Por outro lado, uma rede como Pinterest pode oferecer bons espaços de análise de *fanarts* e produção de fãs, mas não tanto de comunicação e interação. Isso significa que a escolha da plataforma, da comunidade e do objeto já configura etapa inicial da Análise de Conteúdo, portanto deve contar na pré-análise, por estar ligada aos objetivos e hipóteses.

Assim como a definição da comunidade (ou do local de coleta de dados), pretendo reforçar, neste texto, a importância das *subcategorias de análise*. Ao abordarem a etapa de codificação, Sampaio e Lycarião (2021) discor-

rem sobre diversos pontos a serem observados no desenho da análise, mas pouco aprofundam o processo de identificação de subcategorias. Para análise de interação em redes sociais, as subcategorias são ponto diferencial, por compreenderem as diversas camadas classificatórias contidas nas conversas entre os fãs. A distinção dessas camadas incorpora o que Bardin chama de 'continente' do conteúdo (1977, p. 34) a partir da escolha do local de coleta, do contexto da comunidade, do tipo de fandom e da abordagem de análise.

Por fim, outro ponto que tendo a discordar, adotado por Bardin (1977) e Franco (2008) é o princípio de *exclusão mútua*, em que cada elemento só pode existir em uma divisão ou categoria. Para os estudos de fãs, não vejo esse princípio como obrigatório - e talvez nem desejável - pois os nós (as interações) e a identidade (totalidade do que disse o sujeito) nos interessam mais do que a quantificação das categorias. Ou seja, compreender os temas tocados pelo comentário (mesmo que seja mais de um) nos interessa mais do que sua rígida fragmentação.

Por exemplo, suponhamos que desenvolvo uma pesquisa com objetivo de identificar quais comentários são positivos, negativos ou neutros (Liu, 2010). Então, me deparo com o seguinte comentário: "Amo a Nazaré, mas detestei a novela". É relevante para minha pesquisa que eu considere o comentário em duas categorias (positivo e negativo), pois assim consigo contemplar a ambivalência que um comentário pode ter, por ser da natureza humana. Eu posso, portanto, encaixar o referido comentário nas duas categorias, sem ter que fragmentá-lo ou optar por um único caminho.

Isso porque não nos importa tanto a soma dos comentários totalizar 100% do universo pesquisado. Antes, interessaria-nos observar quantos comentários mencionam fatores positivos (relacionados ao afeto do fã, por exemplo) ou negativos (relativos a opiniões contrárias). Assim, podemos incorrer no seguinte exemplo: se analiso 20 comentários e percebo que 10 deles mencionam apenas aspectos positivos, 8 mencionam apenas críticas ou aspectos negativos, e dois comentários são ambivalentes (e portanto inseridos nas duas categorias) ao final a soma das unidades de análise totalizará 22 (12 positivos e 10 negativos). A soma das unidades analisadas será diferente do total do meu corpus de pesquisa. No entanto, isso não prejudica minha análise, uma vez que me interessa, principalmente, ver quantos comentários endereçam os elementos objetivados pela análise.

Em resumo, acredito contribuir com três questões principais: a relevância da atenção à *escolha da comunidade* ou do local de coleta, a sugestão de *categorização em camadas ou subcategorias*, que compõem uma espécie de 'guarda-chuva' de categorias, e o *questionamento do princípio da exclusão mútua*. Para isso, inicio o próximo tópico discutindo sobre a aplicação da Análise de Conteúdo em comunidades de fãs nas redes digitais, para, em seguida, propor dois conjuntos categoriais que possam auxiliar análises futuras.

Aplicação da Análise de Conteúdo em comunidades de fãs

Ao considerar os fãs de produções midiáticas como um grupo dedicado às obras e aos indivíduos de sua admiração, é possível enxergar uma propensão em se unirem em comunidades, on-line e off-line, para que possam interagir e trocar informações; são os chamados *fandoms*. Com o advento das inovações tecnológicas, as conexões entre esses grupos são facilitadas e ampliadas, tornando as trocas mais recorrentes. Dentro dessa lógica de encontros expandidos trazidos pelas ferramentas do ambiente digital, características classificatórias e analíticas surgem e se unem ao que estava vigente para a prática de observação. É importante ter em mente, ainda, as distinções entre as diversas plataformas e redes sociais, pois cada uma delas fornece operacionalidades e ferramentas específicas, o que pode trazer diferentes resultados (DOURISH; MAZMANIAN, 2012; LEMOS, 2019).

Como vimos na definição de Berelson citada anteriormente, a Análise de Conteúdo era entendida inicialmente como uma descrição "objetiva, sistemática e quantitativa" (apud Bardin, 1977, p. 19) do conteúdo comunicacional. A Análise de Conteúdo quantitativa tem sido destacada na maioria das obras sobre o método. Ainda que autores como Bardin (1977), Krippendorf (2004), Franco (2008), Sampaio e Lycarião (2021) reconheçam a possibilidade da Análise de Conteúdo qualitativa, as aplicações metodológicas de suas obras se voltam ao aspecto quantitativo.

A abordagem qualitativa da Análise de Conteúdo tem sido muito utilizada nos estudos de recepção e de fãs, na qual não são priorizados os números ou a quantidade robusta de aparições, mas sim as nuances e os traços de envolvimento emocional – que podem ser pontuais – presentes nas comunicações dos fãs. Um exemplo seria um fã que adentra uma discussão para mencionar sua coleção de bonecos de algum super-herói. Podem não existir, no debate

em que se concentra a análise, outros fãs que colecionem memorabilia, mas o fato de um fã querer demonstrar sua ‘superioridade’ em relação aos outros fãs pode ser suficientemente significativo para que receba destaque na análise.

A seguir, trarei exemplos de definição de locais de coleta e de unidades de análise. As propostas se baseiam em pesquisas que realizei anteriormente sobre dois temas usuais nos estudos de fãs. Um dos quadros diz respeito a disputas entre fãs, e outro tem enfoque nas relações hierárquicas presentes nas comunidades. Ambos foram inspirados na aplicação de Greco e Pontes (2022).

Propostas de aplicação da Análise de Conteúdo em comunidades de fãs

A primeira etapa sugerida por Sampaio e Lycarião trata da *conceituação*, de ordem da elaboração do projeto, no qual se determina o problema de pesquisa, objetivos e hipóteses. Sabemos que, ao longo de uma pesquisa, essas definições podem ser revistas e sofrer alterações, na medida em que são realizados pré-testes, escolha do local de coleta, etc. Mas é fundamental que tais formulações estejam consolidadas antes de finalizar as definições e a aplicação de categorias.

Já na etapa chamada pelos autores de *desenho* de pesquisa, venho frisar a importância da escolha do local de coleta dos dados. Em uma comunidade de fãs, perguntas relevantes são:

- Em qual rede social pretendo me debruçar? Instagram, Tik Tok, Youtube, Pinterest, Facebook, Tumblr, Twitter, tem práticas distintas e pressupões objetivos de pesquisa distintos.

- Que tipo de comunidade quero investigar? (Fóruns, grupos fechados, páginas abertas, websites, cada formação possui também especificidades que devem ser levadas em consideração para a elaboração de hipóteses e objetivos).

Ainda na etapa de desenho da análise, um dos momentos cruciais é a *seleção das unidades de análise*. O que pretendo analisar? Algumas opções são: um ou vários posts de uma comunidade; comentários de um vídeo no Youtube; comentários de uma postagem em um grupo ou comunidade; hashtags. No caso das hashtags, o manuseio dos dados, por ser volumoso, pode depender de softwares de análise, assunto que não cabe neste primeiro ensaio. Priorizo, portanto, as análises categoriais manuais.

O que pretendo destacar é que a definição das unidades de análise interfere no local de coleta. Comentários, postagens e interações serão intensas em redes como Facebook, Instagram, Youtube ou Twitter, enquanto fanfics se concentram em plataformas como *Nyah!*, *Fanfiction.net* ou *Archive of Our Own*. Hashtags, por sua vez, podem ser encontradas no Instagram, no Facebook ou no Twitter.

A partir da definição do local de coleta e da unidade de análise, proponho que as categorias sejam pensadas em camadas, ou subcategorias. Os exemplos que trago aqui foram formulados com base em três grandes blocos de categorização. O primeiro traz o olhar geral sobre o objeto de análise, o **tema ou assunto** a ser abordado pela pesquisa. Exemplos: *disputas de sentido* ou *hierarquias em comunidades*.

Dentro do tema ou assunto identificado nas comunidades, insere-se a categoria que trata da **natureza das manifestações**, ou **contexto de análise**. Por exemplo, se o objetivo for investigar disputas em comunidades de fãs (tema) tais embates podem ocorrer *entre fãs* ou *entre fãs e produtores*, que se diferem pela natureza da interação. No caso do tema voltado a hierarquias, essa organização social pode ter roupagens diferentes, como a organização formal da comunidade (moderador, administrador, etc), ou com base em capital simbólico como expertise (nível de conhecimento) ou volume de objetos colecionáveis.

Por fim, subcategorias são necessárias para que de fato se identifique os subtipos de comentários ou mesmo o tom da discussão. Exemplos de subcategorias para análise de disputas de sentido entre fãs são o tom do comentário (se agressivo, provocativo, apenas opinativo ou apaziguador). Exemplos de subcategorias para análise de hierarquia pautada em coleções seriam a competitividade (“eu tenho mais”), a troca amistosa ou o caráter comercial (compra e venda de produtos).

Em suma, um formato possível para definição de conjunto categorial seria:

- Olhar geral - Tema/ assunto geral do comentário ou postagem.

-- Categoria - Natureza da manifestação / contexto do comentário ou postagem.

--- Subcategoria - Tom ou subtipo dos comentários.

Propostas de conjuntos categoriais

No que se segue, elaborei exemplos (que podem ser lidos como sugestões) de conjuntos categoriais baseados na configuração em *olhar geral* (tema), *categoria* (natureza ou contexto) e subcategorias de análise. Os quadros são pautados em dois temas comumente observados nos estudos de fãs em comunidades: as disputas e as hierarquias internas da comunidade.

As disputas

Um dos pilares de análise possíveis nos estudos de fãs são as disputas estabelecidas entre os próprios membros das comunidades. Ou seja, fãs que discordam e defendem seus caminhos favoritos na narrativa, ou seus personagens preferidos. Pesquisas inaugurais sobre fãs já apontavam conflitos nas comunidades. Fiske (1992) analisou as relações dos espectadores com os produtos culturais a partir de suas distinções internas, enquanto Jenkins, em *Textual Poachers* (1992), apontou conflitos entre fãs, atribuídos aos níveis de paixão e entusiasmo contido nas comunidades.

Exemplo de Análise de Conteúdo categorial acerca dessas disputas foi realizada em pesquisa sobre os fãs de *Riverdale* (Greco e Pontes, 2021), a partir do embate entre apoiadores do personagem Jughead (*Jugheaders*) e seus opositores (*anti-Jughead* ou *Jughaters*). Em análise de posts em uma comunidade do Facebook, foi realizada pré-análise em que foram identificados três principais pontos que influenciavam o andamento das discussões.

- **O foco do afeto** - referente às postagens com divergências de opinião em relação ao personagem, expostas por meio das preferências de cada fã, que causavam atritos e controvérsias na comunidade.

- **O tipo de postagem**, referente ao tom do autor do post, que poderia ser provocativo ou opinativo. Isto é, a postagem pode trazer mensagem com compartilhamento de opinião aparentemente neutro ou de provocação intencional

- **Os esforços de preservação da ordem** na comunidade, que aborda a postura dos moderadores da comunidade e a reação dos administradores para manter o molde pacífico dentro do grupo e, por consequência, a unidade de afeto entre os fãs da mesma série.

Esses pontos constituem unidades de análise distintas. Porém, as unida-

des não se distinguem entre si da mesma forma que uma imagem de post se difere do texto desse mesmo post, ou da forma que uma cena de um filme se difere de outra cena. Essas unidades se distinguem em seu foco, sua intenção, alteram o objetivo da análise e o conjunto categorial. Para cada ponto, ou para cada unidade de análise, surgem estruturas categoriais diferentes. Mais do que isso, cada um dos pontos observados acerca da disputa abre possibilidade de subcategorias. Por isso, sugiro a categorização em camadas para que as interações entre os fãs possam ser analisadas em maior potência.

Neste exemplo, dentro do objetivo de analisar as disputas entre fãs, tendo já definido uma disputa específica (acerca do personagem Jughead, da série *Riverdale*), aparecem novas categorias que possibilitam distintas hipóteses e objetivos. Isso significa que a etapa que Sampaio e Lycarião (2021) definem como 'desenho', que engloba a definição das unidades e subunidades, ainda interferem na etapa de 'conceituação', que prevê a elaboração das hipóteses. Em outra perspectiva, eu poderia dizer que a segunda etapa de Bardin (1977), a 'exploração do material (categorização)' interfere na pré-análise. Isso ocorre porque a partir da observação dos dados e identificação de unidades ou subunidades de análise é possível formular novas hipóteses.

Outro ponto a ser observado como possibilidade de análise é o destinatário da postagem. É claro que os leitores são os próprios fãs, portanto as postagens em grande parte se dirigem aos outros membros da comunidade. No entanto, há também fãs que desabafam em mensagens aos produtores, à emissora ou aos roteiristas. Com isso, é válido perceber qual interação o pesquisador pretende investigar: a interação entre os fãs ou a interação entre fãs e produtores, dentro da comunidade. Esta seria a categoria primária, dentro do escopo analítico das disputas de fãs em comunidades.

Indo mais além, qualquer uma das interações mencionadas abre um escopo de categorias passíveis de análise. Uma das que uso como exemplo é a categoria referente ao tipo de postagem, listado como um dos pontos que geravam embate no grupo de *Riverdale*. O tom da postagem, percebido como opinativo, provocativo, apaziguador ou convocativo configura uma subcategoria.

O esquema a seguir ilustra a possibilidade de categorização em camadas, ou de primeira e segunda subcategorias.

Tabela 1: Conjunto categorial para análise de disputas de fãs

Olhar geral / Tema	Categoria	Subcategoria	
Disputas	<u>Entre fãs</u>	Opinativos	
		Provocativos	
		Apaziguadores	
		Convocativos (marca o amigo para entrar na disputa e ajudar a defender um ponto de vista)	
	<u>Entre fãs e empresa produtora</u>	Elogios (Amei que ficaram juntos)	
		Desabafo	
		Reclamação ou cobrança (não gostou de fatos do roteiro, ou de decisão da produtora - como no caso de cancelamento de séries)	
		Vingança ("não vou mais ver" / "Vamos boicotar")	

Dentro da categoria de disputa entre fãs, destaca-se o tom das postagens. No exemplo de categorização acima, são propostas as subcategorias de postagem: *opinativa*, *provocativa*, *apaziguadora* e *convocativa*. Essa classificação tem semelhanças com o modelo de análise de sentimento. Segundo Liu (2010), análise de sentimento é o estudo de opiniões, sentimento e emoções expressas em textos, com classificação da opinião quanto ao seu caráter (positivo, negativo ou neutro). Pesquisas sobre fãs já utilizaram essa classificação (LOPES et. al, 2015, TAVARES, 2013), no entanto a ideia “de positivo” ou “negativo” para diferenças de opiniões recai em gargalos difíceis de serem superados. Portanto, a divisão aqui sugerida visa a incorporar as funções emotivas da linguagem contidas na mensagem, mais do que descobrir a real intenção do autor.

O primeiro tipo, *opinativa*, está relacionada às publicações cujo conteúdo é voltado à expressão de fatos, notícias ou de opinião particular, aparentemente sem a intenção de causar rivalidade. No caso do personagem Jughead, seriam postagens com curiosidades sobre a personagem, recorte de cenas, compilações ou acontecimentos de ordem da ficção. Essas postagens po-

dem, no entanto, causar discussões sobre o conteúdo e até mesmo conflitos. O segundo tipo, *provocativa*, engloba postagens com ofensas direcionadas ao foco da disputa ou provocações com maior potencial de criar desavenças. No caso de Jughead, inclui postagens que ofendem o personagem, trazem reclamações sobre os fãs dele ou se declaram haters. Estas, muitas vezes, são interpretadas de forma provocativa e geram calorosas discussões, que suscitam ações dos administradores da página, como alertas, desligamento da possibilidade de comentários e banimentos do grupo.

É importante deixar claro que essas categorias não pretendem supor a intenção de quem postou, mas sim trazer uma percepção acerca da reação que tais postagens geraram nos participantes. Essa subcategorização tem como objetivo direcionar o olhar qualitativo para uma questão que se mostra relevante na compreensão de disputa em comunidades: a natureza dos conteúdos postados e o potencial para gerar debates. A consideração do tom da postagem, para além do foco no tema abordado, pode auxiliar a análise empírica de disputas internas em fandoms de outras séries.

Outro tipo é a postagem *apaziguadora*, na qual o autor da postagem busca conter a disputa ou desencorajar o conflito, ancorado no modelo de uma comunidade amistosa de fãs. Por fim, as postagens *convocativas* são aquelas que convidam outros integrantes a integrar uma discussão. É comum encontrar um fã em defesa de seu personagem ou ator marcar outros apoiadores para se unirem em sua defesa. Ao marcarem outros fãs, estes são convocadas para a batalha, tornando-se essa uma estratégia de confronto.

Outra categorização possível para análise das disputas em comunidades de fãs se dá a partir das mensagens de fãs direcionadas à emissora ou produtora. Análise nesta linha foi realizada por Quintino (2022) ao estudar o cancelamento de séries. A exemplo da série *Sense8*, da Netflix, o pesquisador observou as manifestações de fãs em uma comunidade no Facebook.

Como o assunto estudado por Quintino (2022) foi o cancelamento da série, considerado um evento infeliz para os fãs, foi natural que não encontrasse comentários elogiosos. Por isso, a tabela proposta neste texto não apresenta comentários da referida categoria. A partir da pré-análise das postagens e comentários na comunidade, o pesquisador chegou a quatro categorias de comentários de expressão dos fãs: *desabafo*, *vingativos*, *ativistas* e *ponderados*.

A categoria *desabafo* reuniu comentários em que os fãs expressam suas

opiniões, colocando os sentimentos para serem compartilhados na comunidade. Essa categoria permite ao fã não apenas tornar público seu pensamento, mas também encontrar outros fãs que dividem o mesmo sentimento. Essas opiniões podem ser positivas, de apoio, como também de frustração ou desespero por alguma situação.

Os comentários *vingativos* têm uma característica mais agressiva, muito comum na cultura do cancelamento, por atacarem uma empresa ou personalidade com posturas contrárias ao que aquele grupo entende como correto. Normalmente usam de algum artifício para afetar a empresa ou personalidade, como cancelar assinatura, fazer reclamação, expor problemas, entre outros. No caso da pesquisa de Quintino (2022), os vingativos incentivavam o cancelamento da assinatura da Netflix ou até mesmo postavam *print* da tela com a confirmação do cancelamento. Já os *ativistas* são comentários engajados em alguma causa e que buscam conquistar um objetivo. Pode ser através de campanhas com postagens, uso de hashtags nas redes sociais ou com abaixo-assinados e petições para convencer as empresas ou celebridades a realizarem alguma ação.

A última categoria da classificação, os comentários *ponderados*, compartilhavam do sentimento coletivo de tristeza presente no fandom, mas entendiam que algumas atitudes soavam exageradas ou não necessárias no momento. Esses comentários são importantes para a discussão dentro das redes sociais, pois contrapõem opiniões e acaloram as trocas de mensagem entre os participantes. Em alguns casos os fãs saíam em defesa da empresa ou celebridade, tendo uma postura mais compreensiva da situação. Na categoria em questão, houve predomínio de mensagens concordando com as lamentações pelo encerramento da série, mas discordando do cancelamento da assinatura Netflix pelos fãs.

As opiniões diversas mostram as características desses grupos, nos quais pessoas buscam outras com interesses semelhantes para troca de informação. Apesar de se diferenciarem quanto ao tom ou à intenção, todos os fãs estão compartilhando suas frustrações e tristezas em um espaço comum.

Organização da comunidade

As comunidades de fãs constituem *fandoms* organizados que possuem critérios, regras e ações distintas. A forma como os fãs irão se articular, quais

materiais irão aparecer mais, quais as causas específicas - podendo ser questões sociais ou não - e quais são os embates possíveis entre eles são pontos a serem observados pelo pesquisador.

A organização das comunidades, também considerada a partir das hierarquias internas, é uma das abordagens historicamente presentes nos estudos de fãs. Essa organização pode se basear em protocolos formais e hierárquicos, como administradores, moderadores ou selos específicos de "patentes" concedidos aos fãs. Mas a hierarquia nas comunidades pode também ser baseada em capital simbólico, como o nível de informação que se tem sobre uma obra audiovisual, a quantidade de objetos colecionáveis ou o tipo de participação ou atividade que desempenham no grupo.

Muitos autores apontaram distinções ou classificações entre os fãs a partir das atividades desempenhadas. Alguns exemplos são: os níveis de produtividade apontados por Fiske (1992) (Semiótica, enunciativa e textual); os cinco níveis de atividade dos fãs observado por Jenkins (1992) (modo particular de recepção; particularidade de práticas interpretativas e críticas; base para ativismo de fãs; formas particulares de produção, tradição e estética; formação de comunidade); os tipos de fãs sugerido por Sandvoss (2013) (fãs, adoradores e entusiastas) ou a tipologia de fãs reconhecidas por Lopes et al. (2015) (compartilhadores, produtores, comentadores e curadores).

Unem-se aos esforços de categorização de fãs os tipos definidos por Akpınar e Wennerström (2006), sendo eles: 1) não-irônicos: aqueles integrantes que dedicam investimento afetivo e temporal, levando a atividade como algo de intensa relevância para seu cotidiano; 2) irônicos: não são exatamente fãs das obras que consomem, mas estão ali como figuras que se valem da produção original para utilizá-la como motim de inspiração. Tal distinção dialoga com os apontamentos de Gray (2003), ao destacar os anti-fãs ou não-fãs como relevantes para a compreensão dos *fandoms* e demais espaços de interação da audiência. A distinção entre as diversas práticas é importante para a compreensão do *fandom* e de comunidades organizadas de fãs como um ambiente heterogêneo e hierarquizado, seja formalmente, como no caso de moderadores ou administradores, ou no plano simbólico, como em ocasiões de disputa de poder a partir de capital adquirido.

Como qualquer ambiente de sociabilidade, a comunicação nos grupos de fãs envolve não apenas assuntos sobre o objeto de afeto, mas também

sobre comportamentos e relações dentro do próprio ambiente. Falar sobre as posturas de outros membros, indignar-se e surpreender-se com contraditórias opiniões é parte intrínseca de comunidades. Ao mesmo tempo, dois principais fatores contribuem para a coesão do grupo: um da agência, da performance individual, ou seja, a atuação do fã, seu tipo de envolvimento e suas formas de expressão; e outro da estrutura, da administração, referente à proposta do grupo e atuação dos mediadores. Assim, torna-se de interesse desse campo de estudos as compreensões e distinções internas.

Três propostas de categorização para observação da organização interna de atividades são resumidas aqui: uma relativa à expertise demonstrada pelo fã, seja no nível de informações privilegiadas ou de dedicação ao objeto de afeto, configurando uma espécie de capital simbólico; uma relativa aos colecionadores, atividade de fã que abre um contingente particular de práticas, pautada em capital simbólico mas também econômico, dada a lógica econômica acerca da comercialização de bens e memorabilia; e, por fim, uma categorização baseada na organização formal da comunidade e na posição que os fãs ocupam na lógica interna daquele grupo.

Tabela 2: Conjunto categorial para análise de hierarquias em comunidades de fãs

Olhar geral / Tema	Categoria	Subcategoria
Hierarquias	<u>Expertise</u>	Informações privilegiadas
		Dedicação
	<u>Colecionadores</u>	Competição
		Trocas amadoras (Anúncio de venda / pedido de compra / compartilhamentos em geral)
		Comercial (propaganda oficial)
	<u>Organização social da comunidade</u>	Moderadores ou administradores
		Membro especial (com algum tipo de selo, posição na comunidade, apto a postar, etc)
		Membro comum

As subcategorias referentes à expertise ou a um tipo de competição acerca de “quem é mais fã” circundam exemplos trabalhados por autores basilares da área. A expertise pela via do acesso a informações privilegiadas foi mencionada por Jenkins (2009), ao relatar as interações em um fórum sobre o programa *Survivor*, com menção especial ao caso do usuário ‘ChillOne’, que se dizia portador de informações exclusivas e, assim, pautava uma série de debates no fórum pesquisado.

As subcategorias relacionadas aos colecionadores colaboram com perspectivas comerciais, além de estudos que se debruçam sobre expansão narrativa ou criação de universos ficcionais a serem habitados. Ocorre com grandes sagas como Harry Potter, Star Wars ou as franquias de super-heróis de Marvel ou DC, para citar exemplos mais robustos. Sites populares como eBay ou *ThinkGeek* se tornaram cyber sites de memória e lucro para comunidades cult de fãs.

Além da abordagem comercial ou relativa ao universo narrativo, as coleções também podem ser estudadas pelo olhar da nostalgia. Geraghty (2014) associa o hábito de colecionar objetos de cultura pop a uma ação pautada na nostalgia, uma vez que configura uma prática que busca eternizar os laços afetivos com um produto cultural e também de incorporar tal produto a uma questão identitária.

Por fim, a proposta metodológica traz a categoria relativa à organização formal da comunidade e às hierarquias internas. As comunidades no Facebook, por exemplo, são geridas por administradores e moderadores. Ambos têm o poder de aprovar ou solicitar pedidos de entrada na comunidade, aprovar ou negar publicações no grupo, remover publicações ou comentários, remover ou bloquear pessoas, fixar ou desafixar uma publicação para que fique visível por mais tempo para ingressantes do grupo. O administrador tem ainda funções que o moderador não tem, como alterar a função de usuários dos grupos ou retirá-los e gerenciar as configurações do grupo (nome, foto, descrição etc.). São os ocupantes desta função que, a partir de intervenção na comunidade, acabam por modelar o perfil do grupo e estabelecer as regras da convivência interna, podendo ela ser livre para embates e discussões, ou controlada para fins de prevalência da ordem e suposta manutenção da unidade promovida pelos laços afetivos. Os moderadores funcionam, também, como *fãs curadores* (Lopes et al., 2015), por terem influência sobre o

conteúdo da comunidade, mesmo em grupos que permitam postagem por qualquer integrante.

Assim, percebemos nessas comunidades o empenho do moderador como figura responsável pela manutenção da ordem entre os fãs. Na já mencionada pesquisa sobre a comunidade de *Riverdale* (Greco e Pontes, 2022), as autoras observaram a ocorrência de intervenções de moderadores para amenizar a gravidade dos debates, como a exclusão de alguns comentários ou o bloqueio de comentários, para findar uma discussão calorosa. A medida é condizente com descrições de comunidades de fãs como a de Jancovich e Hunt (2004), que criticam a falsa autoafirmação dos membros da comunidade como tolerantes, quando, em segunda análise, o relacionamento interno do grupo se mostra repleto de disputas e intransigências.

As autoras notaram o papel dos moderadores como atuantes para que o laço que une os fãs em torno da obra de adoração seja soberano às disputas internas do grupo. Ainda que apontem os perigos de hierarquias autoritárias e censuras dentro de grupos de debate, concluem que as atuações prezam pela unidade afetiva do grupo, seguem normas pré-estabelecidas e são aceitas pelos membros.

As categorizações propostas para análises de hierarquias em comunidades de fãs são restritas a certos universos e pontos de vista teóricos. Inúmeras outras possibilidades de combinação de categorias e subcategorias são possíveis e relevantes. O que aponto aqui são indicações de caminhos de interesse, que podem auxiliar a elaboração de novas contribuições para o campo.

Possibilidades de discussões futuras

Os conjuntos categoriais propostos circundam sucintamente possíveis abordagens analíticas sobre duas temáticas recorrentes nos estudos de fãs: as disputas de sentido e as hierarquias internas. A partir deles, procurei expor a utilidade de uma categorização em camadas, buscando identificar o tema geral em que se debruça o pesquisador ao observar as unidades de análise, o contexto ou natureza da unidade de análise e as subcategorias que constituem classificações objetivas a respeito do corpus de análise. Além disso, dividi minhas inquietações a respeito do princípio de exclusão mútua e reforcei a importância de se dar atenção ao processo de escolha do local de coleta de dados nas etapas iniciais de pesquisa.

Muitas possibilidades de Análise de Conteúdo ainda poderiam ser mencionadas, mas não caberiam neste capítulo. Optei por apresentar esses conjuntos categoriais por representarem parte significativa das análises de comentários e postagens de fãs em comunidades de redes digitais. Gostaria, entretanto, de referenciar ao menos duas outras abordagens não trabalhadas neste texto.

A primeira delas é, talvez, a temática mais comumente analisada no campo em questão, e justamente por isso é difícil apresentar sucintamente proposta analítica. Refiro-me ao tema geral da *interação entre os fãs*. São muitas as categorizações possíveis para se analisar as interações dentro dos fandoms ou de comunidades de fãs. A título de exemplo não estruturado, poderíamos pensar em categorias (contextos) de *interação básica* (comentários breves que não geram tantas respostas, ou apenas respostas pontuais), que se dividiriam em subcategorias como *concordância*, *discordância*, *risos de apoios*, *ironia*, *desabafo*, etc. Outra categoria possível de análise seria a *Interação produtiva* (quando a conversa rende, comentários longos, diálogos consistentes), que poderia também ser subdividida em classificações como *concordância* (quando vai além do ‘concordo’, do ‘sim’ ou do like que entrariam na interação básica, pois haveria conversa sobre o porquê da opinião exposta, pontos de vista, ou desabafo entre pessoas de opinião semelhante); *discordância* (a depender do andamento, pode ser encaixado no tema das disputas. Mas, se respeitoso, ficaria no âmbito das interações); ou *memória afetiva* (quando a conversa entre fãs gira em torno do afeto por um personagem, um casal, ator ou cena). Há, ainda, a possibilidade de analisar a *Interação criativa*, a partir de subcategorias como *Fanfics*, *Fanarts*, *Cosplay*, *Poemas*, *Sátiras*, *fan vídeos*, etc. Enfim, muitos conjuntos categoriais são possíveis e, claramente, não cabem todos neste capítulo.

Outro tópico relevante para se falar sobre Análise de Conteúdo aplicada a estudos de fãs em comunidades são as hashtags. O assunto tem escopo para um artigo inteiro, então pretendo apenas mencionar que as hashtags são ferramenta de enorme interesse na área, pois reúnem as unidades de análise a partir de termos organizados pelo próprio fandom. Ao determinarem o uso de uma hashtag, os fãs aderem a um movimento semi-organizado, o que funcionaria como uma espécie de primeira camada categorial.

A pauta em torno da hashtag se estende ao incluirmos o debate sobre o

uso de softwares de análise. As redes sociais digitais transformam o percurso clássico da Análise de Conteúdo, ao abrir demanda por uso de softwares e análises temáticas da rede, como o uso de métricas para cálculo de índices de engajamento e análises de sentimento ou de conteúdo gerado pelos usuários (Paine; Paarlberg, 2011; Sponder, 2012; Freire, 2015). Métricas e análises quantitativas, com o passar do tempo, adquiriram formas próprias e indicadores específicos para o estudo do conteúdo gerado pelo usuário nas redes sociais. Dentre as métricas mais utilizadas destacam-se a pesquisa por palavras-chave e por hashtags. Segundo Freire (2015), o resultado histórico do processo de monitoramento foi o desenvolvimento de métricas úteis para a identificação e categorização de usuários e suas ações nas *fanpages*.

Existem diversos tipos de software, utilizados tanto para coleta de dados (a exemplo do Twitonomy, Twubs, Social Searcher ou Instagreader) quanto para Análise de Conteúdo (como Iramuteq, NVivo ou Textalyser). Existem, ainda, os softwares para auxílio na visualização de dados, ao gerar gráficos ou nuvens de palavras (ex: Gephi, Worditout, Iramuteq). Muitos softwares se propõem a fazer Análise de Conteúdo, o que vem sendo aplicado por pesquisadores que se aventuram a analisar amostras com grande volume de dados. No entanto, reconfiguram as reflexões e regras de análise, por constituírem um método de análise não humano e, portanto, com falhas, riscos e méritos, que devem ser vistos caso a caso.

No presente capítulo, busquei contribuir com categorizações ainda manuais, dependentes do olhar e experiência do pesquisador, a partir de temas relevantes e possibilidades de aplicação de Análise de Conteúdo para análise de fãs em comunidades. Deixo registrada a amplitude do assunto e a aspiração de tecer novas reflexões que possam contribuir com atualizações em torno de uma das técnicas de análise mais utilizadas no campo da comunicação social e aplicada em redes sociais.

REFERÊNCIAS

AKPINAR, Aynur; WENNERSTRÖM, Martin. *Emotional Ownership and the Fan Fiction Community*. Lund: Department of Business Administration of Lund University School of Economics and Management, 2006.

BACON-SMITH, Camille. *Enterprising Women: Television Fandom and the Creation of Popular Myth*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992.

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERELSON, Bernard. *Content Analysis in Communication Research*. Pp. 220. Glencoe, Ill.: The Free Press, 1952
- DOURISH, Paul, MAZMANIAN, Melissa. Media as material: Information, Representations as Material Foundations for Organizational Practice. In: CARLILE, P. R.; et al. (eds.) *How Matter Matters*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- FISKE, John. The Cultural Economy of Fandom. In: LEWIS, L. A. *The Adoring Audience: Fan Culture and Popular Media*. London: Routledge, 1992.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO; Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. Campinas: Ed Liber Livro (Autores Associados). Série Pesquisa, 3. ed., 2008.
- FREIRE, Claudia Pontes. Método de monitoramento de redes sociais. Epistemologia, técnicas e propostas de mineração de banco de dados para conteúdos gerados por fãs de telenovela em redes sociais. 2015. Tese (Doutorado Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 2015. 399 pp.
- GERAGHTY, Lincoln. *Cult Collectors: nostalgia, fandom and collecting popular culture*. New York, Routledge, 2014
- GRAY, Jonathan. New Audiences, New Textualities: Anti-Fans and Non-Fans. *International Journal of Cultural Studies*. v. 6, n. 1. 2003; p. 64-81.
- GRECO, Clarice; LOPES PONTES, Enoe. Disputas de sentido em comunidades de fãs: amor e ódio entre Riverdalian. *Revista Mídia e Cotidiano*, 16(1), 224-247, 2022. <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i1.52175>
- HILLS, Matt. *Fan Culture*. London: Routledge, 2002
- JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. *Revista FAMECOS*, 3(5), 2008. 44-49. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1996.5.2946>
- JAMISON, Anne. *Por que a fanfiction está dominando o mundo*. São Paulo: Rocco, 2017.
- JANCOVICH, M; HUNT, N. The Mainstream, Distinction and Cult TV. In: PEARSON, Roberta. and GWENLLIAN-JONES, Sara. *Cult Television*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.
- JENKINS, Henry. *Textual poachers: television fans & participatory culture*. New York: Routledge, 1992.
- KRIPPENDORFF, Klaus. *Content analysis: an introduction to its methodology*. Lon-

dres: Sage, [1980], 2004.

LEMOS, André. Comunicação e Mediação. In: Alzamora, G; Coutinho, F.; Ziller, J. (orgs.). Dossiê Bruno Latour. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2019).

LIU, Bing. Sentiment Analysis and Subjectivity. In. Handbook of Natural Language Processing. Segunda Edição. 2010

LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). *Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-64

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Recepção dos meios: classe, poder e estrutura. *Comunicação & Sociedade*, vol. XIII, fasc. 23. Junho 1995.

MANOVICH, Lev. "The Science of Culture? Social Computing, Digital Humanities and Cultural Analytics." *Journal of Cultural Analytics* 1 (1), 2016. <https://doi.org/10.22148/16.004>

PAINE, Katie D.; PAARLBERG, William T. (Eds.) *Measure what matters: on-line tools for understanding customers, social media, engagement, and key relationships*. New Jersey: John Wiley&Sons, 2011.

QUINTINO, Fábio Levi. Traídos pelas Produtoras: fãs órfãos de séries canceladas. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Paulista. 2022. 103pp.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. *Análise de Conteúdo categorial: manual de aplicação*. Brasília: Enap, 2021.

SANDVOSS, C. Quando Estrutura e Agência se Encontram: os fãs e o poder. *Ciberlegenda*, n. 28., p. 08-41, 2013.

SPONDER, Marshall. *Social media analytics: effective tools for building, interpreting, and using metrics*. New York: McGraw-Hill, 2012.

TAVARES, Mariana Moura. Análise qualitativa e quantitativa de menções nas redes sociais. *Dissertação* (Mestrado). Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu. 2013.

METODOLOGIA DE PRODUÇÃO TRANSMÍDIA

Fundamentos para criação de aula
transmídia, uma experiência

Ligia Prezia Lemos

Como deve ser a apresentação de um projeto transmídia? Este artigo tem como objetivo relatar e compartilhar uma experiência de desenvolvimento e aplicação, por lateralidade, do conceito de criação transmídia a uma disciplina sobre metodologia de produção transmídia¹. Ou seja, para conduzir empiricamente o conteúdo a ser oferecido, optou-se por aplicá-lo às próprias aulas, numa forma, pode-se dizer, de metanarrativa. Assim, no caso, tendo a transmídia como característica imanente, mesmo que imperfeita, pois experimental, utilizou-se de uma abordagem heurística que permitiu que, ao final da disciplina, tal concepção fosse explicitada, com a intenção de revelar aos alunos as inumeráveis possibilidades de criação transmídia em diferentes campos do conhecimento.

Transmídia é a ação de criar, transpor, distribuir e fazer circular, de/por um sistema sógnico para outro, diferentes narrativas, módulos, materialidades e significações de determinado conteúdo. A disciplina, como experiência aplicada, visava oferecer estratégias empíricas que pudessem ampliar os recursos dos alunos – e desenvolver oportunidades de um pensar dinâmico e múltiplo – expandindo a sua capacidade de vislumbrar possibilidades criativas e sua posterior realização. O objetivo geral foi, portanto, o de levar os alunos a perceber e identificar a metodologia transmídia enquanto projeto e, principalmente, enquanto empiria. Além de demonstrar o processo de criação de conteúdo transmídia per se, os objetivos específicos se referiam a verificar a incorporação da metodologia transmídia no processo educacional e a utilizar a metodologia transmídia na própria aula, como parte do processo de ensino-aprendizagem.

Um instante de fundamentos epistemológicos e teóricos

No início dos anos 2000, em uma crítica ao estudo do ambiente por onde circulava a ficção televisiva latino-americana, Martín-Barbero e Ray (2004) destacavam a insensibilidade dos estudiosos aos desafios culturais que se apresentavam. Principalmente no sentido de negar a televisão como lugar nevrálgico de disputas e conquistas históricas, em termos políticos, sociais e culturais. Isso porque, para eles, a televisão seria um lugar em que o país

¹ *Disciplina condensada "Metodologia da Produção Transmídia" ministrada pela autora no curso de Pós-Graduação em Produção de Conteúdo Audiovisual para Multiplataformas (EAM), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), on-line, em 2022.*

comparece e se encontra e, mais do que diversão e ócio, onde se revelam “as mais secretas perversões do social” (MARTÍN-BARBERO & RAY, 2004, p. 26) constituindo imaginários coletivos. Era visível, então, uma reorganização da paisagem hegemônica por meio das indústrias culturais:

Uma vez convertidas em lugares de condensação e entrecruzamento de múltiplas redes de produção do social, estas se acham conformadas hoje por dispositivos complexos, que não são de ordem meramente tecnológica, mercantil ou política. Encontramo-nos diante de certos *aparatos* nos quais pesam menos as filiações que as alianças, as pesadas máquinas de fabricação do que as sinuosas trajetórias da circulação e em que os estratagemas de apropriação devem ser levados em conta como as lógicas da propriedade (MARTÍN-BARBERO & RAY, 2004, p. 111).

Atualmente, múltiplos meios e redes sociais digitais indicam que aquele ambiente observado a respeito da televisão se tornou muitíssimo amplificado, com ramificações em todas as áreas da vida humana, por todo o globo, sendo passível de expansão contínua, em fluxos superpostos, fragmentados, que se reorganizam e se reagrupam continuamente. Daí a relevância de se investir em uma literacia consistente e, além disso, aplicável a inúmeros campos de estudo. Por isso, ao professor cabe demonstrar técnicas, apresentar teorias e metodologias, orientar e estimular a criticidade dos alunos, pois apenas o conteúdo, saber ler letras e palavras, não é suficiente – é preciso saber ler o mundo com espírito crítico (FREIRE, 2017). Espírito que surge da abertura para uma compreensão ampla das experiências da vida e do mundo em que estamos inseridos, no qual um pensamento do tipo redutor não dá mais conta: “a redução unifica aquilo que é diverso ou múltiplo, quer aquilo que é elementar, quer aquilo que é quantificável” (MORIN, 2010, p. 27).

Nos encontramos, portanto, frente à necessidade de estimular a percepção de que a integração com este ambiente se dá por meio de maior contato e destreza com distintas manifestações de linguagens complexas. Lembrando que, se no senso comum *complexa* se refere ao adjetivo *complicado*, em sua dinâmica comunicativa trata-se de um “conceito para indicar o fato de que muitos produtos artísticos e comunicacionais resultam da capacidade de se cruzar, numa mesma situação, vários tipos de signos, hibridizando-os” (CITELLI, 2006, p. 137). Mas como estimular nos alunos a habilidade de manuseio

de linguagens complexas, de suas possibilidades semânticas, senão inserindo-os no ambiente em que estas circulam e, mais do que isso, em que atuam e influenciam o entorno? Há que se ter isso em vista porque, “na perspectiva histórico-social, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos” (LIBÂNEO, 2001, p. 2) e para atingir tal objetivo na presente experimentação didática, tal meta solicitava a utilização do próprio conteúdo como propulsor do desenvolvimento de competências e habilidades instrumentais para a vida cotidiana e, no caso, para a vida profissional, dos alunos.

O conceito de transmídia nasceu imbricado a um momento de transformação cultural, em termos mundiais, relacionado à digitalização, convergência tecnológica e, conseqüentemente, à convergência de mídias.

As mudanças tecnológicas, comunicacionais, históricas e culturais, que foram geradas pela cultura da convergência, afetaram não somente o modelo de negócio da mídia convencional, mas o próprio ambiente de mídia, provocando modificações que prepararam o cenário para o surgimento de novas formas de entretenimento para multiplataformas, que se utilizam principalmente da televisão, internet e dos dispositivos móveis para produção e circulação de conteúdos (MASSAROLO & MESQUITA, 2014, p. 2).

Acompanhando, desta forma, as lógicas das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), o conceito de transmídia se mostra relacionado tanto à ideia de conectividade, no sentido de estimular novas maneiras de criar, educar, divulgar, trabalhar e se divertir, quanto de cultura participativa em que se percebe menos a audiência individualista e mais uma assistência comunitária – aquela em que ninguém possui o conhecimento de tudo, cada um sabe apenas parte de alguma coisa e, por associação, cria-se um entendimento comum (FREIRE, 2017). A partir dessas trocas e alterações incessantes nos conteúdos e, também, nos dispositivos, se alteram as relações entre as pessoas, o mundo do trabalho, as formas de inteligência: “escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada” (LÉVY, 2004, p. 7). A própria história da tecnologia indica que os usuários, por meio de seus usos e valores, são produtores de tecnologia, pois no ato de consumi-la acabam por transformá-la, segundo seus critérios e desejos (CASTELLS, 2003, p. 28). Essa característica indica

que as redes são flexíveis e adaptáveis ao administrar sua própria complexidade (vide a relevância dos algoritmos atualmente), sendo que a pluralidade de interfaces, por exemplo, permite e atualiza uma comunicação simultânea por meio de um complexo conjunto de diferentes mídias digitais.

Transmídia envolve um âmbito tão amplo – no qual tanto cabe – que vai desde o processo tecnológico até o engajamento das pessoas que interagem com o conteúdo nas incontáveis plataformas, e abrange, portanto, todo o fluxo comunicacional, desde espaços e momentos anteriores à produção até uma recepção que pertence a um *continuum*, pois gera ressignificações capazes de inventar recomeços. Assim, interações permitem simultaneamente fruir e atualizar conteúdos: “Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas” (LÉVY, 1999, p. 75).

A narrativa transmídia é uma estética que surgiu em resposta à convergência das mídias e que depende diretamente da participação ativa de comunidades de conhecimento. Na forma ideal de narrativa transmídia – e, também, de produção de conteúdo transmídia – “cada meio faz o que faz de melhor para que a história possa se expandir”, postulava Jenkins, pensando então em produtos ficcionais. Assim, a narrativa transmídia ou *transmedia storytelling* refere-se a um processo em que “os elementos integrais da ficção são sistematicamente dispersos através de múltiplos canais de distribuição para criar uma experiência unificada e coordenada de entretenimento” (2007, n.p)². Nesse sentido, o conteúdo pode integrar um filme, se expandir pela web, televisão, jogos, de maneira tão autossuficiente que permita seu consumo autônomo, ou seja, não seria necessário ver o filme para desfrutar do jogo e vice-versa (JENKINS, s/d, n.p)³.

Não que a concepção e manifestação primordiais da narrativa transmídia não estivessem presentes anteriormente em conteúdos analógicos – fragmentados, inter-relacionados e distribuídos por ligações externas, igual-

² No original: “Transmedia storytelling represents a process where integral elements of a fiction get dispersed systematically across multiple delivery channels for the purpose of creating a unified and coordinated entertainment experience. Ideally, each medium makes its own unique contribution to the unfolding of the story”.

³ No original: “In this vision, established filmmakers, such as Steven Spielberg or Tim Burton, can produce shorter and riskier works, emerging talents can develop their production skills, and works may move fluidly back and forth between the Web, television, film, and computer games”.

mente analógicas. O exemplo mais antigo que nos ocorre vem das histórias bíblicas (e seus diferentes e integrados trechos) manifestadas em procissões, contações de histórias, apresentações teatrais, e retratadas em pinturas, gravuras, esculturas. O mesmo se dando com lendas, histórias de fadas e assim por diante, em trânsito narrativo semelhante à atual *transmidia storytelling*.

O conceito de transmídia engloba ambientes propícios a interações, conexões, engajamento, compartilhamento de ideias e também comércio/marketing; um ambiente que, em termos arquetípicos, se refere ao deus grego Hermes (Mercúrio, dos romanos), deus da mobilidade, da impermanência, das trocas físicas e mentais, o deus “da comunicação e das mediações, que sob o nome de Toth inventou a escrita e que, segundo nos informa Jung em seus estudos sobre a simbologia alquímica, representa como ‘espírito Mercúrio’ também o *principium individuationis*”⁴ (CALVINO, 2005, p. 64).

Mas, concluindo, a narrativa transmídia refere-se à transposição e à circulação de conteúdo de um sistema sógnico para outro, capaz de promover uma experiência ampliada, que demanda formas de pensamento complexo – tanto do polo da produção quanto do polo da recepção – além de requerer certa literacia midiática, que propicie um engajamento dinâmico e múltiplo de todos os atores envolvidos no processo. Por essa razão, é, também, dependente da proximidade, familiarização e hábito de manuseio de dispositivos tecnológicos e suas linguagens.

Neste pequeno apanhado, a título de revisão, articulamos autores que, hoje, podem ser considerados notadamente clássicos dos estudos de transmídia e que foram capazes de vislumbrar a importância da integração conteúdo/mídia/circulação em um ambiente que, em sua época, ainda não revelava nem sombra do que veio a se tornar atualmente – e que muitas vezes sequer é percebido por já fazer parte inerente de nossa sociedade.

Fundamentação reflexivo metodológica

Metodologia é campo de reflexão, pois se estrutura por meio de teorias

⁴ O princípio de individuação é um conceito filosófico “empregado por Schopenhauer para designar o princípio da pluralidade e da singularidade que se faz por meio das determinações temporais e espaciais, e sob o qual está submetido tudo o que aparece, ou seja, todo o mundo fenomênico. Tal princípio é fundador da consciência. Tempo e espaço constituem a sua forma, a qual possui papel ativo na configuração do mundo como representação” (MEIRA, 2017, p. 32).

e, por outro lado, é também campo de estudo, por se combinar com a prática, com a empiria: “A pesquisa empírica diz respeito ao trabalho analítico das conexões entre campos usualmente vistos em separado, das novas percepções e sensibilidades, da dimensão cultural e antropológica das interações sociais” (LEMOS, 2017, p. 26). Para compor a fundamentação teórico metodológica deste trabalho, trazemos Lopes (2005) e sua visão da pesquisa em comunicação, aquela que procura articular em níveis e fases o pensamento científico, por meio de problematizações e operações metodológicas.

Neste modelo metodológico há dois segmentos, inicialmente vazios, que se cruzam: o vetor vertical refere-se às bases da ciência enquanto discurso e linguagem, englobando os *níveis* da pesquisa; e o vetor horizontal está relacionado à ciência enquanto empiria, prática, e engloba as *fases* da pesquisa. No primeiro estão os paradigmas, no segundo, os sintagmas. Naquele espaço vazio inicial será criada a pesquisa, porém esta não estará ligada a um sistema de normas imutáveis, pois tal modelo é flexível e adaptável, e se refere a um plano estrutural criado e manejado pelo próprio pesquisador. Pode-se dizer que os *níveis* da pesquisa são: (1) epistemológico (com o mais alto grau de abstração); (2) teórico; (3) metódico e (4) técnico (com menor grau de abstração). As *fases* da pesquisa são: (1) definição do objeto; (2) observação; (3) descrição; e (4) interpretação. Este modelo propõe a operacionalização da pesquisa científica em comunicação a partir de um manejo que constantemente constrói e reconstrói os percursos.

O modelo metodológico, em si, longe de ser rígido ou de se assemelhar a receitas prontas, permite uma gestão criativa e capaz de se adequar a percursos os mais variados. Por esta razão, com o tempo, suas articulações passam a fazer parte do próprio pensar do pesquisador que, desta forma, passa a aplicá-las à diferentes conjunturas, pois todos os fenômenos do mundo da vida podem ser observados a partir desses diferentes níveis paradigmáticos e passar - na maioria vezes - pelas fases do vetor sintagmático, que se desenrolam no tempo, com começo, meio e fim.

No âmbito da disciplina em pauta no presente trabalho, denominada de Metodologia de Produção Transmídia, nos deparamos com um objeto de estudo que nos apresentava duas faces. A primeira face diz respeito ao termo *produção* que demanda procedimentos metodológicos relacionados a um conjunto de estratégias, conteúdos e práticas das indústrias de entrete-

nimento, criativas ou de conteúdo e que, por sua vez, estaria relacionado à expressão *recepção* transmídia, pois que ambos, produção e recepção, representam um par indissolúvel neste campo em que os estudos desta última objetivam e permitem identificar hábitos culturais da audiência com o fim de desenvolver novas estratégias de produção em um processo dialógico constante, circular e também reticular.

Com o olhar para esta face, portanto, é necessário criar o teor da disciplina com vistas ao desenvolvimento de competências e habilidades – e literatura – referentes a criação de conteúdo específico, técnicas e estéticas, e suas aderências a cada mídia, a cada meio de expansão transmídia. Metodologia, aqui, refere-se a formas de criar e desenvolver, por exemplo, modelos para roteiros de vídeo de formatos e gêneros diferentes, criação de posts adequados para cada rede social, programação de postagens e periodização, estratégias de marketing adequadas a cada produto, técnicas de pesquisa de audiência e recepção de cada produto, conhecimento de sistemas de entrega e ações de algoritmos específicos e formas de contornar possíveis obstáculos neste sentido etc.

Já a segunda face da disciplina demanda a criação de um processo de conscientização do aluno quanto a apresentação de seu próprio projeto transmídia. Neste caso – que é o de uma especialização com vistas ao desenvolvimento profissional – a disciplina deve oferecer ao aluno instrumentos para que ele possa se integrar ao mercado, com um projeto, no mínimo, interessante⁵. Infelizmente há um vício de pensar que projeto é algo inicial, quase um rascunho, que se faz e que se joga fora para, então, começar o trabalho. Porém, em termos metodológicos, *o projeto é o trabalho* e, justamente por isso, nunca está pronto, estando em contínuo desenvolvimento, inclusive após o início de sua implantação, com correções de rumo e elaboração de novas iniciativas. Desta maneira, a apresentação de um projeto transmídia deveria ser a apresentação da fase de desenvolvimento em que se está em determinado momento. Também por esta razão, supostos projetos que trazem dizeres que se assemelham a “vou fazer um vídeo”, “vou criar um site sobre o vídeo” ou “vou usar as redes sociais” não são apresentações de projeto. A apresentação

⁵ Destacamos que é apenas a partir deste projeto que o aluno estaria apto a produzir seu relatório acadêmico, e não o contrário.

precisa ser consistente, mostrar (mostrar *não é* dizer) tudo o que já foi feito, pesquisado, lido, conversado, alterado, concluído e - principalmente - o que se pretende fazer a seguir.

A primeira apresentação de um projeto no qual se pretende realizar um vídeo, por exemplo, deve conter, no mínimo, a ideia central, o formato, se é ficção ou não ficção, orçamento detalhado, ainda deve trazer algumas referências que serão ponto de partida para a produção e, até, um argumento. Nas apresentações subsequentes, durante o curso, esse desenvolvimento deve ser ampliado devendo chegar ao roteiro final, ou mesmo a alguma experiência de gravação/filmagem e edição/montagem. Por esta razão, o aluno que pretende apresentar um vídeo precisa estudar os princípios de criação de roteiro, direção, interpretação, edição, distribuição etc.

O mesmo ocorre na primeira apresentação de um projeto que pretende criar um site: levantamento de conteúdo a ser composto; programação visual e caminhos estéticos; equipe técnica necessária para construção, atualização e suporte; orçamento detalhado; árvore de navegação; planejamento de postagens em forma de cronograma etc. - tudo já deve estar discriminado

A primeira apresentação de um projeto que pretende “usar” as redes sociais precisa especificar tudo também: quais redes; quais os melhores formatos de conteúdo para aquela rede em particular: vídeo curto, vídeo longo, foto, texto; o que oferece maior engajamento; deve trazer opções de design de alguns posts; orçamento detalhado; se o conteúdo será criado por profissionais ou pelo próprio aluno; que devem, ainda, estudar e planejar o manejo de datas/horários de divulgação de conteúdo segundo pesquisas de mercado confiáveis e atualizadas; verificar se há especificidades relativas ao algoritmo quanto à entrega de conteúdo etc.

Enfim, qualquer projeto precisa indicar, com o máximo de clareza, o conhecimento amplo que o proponente possui sobre sua proposta e as iniciativas (detalhadas e com o máximo de especificações) que pretende implementar. Nada deve ser vago, nem pertencer ao campo dos sonhos e dos ideais. A proposta deve integrar a materialidade do mundo e sua concretização depende de sua viabilidade já indicada e planejada minuciosamente no projeto, em forma de ações racionais e sucessivas.

Por essa razão dizemos que o projeto é o próprio trabalho, nunca termina. Isso acontece porque dentro de uma semana, por exemplo, novas ideias

podem surgir e nada deve impedir que sejam incorporadas ao projeto - também detalhadas, orçadas, pensadas e planejadas. Por essa razão, não é necessário terminar o projeto para apresentá-lo, mas que fique claro que isso não quer dizer que se deve apresentar uma espécie de rascunho, muito pelo contrário.

O projeto transmídia em si é um *produto* que deve descrever e expor - de maneira linda - os planos, os conteúdos, as ligações entre eles e as mídias empregadas. Por isso é preciso utilizar os melhores recursos em sua apresentação: templates e aplicativos atraentes, ilustrações, gráficos, vídeos, links, cores, formas etc.

Em termos metodológicos, é importante que se diga que o tema, o assunto escolhido para o estudo, ou seja, o objeto de pesquisa e de trabalho - e porventura de aplicação e desenvolvimento futuro - é uma conquista, sendo fundamental conhecer cada detalhe sobre ele, visitar, ler sobre, estudar, procurar temas correlatos, conhecer seu histórico, saber tudo o que já foi feito, em que locais, quando, por quem, estas são ações e providências imprescindíveis.

Por fim, vale destacar que *ou* o produtor de conteúdo transmídia tem uma equipe especializada para trabalhar para ele *ou* é necessário investir em si: nesse caso, todas as fases do processo de criação e planejamento de implantação de um projeto transmídia devem ser estudadas profundamente, assim como técnicas e métodos relacionados ao processo - é indispensável conhecer os mais adequados e aprender a lidar bem com diferentes aplicativos e ferramentas digitais, explorando todas as suas funcionalidades.

Metodologia de criação de aula transmídia

A ideia de aplicar o conceito de transmídia na própria aula - buscando demonstrar possibilidades e caminhos a serem desenvolvidos - foi inspirada em livros, filmes e outras obras que trazem o conceito de começar pelo fim. Ou seja, a narrativa ocorre de trás para frente, o que gera uma compreensão do todo apenas quando se chega ao começo (no fim), ou à ideia primordial, ou ao início dos fatos. Filmes como *Memento* e *Las viudas de los jueves*, por exemplo, exibem essa característica.

Assim, a aplicação desta metodologia de ensino permitiu que, no fim da aula, fosse possível sinalizar para os alunos que eles vivenciaram um exem-

plo de *apresentação de um projeto transmídia* – pois acabaram de participar de uma aula que foi uma experiência nesse sentido. Para isso, foi exibido o roteiro da aula, que incluía o planejamento com horários e duração de cada atividade, as ações transmídia e o compartilhamento de links sincronizados.

Vale a pena ter em mente que as iniciativas – tanto de criação quanto de publicação de conteúdo transmídia para a disciplina – tinham como propósito estimular nos alunos um espírito de descoberta e ousadia para que pudessem se aventurar por tecnologias e plataformas nunca, ou ainda pouco, utilizadas por eles. A proposta foi levar os alunos a pensarem que, se a professora consegue, eles, como presentes ou futuros produtores de conteúdo, farão isso com muito mais naturalidade. Mesmo que tenham, a seu dispor, equipes especializadas para realizar tais empreitadas, conhecer processos e integrá-los a seu aprendizado só amplifica suas competências e habilidades.

Trazemos a seguir, portanto, algumas especificações das iniciativas implementadas no desenvolvimento do projeto transmídia da aula, de acordo com os fundamentos metodológicos citados, tendo em vista, principalmente, os desafios epistemológicos que se manifestam na atualidade. Desta forma, na primeira aula, logo de início, foi apresentada a dinâmica a ser seguida na disciplina e, ato contínuo, foi feito o convite para um café com Instagram. Ou seja, todos os participantes saíam do Meet por 15 minutos. Enquanto isso, foi deixado no ar um aviso de “voltamos já” – que também ficou no ar em todas as atividades que ocorreram fora do Meet (Fig. 1).

Figura 1 - Aviso



Fonte: colagem de imagens/logotipos pela autora (2022)

Para melhor compreensão e acompanhamento das atividades envolvidas no processo apresentado, estão listadas abaixo as plataformas, dispositivos e modos de apresentação do conteúdo da aula.

Meet

Por se tratar de disciplina online, foi utilizada a ferramenta de videoconferência Meet⁶, oficial do curso, com distribuição e link acesso fornecidos pela secretaria. Amplamente conhecida, especialmente depois da pandemia de Covid-19, que exigiu trabalho online e remoto, permite conversas via chat e compartilhamento síncrono de conteúdo (audiovisual, arquivos, ferramentas, plataformas, sites). Na presente disciplina foi utilizada notadamente para a interação com os alunos, e também para conversas, avisos e trocas via chat, além de apresentações teóricas da aula, com material em Power Point.

WhatsApp

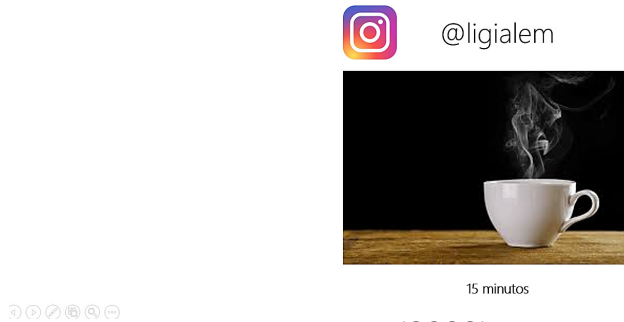
O WhatsApp foi empregado na disciplina para compartilhamento de informações, comunicados, referências e links. Essas comunicações foram planejadas com antecedência, para que fossem publicadas conforme o andamento das aulas, tendo em vista que sobrecarregar os alunos com links e referências, todos de uma vez, não seria produtivo. Assim, a cada atividade ou conteúdo específico, eram disponibilizadas algumas comunicações, conforme o roteiro previsto.

Instagram

Para esta dinâmica, foi substituída a tradicional apresentação oral inicial do professor, do tipo “quem sou eu”, por uma saída dos alunos da sala online. A instrução (Fig. 2) foi que, por um tempo de 15 minutos, poderiam tomar um café enquanto, via celular, navegariam nos Destaques do perfil da professora, no Instagram, para que pudessem conhecer melhor suas credenciais acadêmicas. O objetivo, além deste, que foi explicitado, dizia respeito à quantidade de links que seriam clicados, por que razão foram clicados e se os alunos estavam aptos a compreender o conteúdo que oferece possibilidades diferentes de navegação.

⁶ O Google Meet é um aplicativo gratuito do Google para videoconferências online. Pode ser sincronizado com outros Apps como Google Drive, Google Agenda e Google Slides.

Figura 2 - Convite para o perfil da professora no Instagram



Fonte: a autora (2022)

Em vista disso, na apresentação da professora no Instagram o aluno encontrava uma sequência de 17 Stories⁷ (Fig. 3), alguns com links. Devido ao processo de publicação ter sido realizado com antecedência, toda a sequência foi fixada em Destaques⁸, para que ficassem disponíveis permanentemente. O processo de criação dos Stories pode ser descrito por meio dos seguintes passos: (1) a partir da ferramenta de edição de design Canva⁹, online e gratuita, foi selecionado o modelo que mais se adequava aos objetivos; (2) o modelo escolhido foi personalizado conforme a necessidade, com acréscimo de texto e imagens; (3) todas as imagens dos Stories criadas foram salvas no celular; (4) o próximo passo foi subir os Stories, um a um, no perfil do Instagram, na ordem desejada, acrescentando a cada passo os links necessários (já organizados com antecedência em arquivo à parte e de fácil acesso pelo celular); (5) depois do período de 24 horas que os Stories ficaram no ar, eles foram utilizados para criar o recurso dos Destaques, conforme procedimento do próprio Instagram; (6) quanto ao conteúdo, referia-se, majoritariamente, ao percurso acadêmico da professora, com links para o Lattes, o Academia, grupos de pesquisa, mas também para trabalhos como atriz e roteirista, além

⁷ Os Stories do Instagram exibem publicações que podem ser personalizadas com links, stickers, emojis e filtros e ficam disponíveis por 24 horas.

⁸ O recurso Destaques do Instagram permite que os Stories publicados estejam sempre disponíveis em miniaturas localizadas abaixo da Bio do perfil.

⁹ Disponível em <https://www.canva.com/>

de um ou outro detalhe de sua vida pessoal. Também se incluiu um vídeo do YouTube, do projeto Memórias Ecanas¹⁰ em que enfoca sua experiência na Escola de Arte Dramática¹¹.

Figura 3 - Alguns Stories da sequência



Fonte: a autora (2022)

Depois dessa dinâmica, houve uma conversa com os alunos sobre quais links foram ou não acessados, se eles sabiam criar links nos Stories, transformar Stories em Destaques, qual tipo de conteúdo oferece possibilidades transmídia no Instagram e que outras soluções são oferecidas por essa rede social, como o Reels e geolocalização.

Soundcloud

A criação de um podcast (Fig. 4) também teve como objetivo expandir a disciplina para outro ambiente. Assim, foi proposto aos alunos que saíssem – por um tempo de 40 minutos – não apenas da plataforma Meet, mas de suas próprias casas ou, pelo menos, da frente do computador, e passassem a utilizar só seus fones de ouvido para a continuidade da aula: em um passeio, nas compras, tomando banho ou lavando a louça. O podcast ficou disponível

¹⁰ "Composto por mais de 200 horas de depoimentos de personagens da 'comunidade ecana', o projeto Memórias Ecanas também promove o resgate emocional de lembranças e da história da ECA". Ver: <https://www5.usp.br/tag/memorias-ecanas/>

¹¹ Ver: <https://www.eca.usp.br/ead>

na plataforma SoundCloud¹² e o link foi disponibilizado para os alunos via WhattsApp.

Figura 4 - Convite para o podcast



Fonte: a autora (2022)

Para a realização do podcast foi convidada a Prof^a. Dr^a Fernanda Castilho Santana¹³, também docente no programa, para uma conversa informal sobre metodologia transmídia. Os principais assuntos abordados foram: a importância de um planejamento global que possibilite que uma ideia se transforme em um projeto interessante e abrangente de produto transmídia; a atenção que se deve dar aos polos da produção e da recepção – plenamente conectados e inter-relacionados quando se trata de transmídia; pesquisa e investimento em produtos adequados às necessidades do mercado; quem é sua audiência, o que quer e em que ambientes está conectada; conceitos de agência, imersão, interatividade e participação; e o mundo dos fãs; entre outros.

Em termos técnicos, o encontro foi realizado e gravado, com antecedência, via Meet. Posteriormente, o material audiovisual (mp4) foi convertido em áudio (mp3)¹⁴ e, então, publicado na plataforma SoundCloud. Este tipo de ação permite que se discuta com os alunos tanto sobre técnicas e métodos necessários para a criação e realização desse produto, quanto sobre questões metodológicas per se, abordadas no próprio conteúdo do podcast.

¹² "SoundCloud é a maior plataforma de áudio aberta do mundo, alimentada por uma comunidade conectada de criadores, ouvintes e curadores". Disponível em: <https://soundcloud.com/>

¹³ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930826232431610>

¹⁴ Conversão realizada por meio do software de edição Adobe Premiere.

YouTube

Além do vídeo do YouTube disponibilizado no Instagram mencionado anteriormente, também se utilizou da plataforma para compartilhar uma aula do escritor e roteirista Jorge Furtado, intitulada “Roteiro: do começo ao fim, passando pelo meio”.

Optou-se por abordar a questão da roteirização do produto audiovisual por duas razões: a primeira diz respeito a um desejo explícito dos alunos de realizar um produto audiovisual como “nave mãe” de seu projeto transmídia; e a segunda refere-se ao paralelo que existe entre a criação de um projeto transmídia e a experiência de criação de um roteiro. Por analogia, assim como em um percurso metodológico, o roteiro direciona a produção; esquematiza as cenas; organiza a ordem dos diálogos; determina letterings e legendas; indica movimentos de câmera; direciona e estimula os atores; coordena todos os profissionais envolvidos; e garante uma ordem lógica, com início, meio e fim.

Considerações finais

Na concepção de um projeto transmídia deve-se ter em mente que nem tudo o que foi planejado pode ser realizado. No caso desta disciplina, apesar do desejo de implementar uma ação gerada por inteligência artificial, no caso, uma atividade interativa criada no software Mentimeter¹⁵, não houve tempo hábil para sua criação e desenvolvimento. Mas, conforme sublinhado acima, todo projeto é o próprio trabalho em desenvolvimento, e, se houver uma próxima oportunidade, tal atividade será implantada, evidenciando esse sentido de continuidade.

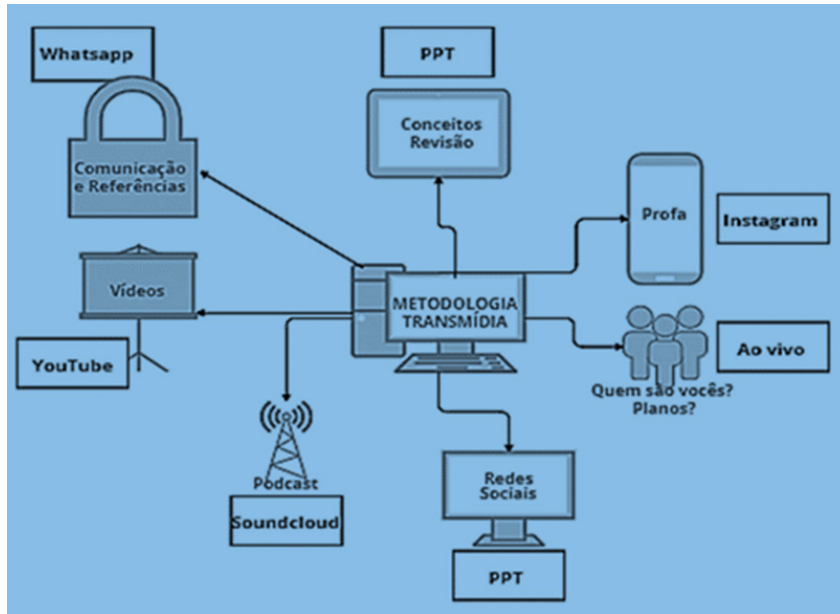
O estímulo e apoio para a criação e desenvolvimento de uma aula transmídia para a disciplina Metodologia de Produção Transmídia da EAM-UFS-Car representou uma oportunidade de, mesmo com certo teor experimental, obter resultados pertinentes, sobretudo em termos de discussões com os alunos quanto a seus próprios projetos e, principalmente, quanto à compreensão da necessidade de apresentação de projetos mais densos, robustos e apropriados no decorrer do curso – sendo este um fator imprescindível para suas atividades no mercado de trabalho. Mercado que, talvez, nem utilize

¹⁵ Ver: <https://www.mentimeter.com/pt-BR>

mais o termo transmídia pois que tais atividades são parte inerente de uma atuação eficaz e sintonizada com as possibilidades midiáticas da atualidade, muitas ao alcance de todos.

Encerramos partilhando um diagrama (Fig. 5) que resume o conteúdo da disciplina em termos visuais, para melhor compreensão da dinâmica aplicada e do conteúdo planejado como um todo.

Figura 5 - Conteúdo transmídia da disciplina



Fonte: a autora (2022)

Entendemos como relevante o compartilhamento de tal experiência didática, principalmente em termos de procedimentos técnicos, pois estes podem estimular aqueles professores que desejem realizar atividades semelhantes em suas aulas. Também entendemos que o relato pode colaborar com o desenvolvimento da bagagem teórica e metodológica dos próprios estudantes - que estão em busca de amplificar suas competências - tanto para imaginar e criar projetos interessantes, quanto para desenvolver e propagar conteúdo transmídia atraente.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1: A era da informação: Economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo, Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

JENKINS, Henry. Transmedia Storytelling 101. **Site. Confessions of an Aca-Fan**, 2007. Disponível em: http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia_storytelling_101.html. Acesso em setembro de 2022.

JENKINS, Henry. Quentin Tarantino's Star Wars?: Digital Cinema, Media Convergence, and Participatory Culture. **Site. MIT.EDU** - Publications Henry Jenkins. s/d; n.p. Disponível em: <http://web.mit.edu/~21fms/People/henry3/starwars.html>. Acesso em setembro de 2022.

LEMOS, Ligia Prezia. **O autor-roteirista e a ficção televisiva brasileira na era transmídia**. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo: Editora 34, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **O essencial da didática e o trabalho de professor: em busca de novos caminhos**. Goiânia: PUC-GO, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; RAY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo, SENAC, 2004.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. Reflexões teóricas e metodológicas sobre as narrativas transmídia. **Lumina**. Vol.8, nº1, junho 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21123/11484>. Acesso em setembro de 2022.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

VIEIRA, Júlia A. Almeida. A psicologia da criação no gênio lírico em O Nascimento da Tragédia. **Contextura**. UFMG, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/3846/pdf>. Acesso em setembro de 2022.

O USO DO
QUESTIONÁRIO COMO
INSTRUMENTO DE
DIVULGAÇÃO DA IMAGEM
INSTITUCIONAL DO BLH-
UFMA

Melissa Silva Moreira Rabêlo

Considerações iniciais

O presente artigo propõe apresentar a utilização do questionário como instrumento de pesquisa, reflexão e de fortalecimento de imagem institucional do Banco de Leite Humano do Hospital Universitário da Universidade Federal - BLH/HUUFMA.

O Banco de Leite Humano da Unidade Materno Infantil do Hospital Universitário da UFMA, localizado na Rua dos Prazeres, em São Luís - MA, foi criado no ano de 1999, somente um ano após a criação da Rede de Bancos de Leite no Brasil pelo Ministério da Saúde e pela Fundação Oswaldo Cruz. O HUUFMA possui o propósito de “Educar e cuidar para transformar vidas” e, para isso, apresenta uma proposta de ensino de qualidade, pesquisa, extensão e inovação tecnológica para que, além de formar profissionais de excelência, possa oferecer aos usuários do SUS atendimento de alta complexidade.

Apresenta-se aqui uma etapa do projeto de extensão iniciado em 2018 e interrompida em 2020 em virtude da pandemia mundial da Covid-19, denominado “Campanha de Comunicação Institucional para a promoção do aleitamento materno no Banco de Leite Humano do Hospital Materno Infantil - UFMA”. As ações constantemente planejadas e executadas ao longo desse período, proporcionaram diversas intervenções metodológicas, capazes de orientar todas as ações propostas ao longo do projeto de extensão.

No entanto, para este artigo propõe-se apresentar a mais recente, realizada em novembro de 2020, através de aplicação de questionários estruturados junto ao público externo do setor, capazes de orientar a equipe quanto ao cenário posto e quanto às ações adequadas a serem desenvolvidas.

O campo de estudo: o BLH-HU/UFMA

É relevante nesse momento, apresentar o campo de estudo no qual desenvolve-se o caminho metodológico aqui proposto. Para isso, torna-se necessário compreender a trajetória de formação dos bancos de leite humano no Brasil e no Maranhão, com um pequeno resgate histórico sobre o serviço.

As campanhas e ações de incentivo à doação de leite humano representam parte importante das políticas públicas em saúde que colocam o Brasil como referência internacional no assunto. Devido ao amplo alcance e à complexidade do funcionamento da Rede de Bancos de Leite Humano do Brasil-rBLH, em 2001, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a reconheceu

como iniciativa que mais reduziu o índice de mortalidade infantil no mundo (GOVERNO DO BRASIL, 2020).

A rBLH é a primeira rede temática do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro; maior e mais complexa Rede de Bancos de Leite Humano do mundo; núcleo da Rede Global de Bancos de Leite Humano; e sede das Redes Regionais, da Iberoamericana, da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), do Mercosul e do BRICS (Série Documentos - rBLH em Dados, 2020).

Configura-se como ação estratégica da Política Nacional de Aleitamento Materno, regida pela Portaria nº 2 193, de 14 de setembro de 2006, e está sediada na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Em números, apresenta:

224 bancos de leite humano (BLH) distribuídos em todos os estados do território nacional, alguns com coleta domiciliar, e 214 postos de coleta de leite humano (PCLH).

Fonte: <https://rblh.fiocruz.br/rblhbrasil>

O Banco de Leite Instituto Fernandes Figueira foi a primeira unidade de funcionamento da rBLH. A instituição surgiu com o objetivo de prestar assistência em situações em que os suplementos alimentares para bebês não apresentavam respostas satisfatórias, a exemplo de casos de prematuridade. Com o aumento da procura, surgiu a necessidade de ampliar o programa e, conseqüentemente, inserir a coleta de leite.

No começo da década de 1980, foi implantado o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (ALMEIDA, s.d). Com ele, vieram movimentos sociais de estímulo à amamentação e a necessidade de estruturar uma quantidade de Bancos de Leites para dar conta do público-alvo que precisava de assistência. Mas, por outro lado, o aumento do número de BLHs foi permeado de problemas relacionados à qualidade de operacionalização e à biossegurança. Portanto, a ação de coletar leite tornou-se um risco à saúde; seus resultados não eram promissores e, o próximo passo para restabelecer esse serviço se deu com a normalização dos procedimentos, que assegurou rigores técnicos e controle de qualidade ao funcionamento dos bancos de leite.

Nesse contexto, a estrutura que o Banco de Leite Fernandes Figueira tem atualmente foi resultado de incentivos tecnológicos como solução para

melhorar ou solucionar os problemas do mais antigo BLH do Brasil. A sua desconstrução o levou a se tornar posto de referência em qualidade e aprimoramento tecnológico, fomentando o surgimento de outros bancos de leite no Brasil.

Esse histórico de desenvolvimento do Instituto Fernandes Figueira garantiu o papel estratégico da rBLH na coleta e distribuição do leite materno, com qualidade certificada e transformação de problemas operacionais em novas possibilidades de avanço tecnológico. Como ferramenta para alcançar sua missão, a rBLH utiliza a mobilização social e estrutura suas ações e projetos em torno de duas datas principais: “Dia Mundial de Doação de Leite Humano” (19 de maio) e “Semana Mundial da Amamentação” (que acontece na primeira semana de agosto).

O Banco de Leite Humano no Maranhão existe em quatro, dos duzentos e dezessete municípios que compõem o estado, localizados nas cidades de Caxias, Imperatriz, Pinheiro e na capital, São Luís, totalizando 5 BLH’s e 1 posto de coleta. Na cidade de Caxias, começou a funcionar no ano de 2005 no Hospital Municipal Materno Infantil, mas só possui relatório de produção a partir de 2006, e esse BLH tem como ponto de coleta de leite humano, a Maternidade Carmosina Coutinho; o BLH no Hospital Municipal Materno Infantil Sinhá Castelo é o de Imperatriz, no Hospital Regional Materno Infantil, implantado em 2001, entretanto, há registro de produção apenas a partir de 2006. O último relatório, relativo a setembro de 2022 revela estabilidade nos índices de atendimento individual e visita domiciliar em relação ao ano de 2021; e em São Luís, existem dois BLH’s e um posto de coleta, sendo um BLH no Hospital e Maternidade Marly Sarney, Maternidade de Alta Complexidade, e está em funcionamento desde 1988, sendo este, o primeiro no estado e o posto de coleta no Hospital Juvêncio Matos. Apesar de ter tido seus serviços interrompidos durante muitos anos e retomados recentemente, esse BLH é reconhecido pela Rede Global de Banco de Leite do Brasil como referência no Maranhão; e o outro banco de leite humano da capital é o do Hospital Universitário da UFMA - Unidade Materno Infantil, que foi implantado em dezembro de 1999 (em funcionamento desde então), e, através do portal Rede Brasileira de Banco de Leite Humano, podemos encontrar relatórios de produção desde o ano 2006 até agosto de 2022. Durante o ano de 2021, por exemplo, a coleta de leite humano foi de 1.106,6L, e até o momento deste

levantamento, de acordo com os dados disponibilizados no portal que são até agosto de 2022, foram 582L.

Ao analisarmos os dados encontrados nos registros dos relatórios, podemos observar uma estabilidade na coleta do leite ao longo de todos os anos, tendo um aumento significativo nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro. Podemos interpretar esse aumento como um resultado da Campanha Agosto Dourado, que tem o objetivo incentivar a doação do leite materno em todo país, desde 1991.

Procedimentos adotados

Como pode ser observado, os bancos de leite humano desenvolvem importante e essencial serviço de saúde pública no Brasil e no Maranhão, o que pode ser reflexo de uma sociedade mais saudável, acarretando menores investimentos em tratamentos de doenças pelo poder público, devido ao trabalho preventivo realizado pelos BLH's.

Assim, para desenvolver o planejamento da comunicação institucional do BLH-HU/UFMA, tornou-se fundamental conhecer a percepção da imagem que seus públicos estratégicos tinham sobre ele. Segundo Torquato (2003, p. 163),

por imagem, deve-se entender aquilo que a empresa deseja projetar. Diferencia-se, portanto, da identidade. Identidade é o caráter, o conceito básico, a personalidade da organização. A imagem é a extensão (a sombra) dessa identidade.

É possível compreender que a imagem também está correlacionada ao conhecimento, por parte de seus públicos, dos serviços prestados pelo BLH, assim como os reflexos e consequências à saúde pública, em virtude das vantagens e benefícios do aleitamento materno, principal enfoque do setor, disseminados através de diversas ações e campanhas comunicacionais, tanto nacionais, quanto locais.

Sabe-se que "a primeira fase da pesquisa empírica é constituída por operações de caráter totalmente teórica feitas sempre em função do fenômeno de comunicação que se quer investigar" (LOPES, 2003, pág. 137). Dessa forma, compreender se os públicos de interesse do BLH- HU/UFMA sabem os propósitos da organização, através da imagem percebida pelos mesmos, orientou nossa jornada metodológica aqui apresentada. Para Kenneth Bou-

ding em seu livro *The Image* de 1956,

imagem está definida como o todo de todas as percepções sensoriais e da inter-relação de pensamento associado com uma entidade antes de uma individual. Uma imagem é uma abstração, uma simplificação de realidade pelo indivíduo de forma que ele pode pensar na totalidade da entidade em questão (BOUDING, *apud* ENIS, 1967, p. 51).

Assim, seguindo as fases metodológicas apontadas por Lopes (2003), após definido o objeto, seguimos para a fase da observação, quando as técnicas de investigação foram definidas, compreendendo que o trabalho empírico necessita de um tratamento reflexivo das evidências observadas, através de técnicas de pesquisa adequadas.

A pesquisa abrangeu diversos públicos de interesse do BLH-HU/UFMA, dentre eles o público interno (funcionários e colaboradores diretos), público misto (doadoras fixas registradas na lista fornecida pelo setor à época e apoiadores) e o público externo (comunidade em geral). Este último, relatado neste artigo, foi composto por mães lactantes que nunca foram usuárias dos serviços do BLH, mães não-lactantes, homens, mulheres sem filhos e sociedade em geral, escolhidos de forma aleatória entre amigos, familiares e conhecidos dos integrantes da equipe de execução da pesquisa, das mais variadas profissões, faixas etárias, classe econômica, poder aquisitivo, nível educacional etc. A pesquisa foi aplicada em novembro de 2020 e, em 04 dias, obteve-se retorno de 85 participantes, podendo, em algumas perguntas, haver uma variação na quantidade de respostas. O objetivo era saber o quanto a pessoa conhecia o Banco de Leite Humano do HUUFMA e as questões que envolvem a causa do aleitamento materno.

Assim, optou-se pela pesquisa quali-quantitativa, através da elaboração de um questionário estruturado como fonte de informação para o pesquisado também, subdividido em 04 eixos: 01) Identificação, 02) Sobre o BLH-UFMA, 03) A causa e outros aspectos e 4) A Comunicação do BLH-UFMA. A opção por essa estrutura se deu para facilitar o agrupamento de questões comuns e, também, facilitar o entendimento por parte dos pesquisados, totalizando 18 perguntas.

Vale ressaltar que, em virtude do distanciamento social durante o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário adotar o formulário Google, no qual

o questionário era enviado via aplicativo de mensagens de forma online, não permitindo contato presencial entre pesquisadores e os participantes. Apesar de termos sido “obrigados” a adotar tal estratégia, é importante considerar que as abordagens tradicionais de coleta de informações, como entrevistas presenciais, telefone e questionários impressos, nem sempre conseguem gerar um retorno rápido e com menores custos, além de não acompanharem a tendência tecnológica e dinâmica da atualidade.

Dessa forma, cada eixo continha quantidades diferentes de perguntas, não ultrapassando 05. Também foi observado o total de perguntas no questionário para que não se tornasse cansativo para os pesquisados, mesclando perguntas abertas e fechadas (múltipla-escolha).

Assim, tem-se no eixo 01 perguntas abertas e fechadas relacionadas à faixa etária, nível de escolaridade, profissão e estado civil. No eixo 02, perguntas fechadas relacionadas ao entendimento dos participantes sobre a exclusividade do aleitamento materno na dieta do bebê, sobre o conhecimento das ações de comunicação promovidas pelo BLH-UFMA, sobre a disponibilidade em ser doadora para as mães lactantes, o que impediu de não ser doadora e se já haviam contribuído de outra forma para BLH-UFMA. No eixo 03, as questões estavam relacionadas à percepção dos participantes entre as influências dos aspectos sociais, culturais e econômicos e o aleitamento materno, se conheciam a relação entre o meio ambiente, os aspectos trabalhistas e a proteção social equânime de mães e pais em licenças remuneradas e o aleitamento materno e, ainda, sobre o entendimento/percepção acerca da amamentação em local público. Por fim, através de perguntas abertas, o eixo 04 abordava se conheciam o BLH-UFMA, como conheciam e sugestões de como tornar o BLH-UFMA mais conhecido.

Questionário: mais que um instrumento metodológico

Sabe-se da fragilidade e, até mesmo, dos erros amostrais e não-amostrais que envolvem a aplicação de questionários, desde questionários de dados mal elaborados, com questões tendenciosas ou dúbias, até a escolha e/ou o uso incorreto de escalas de medição. No entanto, o mesmo se apresenta como instrumento importante para a pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. Parasuraman (1991) afirma que construir questionários não é uma tarefa fácil e que aplicar tempo e esforço adequados para a construção

do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável.

O questionário então foi elaborado levando em consideração os objetivos pretendidos com a pesquisa, considerando todas as técnicas indicadas, assim como uma forma de apresentar para os pesquisados questões que envolviam o aleitamento materno e o ambiente social, mas que não eram frequentemente relacionadas. Fez-se com que os mesmos se questionassem acerca de assuntos importantes como questões ambientais, trabalhistas e econômicas e sua relação com o banco de leite humano. A intenção na elaboração das perguntas perpassava, também, pelo despertar de cada pesquisado acerca daqueles assuntos, o que poderia não ter sido percebido antes. Assim, esse instrumento de pesquisa tornou-se também instrumento de reflexão e conhecimento, pois promoveu para aquele grupo de pesquisados o entendimento de algo que antes não era facilmente reconhecido nas ações de comunicação dos bancos de leite humano e, até mesmo, na comunicação em saúde pública de uma maneira geral. Vale ressaltar que para a elaboração do questionário, foi necessária ampla pesquisa bibliográfica e documental sobre os propósitos dos BLH's no Brasil, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS's) da Organização Mundial da Saúde (OMS), as diretrizes do Ministério da Saúde relacionados à questão do aleitamento materno e, sobre, a realidade local, especificamente do BLH-HU/UFMA.

O grupo de participantes dessa pesquisa torna-se, portanto, potencial divulgador/questionador dos problemas e questões relacionadas entre o meio ambiente e o aleitamento materno, por exemplo, quando é perguntado no Eixo 03, pergunta 11: *A amamentação pode afetar diretamente o meio ambiente quando pautamos a produção, armazenamento e distribuição de produtos que viabilizam métodos de aleitamento não naturais, como fórmulas, papinhas, mamadeiras, bicos etc. Sobre a relação entre a amamentação e meio ambiente, eu:*

Com perguntas como essa, o pesquisador provoca o participante a questionar o seu papel diante daquele cenário e de que forma atua ou pode atuar para sua mudança. Essa provocação segue quando se colocam opções de respostas como:

() *Nunca pensei a respeito dos impactos negativos causados ao meio-ambiente por consequência dos métodos de amamentação alternativos ao leite materno.*

- () *Mesmo sabendo a respeito dos impactos negativos, não consigo pensar em modos sustentáveis e acessíveis para mudar a situação.*
- () *Reconheço os impactos ambientais mas acredito que seja o preço a se pagar para assegurar que o bebê seja bem alimentado e nutrido.*
- () *Reconheço os impactos ambientais e por isso acredito que o leite materno seja a opção mais sustentável.*

Seguindo esse modelo, questões relacionadas à economia e aleitamento materno, também são expostas na pesquisa. Assim temos, ainda no eixo 03, pergunta 12: A interrupção da amamentação custa diariamente quase R\$ 3,76 bilhões à economia mundial. Isto porque a falta de acesso à serviços de saúde e a desigualdade de gênero, dentre outros fatores, resultam na queda da produtividade das mães lactantes em seus ambientes de trabalho e em altos custos com a saúde do bebê (resultado da falta de nutrientes encontrados no leite materno) e da mulher. Você alguma vez já considerou o impacto econômico mundial e familiar causado pela falta do leite materno na alimentação do bebê?

Assim, o participante, independentemente de ser lactante, mulher ou mãe, passa a ter informações consistentes quanto ao impacto econômico causado pela interrupção do aleitamento materno e os impactos ambientais, através de dados consistentes. Diante do exposto, o mesmo é chamado para refletir sobre sua atuação diante do problema:

- () *Sim, tenho consciência de que a interrupção da amamentação pode acarretar em futuros problemas de saúde e na queda da produtividade de mães lactantes, gerando gastos a família e ao estado.*
- () *Sim, porém nunca imaginei que a dimensão do impacto financeiro causado pela interrupção da amamentação teria tamanha proporção.*
- () *Não, nunca tive acesso a esse tipo de informação, logo não sabia a respeito dos impactos econômicos gerados através da interrupção da amamentação.*

No eixo 02, que aborda questões relacionadas aos serviços do banco de leite humano propriamente dito, na questão 06, chama-se atenção para o leite materno como alimento fundamental para os bebês, com essa pergunta: O aleitamento materno é a alimentação ideal para todas as crianças. Devido a sua composição de nutrientes é considerado um alimento completo e de fácil

digestão para garantir o crescimento e desenvolvimento saudável do bebê. A respeito da amamentação do bebê, você considera que:

Assim, através desse enunciado já é posto aos participantes que o leite materno é muito importante para a vida dos bebês, o que fortalece para o grupo o principal serviço prestado pelos BLH's, a conscientização sobre a importância de amamentar os bebês com leite materno, evitando, quando possível, as fórmulas industrializadas. Mais uma vez, o pesquisado é chamado a refletir sobre o que pensa nessa situação:

- () Se possível, o leite materno deve ser a única fonte de alimentação do bebê até os seis meses.
- () Mesmo havendo leite materno disponível, pode-se alternar a alimentação do bebê entre o leite da mãe e fórmulas prescritas.
- () Acho que o leite materno não faz diferença na alimentação do bebê, podendo facilmente ser substituído por fórmulas e papinhas artificiais.

Seguindo essa compreensão de que o questionário poderia atuar também como instrumento de conscientização sobre as questões relacionadas ao BLH Hu-UFMA, algumas outras perguntas se estruturaram dessa forma, mescladas com perguntas mais objetivas e curtas, como no eixo 01, de identificação:

Faixa etária:

- () Entre 15 e 20 anos
- () Entre 20 e 30 anos
- () Mais de 30 anos

Considerações finais

Conforme o exposto, pode-se observar que é possível que o questionário, além de cumprir com a função de fazer uma coleta de dados/informação acerca de determinada realidade, pode ser um instrumento capaz de causar reflexão, informar, provocar o pesquisado e, ainda, ser um ponto de contato da comunicação institucional de uma determinada organização com os seus públicos estratégicos. Esse torna-se espaço de transformação de si e de novas experimentações tanto do pesquisador, quanto do pesquisado.

Gatti (2002) destaca que o conhecimento oriundo das reflexões e pesquisas científicas se socializa em um determinado tempo histórico construí-

do nas relações sociais concretas, o que seleciona aspectos dessa produção no seu processo de disseminação, apropriação e consolidação. Contudo, as relações sociais são permeadas por diversos vínculos, instrumentos, percepções, etc, construídas através de contatos com os outros e com as coisas.

O questionário aplicado nesta pesquisa obteve recortes da realidade concreta, assim como proporcionou algo além disso. Estabeleceu vínculos entre o banco de leite humano da UFMA e o público em geral através da exposição de sua causa e as relações que a mesma estabelece com o campo social. As questões de múltipla escolha podem, sim, apresentar apenas um recorte dessa realidade, porém já suficientes para iniciar a reflexão. Assim, ao discorrer sobre a genealogia do poder em Foucault, Ventura (2012, página) lembra-nos que o “sujeito não é constituinte da verdade, mas, pelo contrário, é sempre constituído por ela, como um efeito das relações de poder-saber que engendram discursos verdadeiros a respeito de si”.

O BLH, um setor do hospital universitário da UFMA que promove saúde através da prática do aleitamento materno, desenvolvendo uma série de ações junto à comunidade e às mães pacientes da unidade Materno Infantil, teve na proposta relatada aqui, a possibilidade de ampliar o conhecimento, promover o debate sobre essa causa e fortalecer sua imagem institucional junto a mães não pacientes, famílias, homens e mulheres através da pesquisa realizada. Dessa forma, o questionário passou a ser elemento de interação, com potencial de conscientização, junto aos pesquisados, colaborando significativamente com a causa do aleitamento materno.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Ana Carolina Petrolini et al. **A Vivência da Amamentação em “Mães de Primeira Viagem”**. In: Mudanças- Psicologia da saúde. Acesso em: 03 de novembro 2020.

Brasil é referência em doação de leite materno. GOVERNO DO BRASIL, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-e-referencia-em-doacao-de-leite-materno>. Acesso em: 03 de novembro de 2020.

ENIS, B. M. **An analytical approach to the concept of image: a three-dimensional model encompasses image characteristics of any entity and thus can be applied to the study of all images**. California Management Review, [S.l.], Summer, p. 52-58, 1967.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

NETO, Corintio Mariani. **Importância do Agosto Dourado**. Revista FEMINA (Publicação Oficial da Federação Brasileira de Associações de Ginecologia e Obstetícia. Volume 47, nº 8, 2019. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/Vol.Z47ZnZ8Z-Z2019Z-ZAgostoZDourado.pdf>. Acesso em: 03 de novembro 2020.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

RBLH, 2020. Disponível em: <http://www.redeblh.fiocruz.br>. Acesso em: 03 de novembro de 2020.

VENTURA, Rodrigo. **A psicanálise e o cuidado de si: entre a sujeição e a liberdade**. Rio de Janeiro. V.3, n-2, julho-dezembro, 2012.

POÉTICA DO AGIR

Visualidades do microespaço*

Patrícia Azambuja

* Versão atualizada do artigo *Memórias do microespaço*, publicado em 2020 na Revista LOGOS, 55 VOL 27 N 03, PPGCOM UERJ. Disponível no link: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/54408>

Os sujeitos, antes de tudo, conformações complexas instituídas especialmente por meio de vínculos sociais e humanos, também têm em suas mãos e mentes o potencial de fazer - o potencial de devanear em torno do agir. Devaneio como poesia e constructo de sentidos para suas próprias vidas. E como método onírico, o filósofo Gaston Bachelard (1997, p. 2/3) propõe a imaginação criadora, isto é, a capacidade de imaginar matéria para além da visualização das formas, condicionada desse modo às causas sentidas pelo coração. O criar a partir da matéria pondera que "forças imaginantes escavam o fundo do ser [e dão vida às] imagens diretas da matéria", por vezes ocultadas, mas sempre presentes "na própria raiz da força imaginante".

Este ensaio sobre o fazer poético, desenvolvido a partir de um ensaio visual publicado em 2020, busca agir por meio das inflexões apreendidas em meio à complexidade de nossas relações materiais com o espaço, como exercício subversivo e delirante para imagens estabelecidas. Propõe ações imagéticas deliberadamente infinitas, como um "esquema dos sonhos indefinidos" (BACHELARD, 1997, p.118). Apesar do ensaio não ter sido organizado com o intuito de ser racionalmente compreendido, contudo sentido por seus delírios, ele tem início a partir de algumas questões cara ao campo da estética e, que hoje, passam a ser fundamentais para o entedimento da complexidade dos processos comunicacionais.

Será que posso diferenciar aquilo que vejo daquilo que está à minha frente, a me ver? O filósofo e historiador da arte, Georges Didi-Huberman (2013, p.10), afirma como movimento fundamental "interrogar o tom de certeza", as supostas garantias atravessadas pela ideia de representações transparentes do mundo ou das verdades incontestáveis. Na relação entre filosofia e imagem são muitas as possibilidades de encontro, em especial, os vínculos entre ética e estética. A extensa obra do filósofo nos provoca a olhar para além da mera iconologia, permitindo à imagem dialética da historiografia anacrônica benjaminiana o resgate de "uma memória cultural e histórica involuntária" (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.22).

O autor convoca à percepção de uma teoria da arte, epistemológica e metodologicamente fundamentada, capaz de utilizar instrumentos de investigação pautados na falsa homogeneidade cultural. Abrir os olhos para experimentar o que não vemos, "ou melhor, para experimentar que o que não vemos com toda a evidência (a evidência visível) não obstante nos olha como

uma obra (uma obra visual)" (*ibidem*, p.34). Logo, a confortável experiência da familiaridade que enseja o **ter** a posse de algo com alguma certeza pode transformar-se, inadvertidamente, numa sensação de falta. É dessa miríade paradoxal entre o visível/legível e a busca por outros paradigmas visuais que a metodologia didi-hubermaniana dispõe sua maior contribuição: o encontro entre o conhecimento da arte, as imagens e o sensível, em especial, quando na contemporaneidade soterramos nossa existência em imagens midiáticas de diferentes ordens, enquanto desacreditamos as próprias representações de nós mesmos. "Para formular a topologia inerente a sua filosofia do Sentido, Didi-Huberman propõe o entrelaçamento de três paradigmas: os do semiótico (o Sentido-*sema*), do estético (Sentido-*aisthèsis*) e do patético (Sentido-*pathos*)" (*ibidem*, p.12).

Pautado nestas proposições iniciais, pretende-se aqui um ensaio metodológico do **fazer**, ao sugerir a indagação pragmática do que vemos e, na mesma medida, do que nos olha. Busca-se portanto questionar a retórica das certezas e pressupor nas imagens dialética e aurática formulações possíveis para a imaginação. Didi-Huberman (2010, p.149) recupera os conceitos de Benjamin e do objeto aurático "cuja aparição desdobra, para além de sua própria visibilidade, o que devemos denominar suas imagens, suas imagens em constelações ou em nuvens, que se impõem a nós como outras tantas figuras associadas". Passamos a ver as imagens apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2012), apesar dos nossos desejos, das suas complexidades, do imaginável como tarefa infinita e suas inimagináveis possibilidades.

O que justificaria tal dissenso acadêmico? Filiação tácita ao que Manoel de Barros (2013) chamou de atingir o reino das imagens, da despalavra? Talvez! Não à toa a poesia se furte à precisão de sair em defesa de ideias próprias, levantar teses ou confirmá-las cientificamente. Sua utilidade habita na mediação das experiências mundanas por meio de materialidades concretas, como fotografar "um perfume de jasmim no beiral de um sobrado" (BARROS, 2013, p.9). De certo, estabelecer no "apesar de tudo" um modo de resistência insistente das muitas vidas e suas diversas memórias culturais. Em *Sobrevivência dos vagalumes* (análise da carta de Pier Paolo Pasolini, 1975), Didi-Huberman (2011, p.138) sistematiza sua filosofia do pensar imagens por meio de metáforas inventivas sobre resistências, sobrevivências, "testemunhos, mas também como profecias, previsões quanto à história política do devir":

Assim, a vida dos vaga-lumes parecerá estranha e inquietante, como se fosse feita da matéria sobrevivente - luminescente, mas pálida e fraca, muitas vezes esverdeada - dos fantasmas. Fogos enfraquecidos ou almas errantes. Não nos espantemos de que o voo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.13).

A estranha existência desses insetos luminescentes ou das borboletas noturnas (DIDI-HUBERMAN, 2015) remete-nos à experiência de povoar outras possibilidades intermitentes das imagens dialéticas, o que nos leva de volta aos vagalumes, pulsantes, passageiros, ágeis ou às borboletas da noite, cujos movimentos incertos são metáforas para o saber que se dilui ante a impossibilidade de significados inabaláveis. Ainda assim, se os significados aqui fizessem algum sentido: o que significaria tudo isso? A resposta habita sobretudo no pensar a respeito da medida das nossas escolhas, de como povoamos nossa imaginação ou preenchemos o mundo com nosso corpo político. O mesmo corpo que Vladimir Saflate (2019, p.15-9) vincula aos circuitos de afetos e aos regimes extensivos de implicação: “constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado, de ser sensivelmente afetado, de entrar em um regime sensível de *aisthesis*”. Perguntemos: como somos afetados pelo mundo e o que estamos enviando como resposta?

Por meio de carta a la Pasolini, confessa e íntima para mim mesma, exorcizo por meio de imagens as minhas dores e as minhas culpas. Inspirações que colonizam minha mente, por escolhas individuais mas também coletivas; em torno das quais justifico meus posicionamentos e decisões de vida. Apesar dos usos abusivos, do consumo desproporcional, Didi-Huberman (2012, p.52) assume que delegamos muito pouco às imagens, pois pedir-lhes toda a verdade nos leva certamente à decepção com os fragmentos arrancados, os pedaços peculiares, quase sempre inadequados, para nós. Para saber é preciso aprender a imaginar, ou imaginar-se em outra posição. A do outro. Aquele outro invisível e impróprio, a nos ver: uma difícil ética para as imagens.

Do que transcorre por exemplo uma “perspectiva colonial” do pensamento? Talvez seja invenção dos poetas, de quem se diz, segundo Manuel

de Barros (2013), que há na cabeça um parafuso a menos. Como posso ser povoada por conceitos outros, imagens outras, que não as minhas próprias, se sou eu pessoa convicta, livre e ciente das minhas próprias necessidades? Apesar de crer piamente na liberdade que afirmo ter, me pergunto: será que, como pondera Henri Bergson (2006), tenho minha autonomia garantida sem abrir mão dos meus sentimentos, do meu eu profundo, do puro movimento? Ou estou enredada, sem aviso, pelo eu ligado à vida prática, quantificável e bem planejada, àquela que reserva a mim um epílogo já escrito?

Acredito que as imagens que acumulo do mundo possuem poderes sobrenaturais sobre a minha existência, sobre minhas questões mais íntimas. Projeções imagéticas que dizem tudo sobre as superfícies que vislumbro, que ocupo, mas dizem mais sobre mim mesma. Posso ter domínio criativo sobre elas, como campos férteis e inventivos; contudo, observo, de quando em quando, que nada manifestam além de confirmações replicantes dos dias que se convertem em meses, e dos meses que se convertem em anos. Me pergunto incessantemente se minha memória expressa o tempo em movimento da minha própria vida, de lembranças intensas e emoções profundas; ou estagnei nas reminiscências que os outros criam acerca do infinito.

Um ***cartão postal*** convida-me à abstração de formas com muitas possibilidades representativas, na maioria das vezes, resumidas ao belo poster que convoca a conhecer um novo ponto turístico. Onde fica? Como chegar? O que comer? O que comprar? Quanto custa?

CARTÃO POSTAL FONTE. Acervo do fotógrafo Hipólito Cesar, dezembro/ 2019



A apatia por outros modos de conhecer o mundo muito provavelmente ocorre. Não sei bem explicar o porquê. Apenas sei que (de)limitar facilita minhas operações cognitivas, hoje demandadas à exaustão. Logo, passo a me questionar se o que fica de fora da equação experimentar-compreender poderia interessar; e se tenho participação ativa nessas operações que incluem e subtraem. Sendo o exercício da liberdade para mim valioso, tenho gosto em exercê-lo, ao invés de deixar-me levar por existências outras; considerando o preço alto que pagarei quando me descobri ser quem nunca desejei. Assim, aprendi lendo Walter Mignolo (2011, p.18) que **negação e opressão** são dois aspectos da lógica do colonialismo. Quando sou levada a subtrair - por sobrecarga ou qualquer outro motivo -, limito minha capacidade de aprendizagem a uma fração restritiva de possibilidades, assim passo a negar e oprimir muitas outras existências, igualmente possíveis e ricas. Tal descoberta me obriga a constatar como relações coloniais operam lógicas desiguais de poder, por ser a assimetria fator essencial para manutenção dessas operações.

Alguns comportamentos não consigo negociar com facilidade, exemplo: a opressão é conduta eticamente reprovável. Mas quando me percebo preenchida por existências que nada acrescentam à minha, ou por realidades que limitam o mundo a um coletivo uniforme e homogêneo, sou provocada a desprogramar meus modos de pensar. A decolonialidade exige muito esforço, admito! Nem sempre tenho ânimo. Mas sinto que preciso me pôr a sentir e saber outras coisas, me pôr em movimento, em um planeta movente.

**Nada parece mais relevante
nesses tempos conturbados que vencer
o medo do oculto e flexibilizar com
amorosidade as formas de pensamento.**

Se o que vemos e o que nos olha são coisas distintas, George Didi-Huberman (2010) complementa - a despeito de fabricar-se objetos despidos de todo ilusionismo espacial, que não mintam ou ocultem suas intenções - o quanto cabe menos ao objeto afirmar verdades, e mais ao seu interlocutor comportar-se como alguém que busca de fato descobrir algo novo.

As paisagens nem sempre têm poder de dizer mais sobre os lugares, já os espaços podem dizer muito sobre si. Do deserto de 156 mil hectares de área, coberto por dunas de areias, da areia escaldante ou arrefecida pela água, da **fonte de vitalidade** que também se dá pela resistência dos seres

FONTE DE VITALIDADE FONTE: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/2020



OCULTOS? FONTE: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020



SUBJUGADOS INVISÍVEIS FONTE: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020



que não reconheço, ***os ocultos, os monstros*** - preciso internalizar que deles sou dependente, mesmo não me dando conta disso.

Como a observação do microespaço tem o poder de promover descobertas? O encanto das raízes retorcidas, por exemplo, não está apenas no que reconheço por meio do meu repertório de significados, mas no que inadvertidamente me permito abarcar, quando o “olhar decolonial” das imagens me convoca a experimentar em termos de existências outras.

São muitas as leituras inclusivas, subversivas, políticas que me possibilitam sobreviver a esse mundo - que de tão descomunal, estranhamente, precisa ser convertido em casulo confortável e limitante. Donna Haraway (1999) narra, para quem tem disposição, sobre a “promessa dos monstros” e o exercício cartográfico de viajar por paisagens físicas e mentais - que passo ou não a considerar como sendo a natureza. Tanto raízes quanto outros seres orgânicos da paisagem não turística propõem um acordo reflexivo acerca das imagens que, algumas vezes, sobrepõem-se como espaços desconhecidos, considerados inadequados, por seu viés pouco específico. Assim, referimo-nos aos não-humanos (técnicos ou orgânicos), ou mesmo, a esse espaço semiótico chamado Terra, mas estranhamente também aos humanos - e isto choca! Os “outros inapropriados” de Haraway (1999) podem incitar-me a repensar a relação social da natureza artefactual - que para ela precisa ser um “artefactualismo reflexivo”, mais afeito à própria imaginação, complexo, ressignificante e responsável pela gestão do coletivo, como uma questão de sobrevivência existencial. Os simulacros que atravessam a minha vida extenuam. Por consequência, confirmar significados aparece como um ímpeto incontrolável. Em contrapartida, a coexistência através da diversidade assusta e me pergunto por que me sinto impelida a todo momento a remodelar comportamentos? Talvez, por isso extenuo e assusto. Ser ***monstruosidade inapropriada, invisível, subjugada*** ou simbiótica me faz querer ser independente, ***produtiva, reconhecível e bela***.

**Subjugar e ser subjugada,
impulsos de sobrevivência ao
medo, quando nada mais me
resta a não se compreender
que nada sou sozinha,
dependo desse coletivo,
complexo e estranho.**

**Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia
estava morta. Não se ouvia
um barulho, ninguém
passava entre as casas**

**[...]
Tinha um perfume de jasmim
no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume
(BARROS, 2000, p.9).**

No “reino da despalavra”, de Manuel de Barros (2001, p.21), o belo, útil e decifrável ramo se sobrepõe à rude subjugada matéria orgânica? Ou neste reino, “os poetas podem humanizar as águas [...] aumentar o mundo com suas metáforas [...] afetos” (*ibidem*, p.21) e, enfim, dominar instintos primitivos? Por essa medida, imagino-me a sentir uma imagem áspera atravessar meus dedos e ferir os significados que vinham em minha mente; da mesma forma, a atmosfera com o aroma de mato a invadir minhas narinas. “Fotografei

aquele vento de crinas soltas" (*ibidem*, p.25). Um mundo imaginado a partir de paisagens indecifráveis. Por vezes, imemoriais. Lugar onde formas produtivas podem ser úteis mesmo quando preservam a poesia do incomum. O artesanato extraído da estranheza monstruosa dos troncos e raízes está agora configurado em outras formas: **vidas mortas-sobreviventes** e de **subsistência humana que produz refugo**. Confuso [...] coexistir seres tão antagônicos: delicados ou ásperos, reconhecíveis ou estranhos, oportunos ou impróprios, produtivos ou indolentes, enfim, as interferências são efeitos vitais e mapas para a compreensão do mundo.

O meu "olhar colonial" reconhece sem esforço paisagens grandiloquentes dos discursos quantificáveis da natureza produtiva, aquelas que dizem tudo de imediato e, tantas outras, calam. A perspectiva "decolonial" das imagens desarranja meus padrões de reconhecimento, só assim me dou conta do esforço que depreendendo no intuito de assimilar múltiplos significados, quase sempre ocultados pelas superficialidades da vida prática.

MORTAS-SOBREVIVENTES FONTE: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020



REFUGO FONTE: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020



Como me sinto impactada por essa tentativa de reconhecer o desconhecível!

O que permanece daquilo que exploro, ou sobrevive daquilo que não vejo na paisagem turística? Coisas e não pessoas? Ou metáforas humanas das materialidades das existências perdidas no tempo? A superioridade do homem domina meu imaginário sobre a duração da matéria, humano que tudo vê, tudo controla ou produz. O que inevitavelmente apaga a imagem na natureza que vive, sobrevive, independente da civilização que a utiliza, consome e, a partir dela, subsiste.

Da passagem do tempo que me reduzirá à ***síntese do esquecimento***, ou das marcas que impactam a ***minha existência***, hoje não sou mais eu, reduzi-me àquilo que buscava descrever. Completamente inspirada pela cartografia de Donna Haraway (1999), que viaja por paisagens físicas e pelas estruturas mentais decorrentes delas, percebo-me considerando a necessidade de controvérsias, dos impróprios e da reflexão, como questões de sobrevivência e do já constantemente anunciado fim de tudo.





Os monstros habitam em mim.

Preciso conhecê-los para então conter seus ímpetos.

Assim, talvez agir em benefício do coletivo - que hoje reverbera através da minha existência.

Coletivos compostos de humanos, não humanos, de tecnologias e orgânicos, instituições e outras criaturas. A articulação desse universo não é uma questão simples. Haraway (1999) me diz ao pé do ouvido: apesar de a natureza não se expressar através da linguagem, é profundamente articulada. Podemos aprender com ela! Modos e conexões que podem ser feitas, talvez revivendo o mundo obsoleto, articulando coisas assustadoras, arriscadas e imprevistas.

Saber articular é existir de fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Manoel de. **Biblioteca Manoel de Barros** [coleção]: ensaios fotográficos. São Paulo: LeYa, 2013.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução de João da Silva. Lisboa: Edições 70, 1988.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, O que nos olha**. São Paulo, Editora 34, 2010.

_____. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

_____. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa, KKYM, 2012.

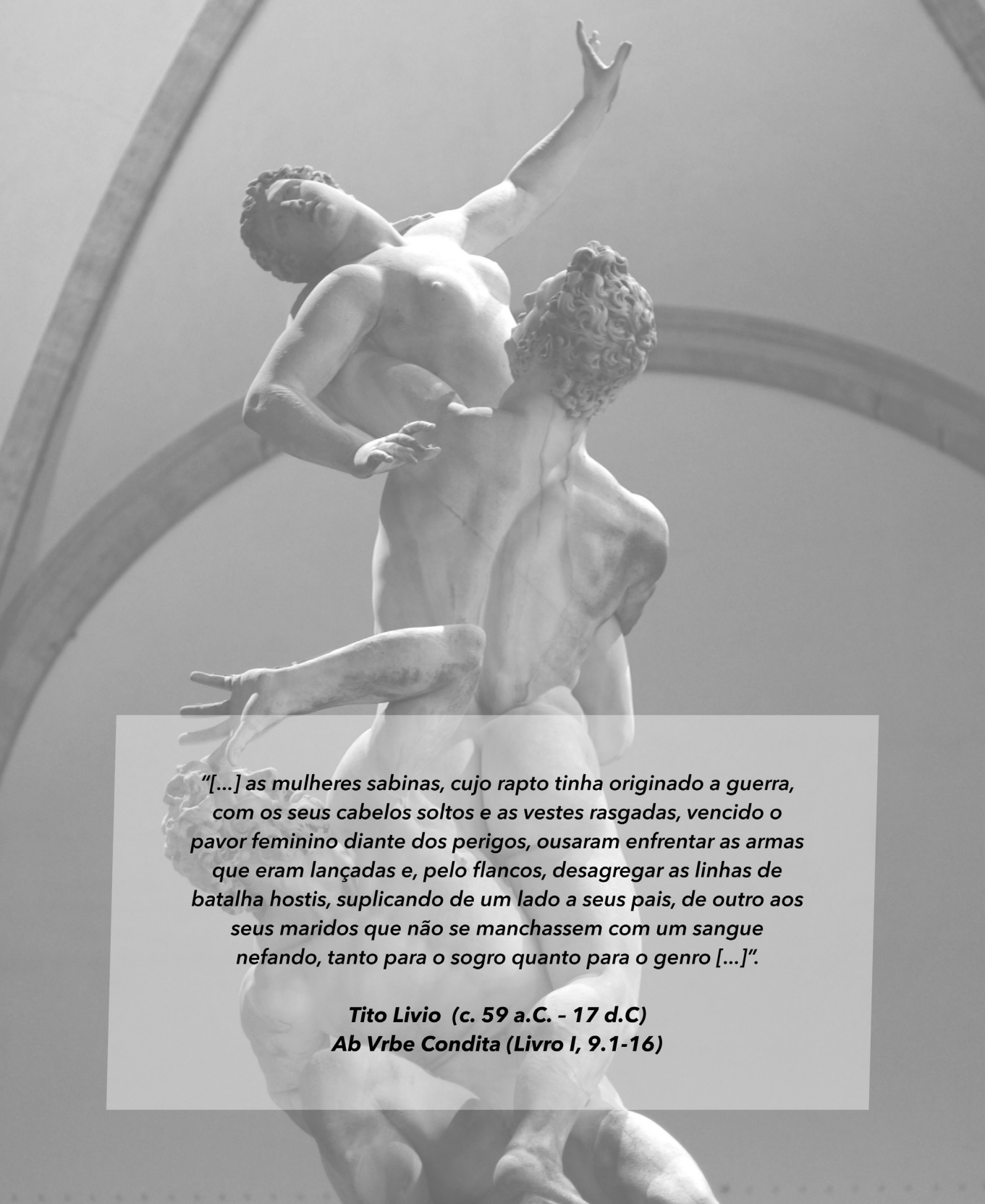
_____. **Diante da Imagem**: questões colocadas aos fins de uma história da arte. São Paulo, Editora 34, 2013.

_____. **Fapemas**: ensaios sobre a aparição. Lisboa, KKYM, 2015.

HARAWAY, Donna. **La promesa de los monstruos**. Una politica regeneradora para otros inapropiados/bles. In *Politica y Sociedad*, n.30, 1999.

MIGNOLO, Walter. "Aiesthesis Decolonial". **Calle 14**: Revista de Investigación en el Campo del Arte. v.4, n.4, 2011.

SAFLATE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

A black and white photograph of a marble sculpture depicting the Sabine Women. The sculpture shows three women in a state of distress, with their bodies contorted and arms raised in a gesture of pleading or supplication. The background features large, curved architectural elements, possibly part of a temple or a public building. The lighting is dramatic, highlighting the musculature and the texture of the marble.

"[...] as mulheres sabinas, cujo rapto tinha originado a guerra, com os seus cabelos soltos e as vestes rasgadas, vencido o pavor feminino diante dos perigos, ousaram enfrentar as armas que eram lançadas e, pelo flancos, desagregar as linhas de batalha hostis, suplicando de um lado a seus pais, de outro aos seus maridos que não se manchassem com um sangue nefando, tanto para o sogro quanto para o genro [...]"

Tito Livio (c. 59 a.C. - 17 d.C)
Ab Vrbe Condita (Livro I, 9.1-16)

SOBRE OS AUTORES

Caroline Govari é professora na Escola da Indústria Criativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestre e doutora em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, com estágio doutoral no *Department of Art History & Communication Studies da McGill University* (Canadá), realizado com bolsa do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior, da CAPES. E-mail: carolgovari@gmail.com.

Clarice Greco é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Co-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais (GRUPA). Email: claricegreco@gmail.com.

Ed Wilson Ferreira Araújo é professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e mestre em Educação pela UFMA. E-mail: ed.wilson@ufma.br.

Flávia de Almeida Moura é professora associada do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado Profissional) da UFMA, pós-doutora em Sociologia e Antropologia pela UFRJ, doutora em Comunicação pela PUC/RS e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: flavia.moura@ufma.br.

Larissa Leda F. Rocha é professora adjunta do Curso de Comunicação Social da UFMA, doutora em Comunicação Social pela PUC do Rio Grande do Sul (PUC RS) e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). É docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) e em Comunicação (PPGCOM), ambos da UFMA. Coordenadora do GP Ficção Televisiva Seriada da Intercom, da Divisão Temática Internacional Estudos de Televisão e Cinema do Ibercom e Coordenadora do ObEEC, Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação (CNPq/UFMA). E-mail: larissa.leda@ufma.br.

Letícia Conceição Martins Cardoso é professora adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Maranhão, doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. Coordena o grupo de pesquisa GECULT (Grupo de Estudos Culturais) com projetos financiados pela Fundação de Amparo à Pes-

quisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão e pelo SEBRAE-MA. E-mail: leticia.cardoso@ufma.br.

Ligia Prezia Lemos é doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, USP, com pós-doutorado pela mesma instituição. Vice Coordenadora do GP Ficção Televisiva Seriada da Intercom. Pesquisadora do GELiDis, Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (ECA-USP) e do ObEEC, Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação (UFMA). E-mail: ligia.lemos@gmail.com.

Lucina Reitenbach Viana é pós-doutora em Comunicação pela Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - UNISINOS, doutora e mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP - PR, especialista em Marketing pela FGV, especialista em Inovação e Educação pela Universidade São Judas Tadeu - USJT, bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UTP-PR e bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UTP-PR. E-mail: angel.lucina@gmail.com.

Márcio Leonardo Monteiro Costa é professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: marcio.monteiro@ufma.br.

Maria Luiza de Moraes Rego Moreira é graduanda do curso de Odontologia da Universidade Federal do Maranhão, email: rego.maria@discente.ufma.br.

Melissa Silva Moreira Rabêlo é professora adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado Profissional) da UFMA, mestre e doutora em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da UFMA, com estágio doutoral na *Hinds Hall da Syracuse University* (New York/EUA). E-mail: melissa.rabelo@ufma.br.

Osmilde Augusto Miranda é professor do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, em Huambo, Angola, doutor em Políticas Públicas no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA, mestre em Ciências Sociais e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: osmildemiranda@gmail.

Patrícia Azambuja é professora associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Psicologia Social pela UERJ e coordenadora do projeto de pesquisa [Gênero] Audiovisual Distribuído: políticas do ver, do imaginar e regime híbrido de imagens (financiado pela Fun-

dação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA). E-mail: patricia.azambuja@ufma.br.

Ramon Bezerra Costa é professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado Profissional), ambos da Universidade Federal do Maranhão. Realizou o pós-doutorado, o doutorado e o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordena o grupo de pesquisa ETC (Comunicação, Tecnologia e Economia) financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão. E-mail: ramon.bezerra@ufma.br.

Rayra Bruna Farias Guimarães é graduanda do curso de Comunicação Social - Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: rayra.guimaraes@discente.ufma.br.

Vera Regina Veiga Franca é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, pós-doutora em Sociologia junto ao CEMS (*Centre d'Etudes des Mouvements Sociaux*) da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (EHESS), na França, doutora em Ciências Sociais na Université René Descartes - Paris V e mestre em Comunicação pela UnB, com graduação em Comunicação Social / Jornalismo pela PUC-MG. E-mail: veravfranca@yahoo.com.br.

ObEEC
Observatório
de Experiências Expandidas
em Comunicação
10 ANOS



eBook PRODUZIDO NO BRASIL [2023]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br